

TFCA

A EXPERIÊNCIA
BRASILEIRA
THE BRAZILIAN
EXPERIENCE



Tropical Forest
Conservation Act

TFCA



Governo dos
Estados Unidos da América



Ministério do
Meio Ambiente

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

TFCA

A EXPERIÊNCIA
BRASILEIRA

THE BRAZILIAN
EXPERIENCE

TFCA

A EXPERIÊNCIA
BRASILEIRA

THE BRAZILIAN
EXPERIENCE

9	A HISTÓRIA
15	THE STORY
20	COMO FUNCIONA O TFCA
21	HOW THE TFCA WORKS
23	QUEM FAZ
	WHO DOES IT
32	ENTREVISTA MMA
33	MMA INTERVIEW
34	ENTREVISTA USAID
35	USAID INTERVIEW
36	ENTREVISTA FUNBIO
37	FUNBIO INTERVIEW
38	EM NÚMEROS
	IN NUMBERS
40	ONDE ACONTECE
	PROJECT LOCATION
42	UMA JORNADA DE GRANDES HISTÓRIAS
	A JOURNEY OF GREAT STORIES
44	CERRADO
116	MATA ATLÂNTICA
	ATLANTIC FOREST
188	CAATINGA
261	CRÉDITOS & AGRADECIMENTOS
	CREDITS & ACKNOWLEDGEMENTS
262	CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
	PHOTO CAPTIONS

Este livro é dedicado a todos os que acreditaram e trabalharam para transformar em realidade os projetos apoiados pelo TFCA.

This book is dedicated to all those who believed and worked to turn the projects supported by the TFCA into reality.

A HISTÓRIA

Em agosto de 2010, Brasil e Estados Unidos assinaram um acordo que, nos anos seguintes, transformaria ideias e sonhos em realidade. O Tropical Forest Conservation Act (TFCA), lei norte-americana de 1998 que possibilita a troca de dívida de países em desenvolvimento por investimentos na conservação de florestas tropicais, impactou direta e indiretamente a vida de milhares de pessoas no Cerrado, na Mata Atlântica e na Caatinga. Biomas vitais para a biodiversidade brasileira, porém tradicionalmente pouco favorecidos por recursos internacionais. Os US\$ 20,8 milhões do TFCA no Brasil apoiaram 82 iniciativas de 68 instituições em sete linhas temáticas. Proporcionaram mudanças no trabalho e no cotidiano de pessoas, impulsionaram projetos que se traduzem hoje em resultados.

Este livro reúne histórias, personagens e imagens do TFCA no Brasil. Conta uma bem-sucedida trajetória que fortalece a conservação nas áreas de atuação. Na experiência brasileira, destacam-se a dimensão continental do território nacional, o envolvimento desde as primeiras etapas de um grupo de representantes do governo e de ONGs com profundo conhecimento de florestas tropicais e a eficácia na execução dos projetos. Os cinco anos desse rico trabalho permitirão que os resultados e as lições aprendidas sejam utilizados como referência para iniciativas futuras. Foi por meio de inúmeras mãos e mentes dedicadas que o TFCA chegou ao Brasil. E a montagem dessa história começou muito antes de o contrato ser assinado.

O conceito de “dívida por natureza” – ou *debt for nature swap* – vem da década de 1980. Surgiu de um problema e de uma constatação. O problema: as dívidas externas das nações em desenvolvimento aumentavam cada vez mais, enquanto os indicadores de degradação ambiental desses territórios cresciam, igualmente, a passos largos. A constatação: uma coisa não estava dissociada da outra.

Os países que precisavam recorrer a empréstimos internacionais eram aqueles que ainda guardavam as porções mais impressionantes de biodiversidade do planeta. Se, por um lado, o dinheiro que chegava das nações ricas impactava atividades locais que degradavam o meio ambiente, era essa mesma exploração dos recursos naturais — entre outras, extração de madeira e minério — que ajudava a pagar as dívidas contraídas.

O ciclo, portanto, parecia sem fim. Foi quando as primeiras iniciativas de “dívida por natureza” começaram a apontar rotas alternativas. O princípio era simples: um país credor aceitava negociar com um devedor a redução de parte da dívida, convertendo-a em investimentos em conservação ambiental.

Em 1987, uma parceria do governo da Bolívia com a ONG Conservação Internacional (CI) selava o primeiro acordo no modelo *debt for nature*. A ONG pagou uma parte da dívida externa boliviana. Em troca, o país se comprometeu a estabelecer um fundo voltado para a gestão da Reserva da Biosfera de Beni e ainda a criar três áreas protegidas em seu entorno. De lá para cá, mais de US\$ 1 bilhão¹ que seriam usados para pagar dívidas externas permaneceram nos países em desenvolvimento para alavancar projetos locais de conservação.

Nos Estados Unidos, a partir de 1991, o Enterprise for the Americas Initiative (EAI) destinou, em sete anos, US\$ 875 milhões da dívida externa de oito países da América Latina e do Caribe a projetos ambientais e voltados para a infância.

Em 1998, um novo passo: o Congresso americano aprovou o TFCA, direcionado a países com florestas tropicais. Belize e Bangladesh adentraram o século XXI como os primeiros beneficiários do TFCA. Depois, outros 12 países das Américas Central e do Sul, além da Ásia e

1 <<https://www.cbd.int/financial/debtnature/costarica-naturalsolutions.pdf>>.

da África, firmaram 18 acordos com os Estados Unidos até dezembro de 2014. Isso significou mais de US\$ 339 milhões² investidos em conservação florestal.

No Brasil, o TFCA já era discutido desde o início dos anos 2000. Ana Cristina Barros, secretária de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, era uma das mais ativas participantes do diálogo, na época representando a ONG The Nature Conservancy (TNC). Ela lembra que algumas pessoas não acreditavam que o TFCA vingaria em território nacional, por questões ideológicas: para elas, haveria oposição, com o argumento de que a dívida era ilegítima, por ter sido contraída durante a ditadura militar.

Porém, à medida que se passava para a ação, enfatiza Ana Cristina, foi constatado que tal resistência não existia por parte da sociedade civil. Pelo contrário: a percepção era de que se tratava de uma grande oportunidade para a conservação. E, tão logo foram iniciados os contatos oficiais, ficou claro o interesse do Brasil no acordo, recorda Richard Driscoll, à época conselheiro de Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Saúde da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. Driscoll acompanhou representantes do governo dos Estados Unidos nas negociações em Brasília, em que foram discutidas questões chave, como, por exemplo, a possibilidade de os recursos serem destinados a qualquer uma das florestas tropicais do país.

A conversa amadureceu. Entravam em questão o tempo e a concorrência, já que havia negociações dos Estados Unidos também com outros governos, e apenas parte dos pagamentos que seriam recebidos de países em desenvolvimento pode ser direcionada ao TFCA. Os negociadores americanos convenceram os oficiais do Tesouro de que era grande a possibilidade de assinar o acordo com o Brasil, o que foi feito em 12 de agosto de 2010. Foi assim que US\$ 20,8 milhões da dívida do Brasil com os EUA se transformaram em recursos que alavancariam 82 projetos de conservação na Mata Atlântica, no Cerrado e na Caatinga.

² Enterprise for the Americas Initiative and The Tropical Forest Conservation Act – 2014 Financial Reports.

Juntos, os três biomas se estendem por mais de quatro milhões de quilômetros quadrados, o que corresponde a quase 50% do território nacional. Mais de duas mil espécies de aves, 30 mil de vegetais e quase duas mil de peixes vivem neles, que também concentram grande parte da população. O desmatamento, porém, é significativo: a Mata Atlântica, que teve 51 projetos aprovados pelo TFCA, já perdeu quase 80% da floresta original. O Cerrado, que teve 21 trabalhos apoiados, cerca de 50%. E na Caatinga, onde 10 projetos foram desenvolvidos, a perda chega a 46%, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente.

Um mês depois da assinatura, o Ministério do Meio Ambiente fechava um acordo de cooperação técnica com o Funbio – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, que se tornou responsável pela gestão dos recursos. Em atividade desde 1996, a organização, à época dirigida por Pedro Leitão, trazia uma extensa experiência de administração de recursos originados de doações a acordos internacionais.

Em seguida, foi formado o comitê da Conta TFCA, presidido pelo Ministério do Meio Ambiente e composto por nove representantes: dos governos dos Estados Unidos (1) e do Brasil (3), do Conselho Nacional de Biodiversidade – Conabio (2), do Conselho Nacional de Florestas – Conaflor (2) e da sociedade civil, o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (1), que teria a função de acompanhar e deliberar sobre o uso dos recursos do acordo. Estava criada a estrutura que permitiu conduzir de modo eficiente e transparente o TFCA no Brasil.

Foi o comitê, por exemplo, que determinou as sete linhas temáticas das propostas apoiadas: Áreas Protegidas, Manejo de Paisagem, Capacitação, Manejo de Espécies, Projetos Comunitários, Fortalecimento de Redes e Capacitação para a Mobilização de Recursos Financeiros. Só os projetos de Áreas Protegidas envolveram mais de 362 mil hectares. No apoio à fauna, houve trabalhos voltados para pelo menos 13 espécies ameaçadas,

entre elas o muriqui-do-sul (*Brachyteles arachnoides*) e o papagaio-charão (*Amazona pretrei*).

Com os biomas definidos e o comitê formado, foram abertas, em 2011 e 2012, quatro chamadas de projetos, que receberam 250 propostas. Após a primeira triagem, feita pela equipe do Funbio, os projetos eram avaliados por 63 especialistas, que formavam uma câmara técnica. Em seguida, as propostas eram encaminhadas ao comitê para aprovação final.

Em fevereiro de 2012, foi iniciado o repasse para organizações que tiveram projetos apoiados. Apesar do elevado número de projetos, da diversidade de linhas temáticas e da dimensão do Brasil, a sintonia entre o acompanhamento físico e o financeiro dos projetos foi extremamente positiva, destaca Alexandre Mancuso, gerente de Meio Ambiente da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que intermediou a negociação do acordo. Além do repasse, lembra Rosa Lemos de Sá, secretária-geral do Funbio, houve também a preocupação de apoiar sempre que necessário a estruturação das organizações e orientá-las sobre a prestação de contas.

Cinco anos depois, os resultados comprovam o sucesso: das bordas do Sistema Cantareira, que abastece São Paulo, maior cidade do Brasil, a rincões sertanejos, o TFCA espalhou sementes e colheu transformações em 20 das 27 unidades federativas do Brasil. Mudou vidas.

Essas histórias, acompanhadas pelo brilho nos olhos de quem as viveu, ganham aqui um livro só para elas. As próximas páginas são dedicadas a todas as pessoas que fizeram acontecer o TFCA no Brasil.

THE STORY

In August 2010, Brazil and the United States signed an agreement that, in the following years, would transform ideas and dreams into reality. The Tropical Forest Conservation Act (TFCA), a 1998 US law that allows the exchange of debt of developing countries for investments in the conservation of tropical forests, impacted directly and indirectly the lives of thousands of people in the *Cerrado*, the Atlantic Forest and the *Caatinga*: Biomes which are vital for the Brazilian biodiversity, but traditionally little favored by international resources. The TFCA in Brazil's US\$20.8 million supported 82 initiatives in 68 institutions over seven thematic areas. It provided changes in the work and the daily lives of people; boosted projects that today have translated into results.

This book brings together the stories, the characters and pictures of the TFCA in Brazil. It tells of the successful journey that strengthened conservation in the areas it operated in. In the Brazilian experience, the continental dimensions of the country are highlighted together with the involvement, from the earliest stages, of a group of government officials and NGOs with a profound knowledge of tropical forests and the effective implementation of the projects. The five years of this rich work will allow that the results and lessons learned be used as a reference for future initiatives. It was by means of many dedicated hands and minds that the TFCA arrived in Brazil. And this story began to come together long before the signing of the contract.

The concept of "debt for nature swap" comes from the 1980s. It emerged from a problem and a confirmation. The problem: The external debt of developing nations was growing more and more, while indicators of environmental degradation within these territories also grew by leaps and bounds. The confirmation: One thing was not dissociated from the other.

The countries that needed to resort to international loans were those that still had the most impressive sections of biodiversity on the planet.

If, on the one hand, the money that came from wealthy nations impacted on local activities that degraded the environment, it was this same exploitation of natural resources – logging and mining among others – which helped to pay the debts.

So the cycle, it seemed, was endless. It was then that the first initiatives of “debt for nature swap” began to point to alternative paths. The principle was simple: A creditor country accepted to negotiate with a debtor the reduction of part of the debt, converting it into investments in environmental conservation.

In 1987, a partnership between the Bolivian government and Conservation International (CI) sealed the first agreement in the debt for nature swap. The NGO paid a portion of Bolivia’s foreign debt. In return, the country pledged to establish a fund focusing on the management of the Beni Biosphere Reserve and also to create three protected areas in the vicinity. Since then, more than US\$1 billion¹ that would otherwise have been used to pay foreign debt have remained in developing countries strengthening local conservation projects.

In the United States, from 1991, the Enterprise for the Americas Initiative (EAI) allocated US\$875 million of the external debt of eight Latin American and Caribbean countries, over seven years, to projects that focused on the environment and infancy.

In 1998 there was a new development: The US Congress passed the TFCA, directed to countries with tropical forests. Belize and Bangladesh entered the 21st century as the first beneficiaries of the TFCA. Then, by December 2014, another 12 countries from Central and South America, as well as Asia and Africa, had signed 18 agreements with the United States. This meant more than US\$339 million² was invested in forest conservation.

1 <<https://www.cbd.int/financial/debtnature/costarica-naturalsolutions.pdf>>.

2 Enterprise for the Americas Initiative and The Tropical Forest Conservation Act – 2014 Financial Reports.

In Brazil, the TFCA had been under discussion since the early 2000s. Ana Cristina Barros, Secretary of Biodiversity and Forests of the Ministry of the Environment, was one of the most active participants in the dialogue, at the time representing the NGO The Nature Conservancy (TNC). She can recall how some people, for ideological reasons, did not believe that the TFCA could make headway in Brazil. For them, there would be opposition on the grounds that the debt was unlawful, as it had been contracted during the military dictatorship.

But Ms. Barros emphasizes that as they went into action, no such resistance on the part of civil society existed. On the contrary, the perception was that it was a great opportunity for conservation. Richard Driscoll, Counselor, Environment, Science & Technology, and Health at the U.S. Embassy Brasília at the time recalls that as soon as the official contacts were made, Brazil's interest in the agreement became clear. Mr. Driscoll accompanied representatives of the US government to talks in Brasília, where key issues were discussed, for example, the possibility that resources be allocated to any of the rainforests in the country.

The talks developed. Time and competition came into the question, seeming as the United States was also negotiating with other governments, and only part of the payments received from developing countries could be directed to the TFCA. The US negotiators persuaded Treasury officials that there was a good possibility of signing the agreement with Brazil, which was done on 12 August 2010. And so it was that US\$20.8 million of Brazil's debt with the US turned into resources that would develop 82 conservation projects in the Atlantic Forest, the *Cerrado* and the *Caatinga*.

Together, the three biomes extend for more than four million square kilometers, which corresponds to almost 50% of the country's landmass. More than two thousand bird species, 30,000 plant and nearly two thousand fish species live in them, together with a large portion of the

population. Deforestation, however, is significant: The Atlantic Forest, which had 51 projects approved by the TFCA, has lost nearly 80% of its original forest; the *Cerrado*, with its 21 supported projects, lost about 50%; and in the *Caatinga*, where 10 projects were developed, the losses reach 46%, according to the Ministry of the Environment.

A month after the signing, the Ministry of the Environment closed a technical cooperation agreement with Funbio – The Brazilian Biodiversity Fund, which became responsible for managing the resources. Operating since 1996, the organization, at the time directed by Pedro Leitão, brought wide experience in administering the proceeds of donations to international agreements.

Shortly afterwards the TFCA account committee was formed, chaired by the Ministry of the Environment and made up of nine representatives: The US government (1), the Brazilian government (3), the National Council for Biodiversity – CONABIO (2), the National Forestry Council – Conaflor (2) and civil society, the National Council for the Reserve of the Atlantic Forest Biosphere (1). This committee would have the task of monitoring and deciding on the use of resources of the Agreement. A structure had been created that allowed the TFCA to work efficiently and transparently in Brazil.

It was the committee, for example, that determined the seven thematic areas of the supported proposals: Protected Areas, Landscape Management, Training, Species Management, Community Projects, Network Strengthening and Training for Financial Resource Mobilization. The Protected Areas projects alone involved more than 362 000 hectares. In supporting the fauna, there were assignments that focused on at least 13 endangered species, including the southern *muriqui* (*Brachyteles arachnoides*) and the Red-spectacled parrot (*Amazona pretrei*). Having defined the biomes and formed the committee, four project calls were

opened in 2011 and 2012, which received 250 proposals. After first being screened by the Funbio team, the projects were evaluated by a technical board of 63 experts. Then, the proposals were forwarded to the committee for final approval.

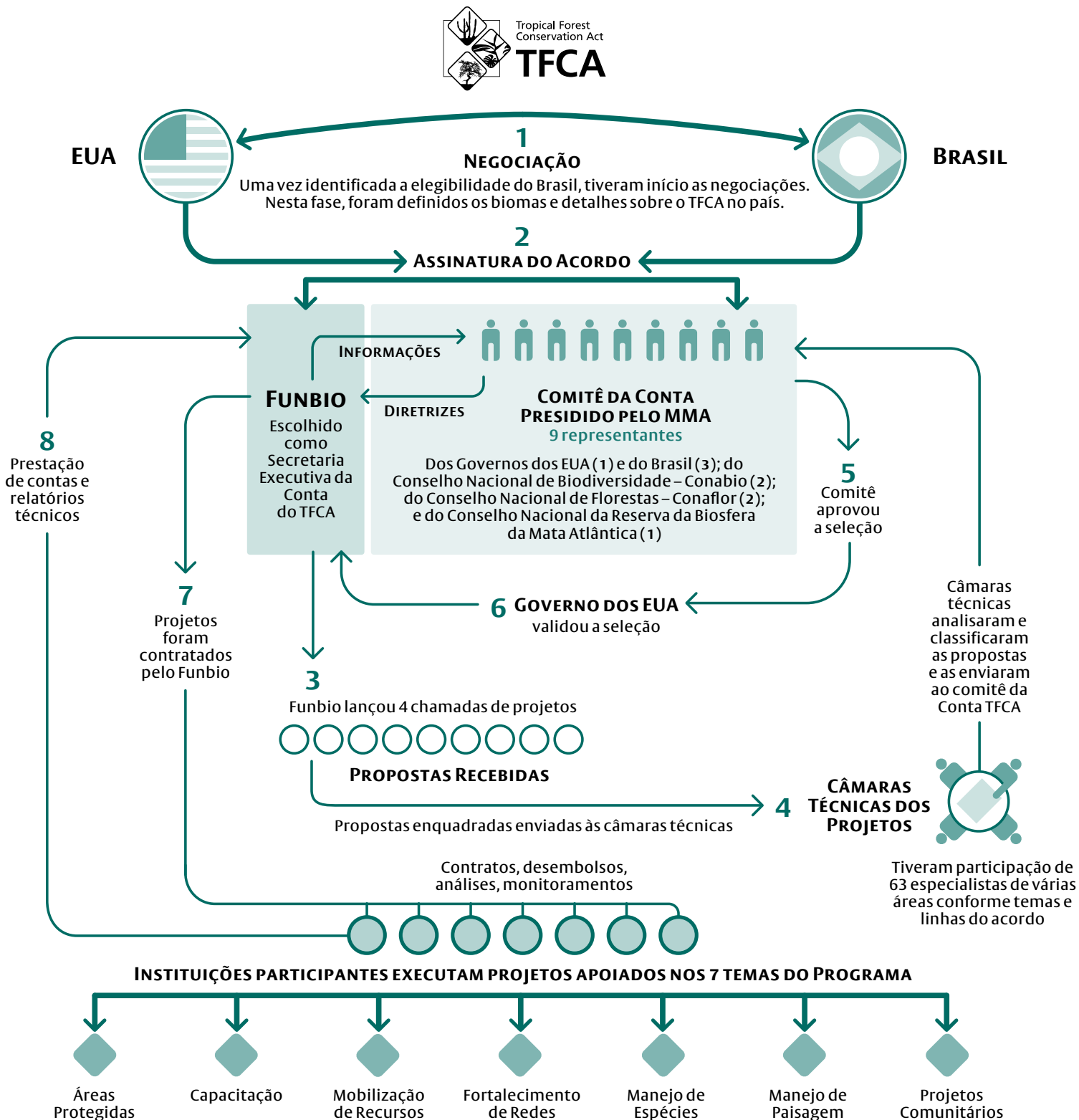
The transfer to organizations that had had their projects supported started in February 2012. Despite the high number of projects, the diversity of thematic areas and the size of Brazil, the synchronization between the physical monitoring and financial projects was extremely positive, says Alexandre Mancuso, Environment Manager at the United States Agency for International Development (USAID), which brokered the negotiation of the agreement. In addition to the transfer, Rosa Lemos de Sá, Funbio's CEO, remembers that there was also the constant concern to give the necessary support for structuring organizations and guiding them in accountability.

Five years later, the results prove the success: From the borders of the Cantareira System, which supplies water to Brazil's largest city, São Paulo, to the farthest flung corners of the interior, the TFCA sowed seeds and reaped changes in 20 of the 27 states of Brazil. It changed lives.

These stories, accompanied by the twinkle in the eyes of those who lived them, come together, here, in a book, just for them. The following pages are dedicated to all the people who made the TFCA happen in Brazil.

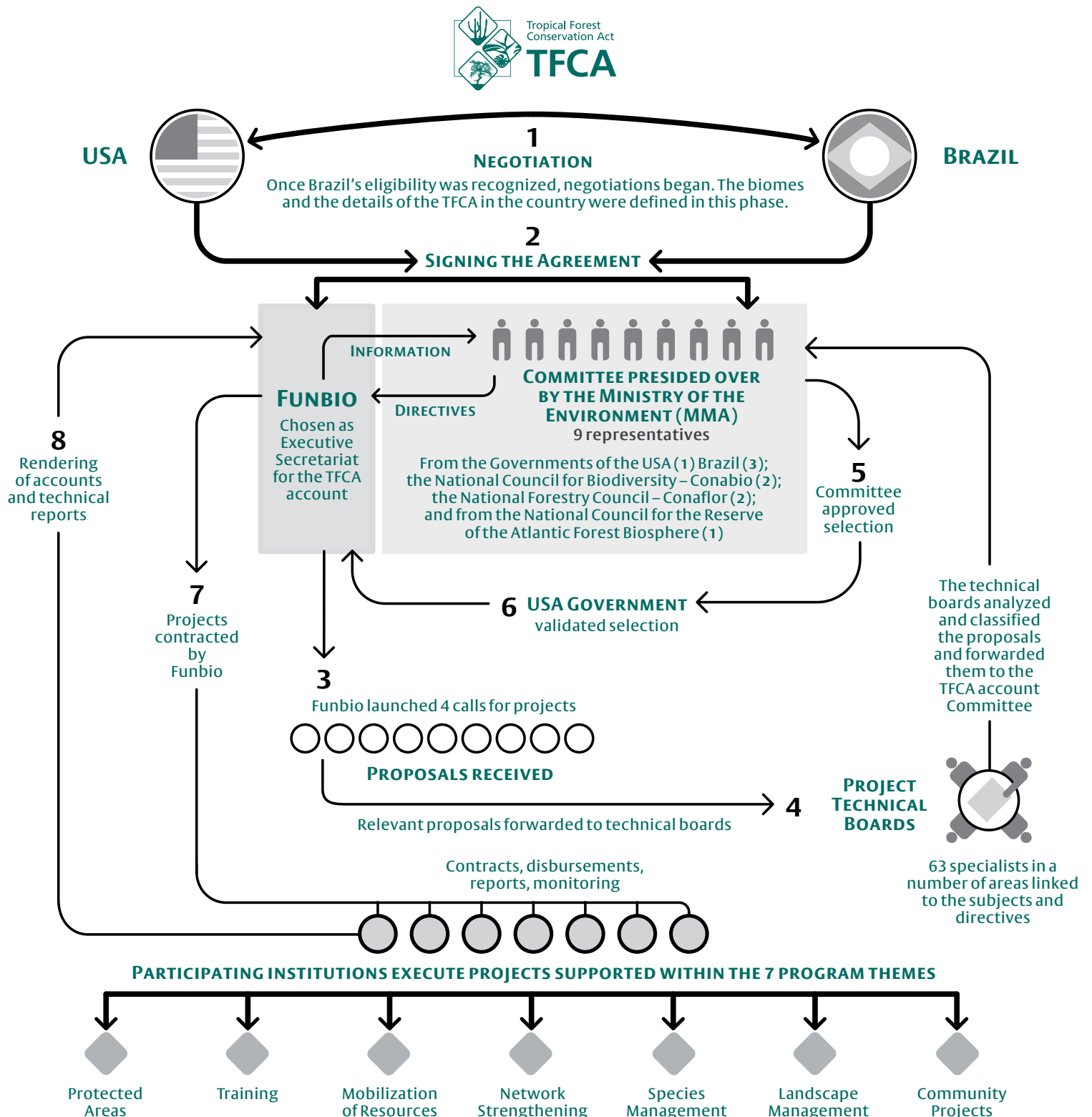
COMO FUNCIONA O TFCA

Criado em 1998 pelo governo dos EUA, o Tropical Forest Conservation Act (TFCA) permite que países em desenvolvimento troquem parte de suas dívidas com o país por investimentos em projetos ambientais. Até dezembro de 2014, 14 países já tinham assinado o TFCA, totalizando o valor aproximado de US\$ 339 milhões. Os governos do Brasil e dos EUA assinaram o acordo em 2010, o que viabilizou o uso de US\$ 20,8 milhões em iniciativas de conservação na Mata Atlântica, na Caatinga e no Cerrado.



HOW THE TFCA WORKS

Created in 1998 by the Government of the United States of America, the Tropical Forest Conservation Act (TFCA) allows developing countries to exchange part of their debt with the USA for investments in environmental projects. Up until December 2014, 14 countries had already signed the TFCA, making an approximate total value of US\$339 million. The governments of Brazil and the United States signed the agreement in 2010, which made feasible the use of US\$20.8 million in conservation initiatives in the Atlantic Forest, the *Caatinga* and in the *Cerrado*.



QUEM FAZ

CERRADO

MATA ATLÂNTICA

CAATINGA

WHO DOES IT

CERRADO

ATLANTIC FOREST

CAATINGA

CERRADO

ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA AGRICULTURA NO TOCANTINS – APA-TO Fortalecimento da Cadeia Produtiva do Babaçu da Região do Bico do Papagaio (TO) [Reinforcement of the Babassu Production Chain in the Bico de Papagaio Region, Tocantins State](#) ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO – ANSA Melhorando a Gestão do Conhecimento das Iniciativas Socioambientais das Entidades da Articulação Xingu-Araguaia (AXA) e Gerando Informações sobre as Alternativas de Restauração Florestal no Araguaia-Xingu [Improving Knowledge Management of Socio-Environmental Initiatives of the Articulação Xingu Araguaia \(AXA\) Organizations and Generation of Information on Forest Restoration Alternatives in the Araguaia-Xingu Region](#) ASSOCIAÇÃO ONÇA D'ÁGUA DE APOIO À GESTÃO E AO MANEJO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS Proteção, Uso Público e Monitoramento do Parque Estadual do Cantão [Protection, Public Use and Monitoring of the Cantão State Park](#) CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO DO CERRADO – CEDAC Agroextrativistas Garantindo seu Território: reservas extrativistas no Cerrado [Agroextractivists Guaranteeing Their Land: Extractive Reserves in the Cerrado](#) CENTRO DE FORMAÇÃO SÓCIO-AGRÍCOLA DOM HÉLDER CÂMARA Projeto Candeia: agroflorestas iluminando a vida e os caminhos para o renascer das águas do Aquífero Guarani [Candeia Project: Agroforestry Lighting Life and Paths Rising from the Waters of the Guarani Water System](#) COOPERATIVA MISTA DE AGRICULTORES FAMILIARES, EXTRATIVISTAS, PESCADORES, VAZANTEIROS E GUIAS TURÍSTICOS DO CERRADO – COOPCERRADO Fortalecendo a Organização Comunitária em Rede dos Agroextrativistas do Cerrado [Strengthening Community Network Organization of the Cerrado Agroextractivists](#) FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – FUNDAÇÃO ELISEU ALVES Manejo de Plantas do Cerrado: subsídios técnicos às políticas públicas de uso sustentável e conservação da biodiversidade [Cerrado Plant Management: Technical Subsidies for Public Policies in Sustainable Use and Conservation of the Biodiversity](#) FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO – FUNEP O Futuro da Conservação de Pequenas Populações Ameaçadas: banco genômico e reintrodução de embriões de cervo-do-pantanal [The Future of Conservation of Endangered Small Populations: Genome Bank and Reintroduction of Marsh Deer Embryos](#) FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E CULTURAL – FUNDECC Projeto Malha (Road) [Safety Net Project](#) FUNDAÇÃO FLORA DE APOIO À BOTÂNICA Conservação de Espécies da Flora Criticamente em Perigo de Extinção do Cerrado Brasileiro [Conservation of Critically Endangered](#)

[Species of Flora of the Cerrado](#) FUNDAÇÃO PRÓ-NATUREZA – FUNATURA Grande Sertão Veredas [Grande Sertão Veredas Project](#) INSTITUTO AMBIENTAL BRASIL SUSTENTÁVEL – IABS Curso de Capacitação em Espeleoturismo para Guias/Condutores de Espeleoturismo [Speleological Training Courses for Tour Guides and Speleotourism Leaders](#) INSTITUTO AMBIENTE EM FOCO – IAF Capacitação para a Mobilização de Recursos Financeiros e Desenvolvimento de Projetos Técnicos com Vista à Conservação e Restauração da Mata Atlântica e Cerrado no Noroeste Paulista [Training for the Mobilization of Financial Resources and Development of Technical Projects Concerning the Conservation and Restoration of the Atlantic Forest and Cerrado in the Northwest of São Paulo State](#) INSTITUTO DE APOIO À AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – REDE TERRA Recuperação de Áreas Degradadas com SAFs na Bacia do Rio São Bartolomeu e Entorno [Recovery of Degraded Areas in Agroforestry Systems in the São Bartolomeu River Basin and Surrounding Areas](#) INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL – IEB Capacitação em Gestão de Associações e Projetos de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade na Região da Chapada dos Veadeiros (GO) [Management Training in Associations and Conservation and Sustainable Use of Biodiversity Projects in the Chapada dos Veadeiros Region, State of Goiás](#) INSTITUTO PRÓ-TERRA Estudo Populacional e Taxonômico Visando à Reintrodução do Bicudo (*Sporophila maximiliani*) [Population and Taxonomic Study Aimed at the Reintroduction of the Great-billed Seed-finch \(*Sporophila maximiliani*\)](#) INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA – ISPN Do Baru ao Caroá: uso sustentável dos produtos da sociobiodiversidade do Cerrado e da Caatinga [From the Baru Fruit to the Caroá Plant: Sustainable Use of the Products of Social Biodiversity from the Cerrado and Caatinga](#) INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA Rede de Sementes do Xingu: geração de renda e valorização da sociobiodiversidade no Mato Grosso [Project Xingu Seed Network: Income Generation and Added Valuation of Socio-biodiversity in Mato Grosso State](#) INSTITUTO TERRA BRASILIS Conservação e Manejo do Pato-Mergulhão (*Mergus octosetaceus*) na Região do Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) [Conservation And Management The Brazilian Merganser \(*Mergus octosetaceus*\) in the Region Of The Serra Da Canastra National Park, Minas Gerais State](#) REDE DE SEMENTES DO CERRADO Formação Continuada no Cerrado [Strengthening and Structurization of the Cerrado](#) UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO – UBEE Estruturação da Cadeia Produtiva do Pequi [Structuralization of the Pequi Production Chain](#)

MATA ATLÂNTICA ATLANTIC FOREST

ASSESSORIA E SERVIÇOS A PROJETOS EM AGRICULTURA ALTERNATIVA – AS-PTA Árvores na Agricultura Familiar para a Conservação da Mata Atlântica [Trees in Family Farming for the Conservation of the Atlantic Forest](#) ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO MEIO AMBIENTE – AMA Dois Papagaios Ameaçados da Mata Atlântica, um Esforço de Conservação Comum [Two Endangered Parrots of the Atlantic Forest: One Common Conservation Effort](#) ASSOCIAÇÃO BROTAR E CRESCER – ABC Produção de Açaí, através do Manejo Sustentável da *Euterpe edulis*, no Município de Antônio Carlos (SC) [Açaí Production, through Sustainable Management of *Euterpe edulis* in the Municipality of Antônio Carlos, Santa Catarina State](#) ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PRESERVAÇÃO DE ECOSISTEMAS AQUÁTICOS – AQUASIS A Mata Atlântica da Caatinga: o periquito cara-suja (*Pyrrhura griseipectus*) como símbolo para conservação da Serra de Baturité [The Atlantic Forest Caatinga: The Gray Breasted Parakeet \(*Pyrrhura griseipectus*\) as a Symbol for Conservation of the Serra de Baturité, Ceará State](#) ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA VIDA – APREMAVI Planejamento e Capacitação em Unidades de Conservação [Planning and Training in Protected Areas](#) ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES AGROFLORESTAIS DE BARRA DO TURVO E ADRIANÓPOLIS – COOPERAFLORISTA Agrofloresta Gerando Desenvolvimento Comunitário e Conservação da Mata Atlântica [Agroforestry Generating Community Development and Conservation of the Atlantic Forest](#) ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES AGROFLORESTAIS DE BARRA DO TURVO E ADRIANÓPOLIS – COOPERAFLORISTA Agroflorestando o Vale do Ribeira [Agroforestry in the Ribeira Valley](#) ASSOCIAÇÃO FLORA BRASIL Conexão Verde: incentivo à criação de RPPN no entorno dos Parques Nacionais do Descobrimento e Monte Pascoal [Conexão Verde Project: Encouraging the Creation of an RPPN \(Private Natural Heritage Reserve\) in the Vicinity of the Descobrimento and Monte Pascoal National Parks](#) ASSOCIAÇÃO MICO-LEÃO-DOURADO – AMLD Restaurando Paisagens Florestais na APA Bacia do Rio São João [Restoring Forest Landscapes in the Environmental Preservation Area of the São João River Basin](#) ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO MECENAS DA VIDA Amigos do PESC: um exercício de gestão participativa no Parque Estadual Serra do Conduru [Friends of the Serra do Conduru State Park – \(PESC\) Bahia: A Participatory Management Exercise at the Serra do Conduru State Park](#) ASSOCIAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE – AMANE Rede de Gestores do Corredor da Mata Atlântica do Nordeste [Manager’s Network for the Northeast Atlantic Forest Corridor](#) Capacitando Lideranças para a Conservação da Mata Atlântica do Nordeste [Training Leaders for Conservation of the Atlantic Forest in the Northeast](#) ASSOCIAÇÃO PRÓ-MURIQUI Parâmetros Demográficos, Distribuição Geográfica e Conservação do Muriqui-do-Sul (*Brachyteles arachnoides*, PRIMATES, É. Geoffroy 1806) nos Estados de São Paulo e Paraná [Demographic Parameters, Geographical Distribution and Conservation of the Southern Muriqui \(*Brachyteles arachnoides*, PRIMATES, E. Geoffroy 1806\) in the States of São Paulo and Paraná](#) ASSOCIAÇÃO VIANEI DE COOPERAÇÃO E INTERCÂMBIO NO TRABALHO, EDUCAÇÃO, CULTURA E SAÚDE – AVICITECS Promoção e Fortalecimento da Cadeia Produtiva do Pinhão na Serra Catarinense, tendo como Protagonista a Agricultura Familiar Agroecológica e como Mote a Agregação de Valor e o Fortalecimento de Mercados Sustentáveis [Promotion and Strengthening of the Productive Chain of the Pine Nut \(Pinhão\) in Serra Catarinense, Focusing on Agro-ecological Family Agriculture, Adding Value to and Strengthening Sustainable Markets](#) CAIPORA – COOPERATIVA PARA CONSERVAÇÃO E PROTEÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual Fritz Plaumann e Fortalecimento dos seus Mecanismos de Gestão [Review of the Management Plan for the Fritz Plaumann State Park and the Strengthening of its Management Mechanisms](#) CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO DO EXTREMO

SUL DA BAHIA – TERRA VIVA Capacitação e Mobilização da Rede de Agroecologia do Extremo Sul da Bahia com Enfoque Agroecológico para o Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Familiar [Training and Mobilization of the Agroecology Network Project of Southern Bahia with an Agro-Ecological Approach for the Sustainable Development of Family Farming](#) Floresta de Alimentos [Food Forest](#) CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO SABIÁ Rede em Movimento Disseminando a Agrofloresta [Network for the Movement of Agroforestry Dissemination](#) CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL DA BAHIA – CEPEDES Semeando Novos Caminhos para uma Agricultura Familiar Sadia e Sustentável nos Assentamentos Lulão e Macadame no Extremo Sul da Bahia [Planting New Paths for Healthy and Sustainable Family Farming in the Lulão and Macadame Settlements in the Extreme South of Bahia State](#) CENTRO DE PESQUISAS AMBIENTAIS DO NORDESTE – CEPAN Rede de Restauração Ecológica do Corredor de Biodiversidade do Nordeste [Ecological Restoration Network of the Northeast Biodiversity Corridor](#) Fortalecendo Capacidades em Mobilização de Recursos Financeiros para Restauração Ecológica no Corredor de Biodiversidade do Nordeste [Strengthening Capacities for Mobilizing Financial Resources for Ecological Restoration in the Northeast Biodiversity Corridor](#) CENTRO ECOLÓGICO – CE Ampliação e Consolidação dos SAFs na Serra e Litoral Norte do Rio Grande do Sul [Expansion and Consolidation of Agroforestry Systems in the Mountains and North Coast of the State of Rio Grande do Sul](#) CONSERVATION INTERNATIONAL – CI BRASIL Consolidando as Unidades de Conservação da Bahia [Consolidating the Protected Areas in the State of Bahia](#) Aprofundando a Gestão Integrada de Corredores Ecológicos e Mosaicos de Áreas Protegidas [Project to Intensify Integrated Management of Ecological Corridors and Mosaics of Protected Areas](#) CRESCENTE FÉRTIL – PROJETOS AMBIENTAIS, CULTURAIS E DE COMUNICAÇÃO Recuperação Ambiental da Sub-Bacia do Rio Sesmarias Fase 1: diagnóstico físico e ambiental [Environmental Restoration of the Sesmarias River Subbasin Phase 1: Physical and Environmental Diagnosis](#) FUNDAÇÃO ARTHUR BERNARDES – FUNARBE Conservação de *Melipona capixaba*, Abelha Ameaçada de Extinção [Conservation of *Melipona capixaba* Bee: Threatened with Extinction](#) FUNDAÇÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – FAUEPG Capacitação em Técnicas de Desenvolvimento Rural Sustentável e Práticas de Regularização Ambiental de Propriedades Rurais de Base Familiar [Training in Sustainable Rural Development Techniques and Environmental Compliance Practices for Family-based Farms](#) FUNDAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE TECNOLOGIA – FEST Manutenção do Estoque Natural: experiências compartilhadas com a comunidade extrativista [Maintenance of Natural Stock: Shared Experiences with the Extractive Community](#) FUNDAÇÃO MATUTU Bases Comunitárias de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais – Contribuindo na Conservação no Parque Estadual da Serra do Papagaio [Community Bases for the Prevention and Combat of Forest Fires – Contributing to the Conservation in the Serra do Papagaio State Park](#) GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA – GAMBÁ Unidade de Conservação da Serra da Jibóia: uma estratégia para conservação no Extremo Norte do Corredor Central da Mata Atlântica [Protected Area of the Serra da Jibóia: A Strategy for Conservation in the Extreme North of the Central Corridor of the Atlantic Forest](#) INSTITUTO ALTO-MONTANA DA SERRA FINA Medidas de Controle e Erradicação da Espécie Exótica *Sus scrofa* em Unidades de Conservação das Terras Altas da Mantiqueira [Control Measures and Eradication of the Non-native *Sus scrofa* in Protected Areas of the Mantiqueira Highlands](#) INSTITUTO AMIGOS DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA – IA RBMA Construção de Indicadores de Sustentabilidade das Cadeias Produtivas da Sociobiodiversidade [Construction of Sustainability Indicators of the Production Chains of Socio-biodiversity](#) INSTITUTO DE PERMACULTURA E ECOVILAS DA MATA ATLÂNTICA – IPEMA Manejo Florestal Comunitário da Juçara e Cambuci [Community Forest Management of Juçara and Cambuci](#) INSTITUTO DE PESQUISAS DA MATA ATLÂNTICA – IPEMA Conservação do Muriqui-do-Norte (*Brachyteles hypoxanthus*) no Estado do Espírito Santo [Conservation of the Northern](#)

Muriqui [woolly spider monkey] (*Brachyteles hypoxanthus*) in the State of Espírito Santo INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS – IPÊ Estratégia para Conservação da Onça-Pintada (*Panthera onca*) no Alto Rio Paraná: pesquisas, publicações e plano de manejo de metapopulação para a espécie [Strategy for Conservation of the Jaguar \(*Panthera onca*\) in the Upper Paraná River: Research, Publications and Metapopulation Management Plan for the species](#) Projeto Embaúba: recuperação de áreas degradadas no Corredor Cantareira-Mantiqueira [Embaúba Project: Recuperation of Degraded Areas in the Cantareira-Mantiquiera Corridor](#) Multiplicando Saberes: capacitação das instituições participantes do PAN Mamac para mobilização financeira [Multiplying Knowledge: Training of the Participating Institutions of PAN Mamac \(National Action Plan for the Conservation of Mammals in the Central Atlantic Forest\) – for Financial Mobilization](#) INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CIDADANIA DO VALE DO RIBEIRA – IDESC Formando Florestas: recuperação florestal participativa em unidades de conservação no Mosaico do Jacupiranga (SP) [Creating Forests: Participatory Forest Recovery in Protected Areas in the Jacupiranga Mosaic, São Paulo State](#) INSTITUTO PRI-MATAS PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE Remoção e Translocação do Mico-Leão-de-Cara-Dourada (*Leontopithecus chrysomelas*) Invasor na Área de Ocorrência do Mico-Leão-Dourado (*Leontopithecus rosalia*) [Removal and Relocation of the Golden-headed Lion Tamarin \(*Leontopithecus chrysomelas*\) Invading the Area of Occurrence of the Golden Lion Tamarin \(*Leontopithecus rosalia*\)](#) INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA Estratégias de Implementação do Planejamento e Gestão Territorial: oportunidades e desafios para os territórios quilombolas do Vale do Ribeira [Strategies for Implementation of Planning and Land Management: Opportunities and Challenges for the *quilombola* territories of the Ribeira Valley](#) INSTITUTO XOPOTÓ PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL, ECONÔMICO E AMBIENTAL Agente Ambiental – Fase II [Environmental Agent – Phase II](#) INSTITUTO YNAMATA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA UCs Privadas no Âmbito do Programa Floresta Legal [Private Protected Areas \(UCs\) in the Legal Forest Program Sector](#) MATER NATURA – INSTITUTO DE ESTUDOS AMBIENTAIS Implantação do Plano de Conservação do Bicudinho-do-Brejo (*Stymphalornis acutirostris*) [Implementation of the Conservation Plan for the Paraná Antwren \(*Stymphalornis acutirostris*\)](#) ConBio: investindo na capacitação como estratégia para a conservação da Mata Atlântica [ConBio, Investing in Training as a Strategy for the Conservation of the Atlantic Forest](#) Ações de Governança Territorial da Rede Gestora do Corredor de Biodiversidade do Rio Paraná [Territorial Governance Actions of the Management Network of the River Paraná Biodiversity Corridor](#) ORGANIZAÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE TERRAS DO BAIXO SUL DA BAHIA – OCT Uma Estratégia de Agroconservação na Bacia do Rio Juliana – APA do Pratigi [An Agro-conservation Strategy in the Juliana River Basin – Environmental Preservation Area of Pratigi](#) Restaurando Serviços Ambientais nas Subbacias do Mina Nova e Vargido – APA do Pratigi [Restoring Environmental Services in the Subbasins of Mina Nova and Vargido – Environmental Preservation Area of Pratigi, Bahia State](#) ORGANIZAÇÃO PARA O BEM DA ÁGUA, DA NATUREZA E DA VIDA – AMANHÁGUA Continuidade da Recuperação de Áreas Degradadas de Mata Atlântica na Área de Abrangência do Parque Estadual da Serra do Papagaio e em Mananciais Hídricos de Abastecimento Urbano no Sul de Minas Gerais [Continuity in the Recovery of Degraded Areas of the Atlantic forest within the Catchment Area of the Serra do Papagaio State Park and Water Sources for Urban Supply in the South of Minas Gerais State](#) PÁTIO DAS ARTES Pró-Mata: uma ação de restauração florestal para proteção de remanescente da Mata Atlântida no Vale do Paraíba [Pró-Mata: A Forest Restoration Act for the Protection of the Remaining Atlantic Forest in the Paraíba Valley](#) SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL – SPVS Pesquisa e Capacitação em Restauração Ambiental na Floresta Atlântica do Paraná [Research and Training in Environmental Restoration in the Atlantic Forest of Paraná](#) Projeto de Conservação do Papagaio-de-Cara-Roxa (*Amazona brasiliensis*) [Conservation Project of the Red-Tailed Amazon Parrot \(*Amazona brasiliensis*\)](#)

CAATINGA

ASSOCIAÇÃO CONSERVAÇÃO DA VIDA SILVESTRE – WCS BRASIL Oportunidades de Criação de Unidades de Conservação na Caatinga, com Ênfase no Rio Grande do Norte [Opportunities for the Creation of Protected Areas in the Caatinga, with Emphasis on the State of Rio Grande do Norte](#) ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE – FITOVIDA Conservação, Recuperação e Uso Econômico Sustentável da Biodiversidade para Produção de Matéria-Prima e Bioprodutos em Municípios da Caatinga Potiguar, com a Valorização de Produtos Florestais Não Madeireiros [Conservation, Restoration and Economically Sustainable Use of Biodiversity for Raw Material Production and Bioproducts in the Caatinga Potiguar Municipalities, with the Valorization of Non-timber Forest Products](#) ASSOCIAÇÃO PLANTAS DO NORDESTE – APNE Consolidação e Conservação da RPPN Fazenda Almas (PB) [Consolidation and Conservation of the Private Natural Heritage Reserve \(RPPN\) Fazenda Almas, in the State of Paraíba](#) Avaliação e Implementação Comunitária de Manejo Florestal Sustentável da Caatinga [Evaluation and Community Implementation of Sustainable Forest Management of the Caatinga](#) ASSOCIAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA ERNESTO LUIZ OLIVEIRA JÚNIOR – ATECEL Potencialidades para Criação de Unidade de Conservação de Proteção Integral na Serra de Santa Catarina (PB) [Potentialization for the Creation of Integral Protected Area in the Serra Santa Catarina – Paraíba State](#) COMISSÃO ILHA ATIVA – CIA Fortalecimento das Comunidades Tradicionais da Ilha Grande de Santa Isabel (PI) para Conservação e Manejo Sustentável dos Recursos Naturais [Strengthening of Traditional Communities on the Ilha Grande de Santa Isabel, Piauí State for the Conservation and Sustainable Management of Natural Resources](#) FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA TERRA POTIGUAR – FUNDEP Monumento Natural Cavernas de Martins [The Cavernas De Martins Natural Monument](#) INSTITUTO DE ECOLOGIA SOCIAL CARNAÚBA Conservação, Recuperação e Uso Econômico Sustentável do Babaçu nas Serras da Meruoca e da Ibiapaba [Conservation, Restoration and Sustainable Economic Use of the Babassu Palm in the Serras of Meruoca and Ibiapaba, State of Ceará](#) INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA – ISPN Capacitação de Projetos de Temática Ambiental [Environmental Project Training](#) ORGANIZAÇÃO SERTANEJA DOS AMIGOS DA NATUREZA – SOS SERTÃO Consolidação do Manejo Florestal Comunitário em Projetos de Assentamentos Rurais Localizados na Caatinga do Estado da Paraíba [Consolidation of Community Forest Management in Rural Settlement Projects Located in the Caatinga of the State of Paraíba](#)

ENTREVISTAS

MMA

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

USAID

AGÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS PARA
O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL

FUNBIO

FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE

INTERVIEWS

MMA

MINISTRY OF THE ENVIRONMENT

USAID

UNITED STATES AGENCY FOR
INTERNATIONAL DEVELOPMENT

FUNBIO

BRAZILIAN BIODIVERSITY FUND

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA

ANA CRISTINA BARROS
Secretária de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente

Como se deu seu envolvimento com o TFCA e qual sua avaliação dos resultados?

Desde 2003-2004, acompanhava o TFCA pelo lado da sociedade civil, na época pela (ONG) The Nature Conservancy (TNC). Inicialmente, especulava-se que havia um preconceito, a ideia de que, ao assinar o acordo, o Brasil estaria reconhecendo uma dívida ilegítima contraída durante a ditadura. Mas, à medida que a conversa avançava, via-se que isso não existia. Um grande grupo da sociedade civil foi reunido e a percepção era de uma enorme oportunidade para a conservação. Foi a visão da hoje ministra Izabella Teixeira, à época na Secretaria Executiva do Ministério do Meio Ambiente, que promoveu o avanço. Ela viu que se tratava de uma iniciativa importante e abraçou a causa. Foi quando as negociações avançaram. O Brasil teve uma *performance* exemplar em termos de agilidade de execução.

Quais as características mais marcantes do TFCA no Brasil?

A primeira é a magnitude espacial. É um mapa impressionante, com mais de 80 projetos distribuídos pelo país. O TFCA deixa de legado uma série de lições relacionadas a como operar um recurso como o disponibilizado: da elaboração de um plano estratégico à gestão do comitê. O entendimento do valor da representação, do cuidado com a isenção, para evitar conflito de interesse aparente ou real. A organização da sociedade civil, que, se estivesse no conselho, abriria mão de submeter projetos. Isso tem um alto valor. O TFCA atuou no nicho de pequenos projetos, mas permitiu também a participação de maiores e, com isso, atingiu espectro com distintas complexidades. A diversidade de beneficiários se deve à capacidade do Funbio de ser horizontal e vertical, de atender a esses vários públicos nessas diferentes geografias. O Funbio tem

papel muito importante como órgão administrador num tal raio de abrangência.

Como se deu a escolha do Funbio?

Primeiro, pelo histórico de parceria com o governo brasileiro, o Funbio é a agência implementadora do programa Áreas Protegidas da Amazônia (Arpa). Havia também a exigência de administração privada dos recursos. O Funbio era resposta única e, para nossa sorte, única e boa.

Como são medidos resultados de uma iniciativa tão grande?

As pessoas acabam medindo os resultados apenas pela execução financeira, o que é pouco. É preciso olhar para a diferença que resultou, disso depende a calibragem dos projetos. Eles queriam fazer a diferença em seus universos. A aposta do TFCA, que acho correta, foi manter e alimentar a conservação na ponta.

Qual a sua avaliação em relação ao impacto sobre políticas públicas?

É difícil falar numa relação direta. Políticas de governo são resultado de uma série de fatores. Dentre as diferentes linhas apoiadas, e para citar apenas uma, podem-se mencionar os resultados do manejo de espécies ameaçadas, que contribuiu para trazer à tona, dar mais visibilidade e integrar as várias entidades. Os resultados apoiaram o Pró-Espécies (*programa oficial cujo objetivo é adotar ações de prevenção, conservação, manejo e gestão para minimizar ameaças e o risco de extinção*), a lista das espécies ameaçadas de extinção e cada um dos planos de ação de recuperação dessas espécies. Este exemplo mostra como flora e fauna ganharam muito com as inúmeras e distintas sementes plantadas pelos projetos apoiados pelo TFCA, seja tecnicamente, seja pela visibilidade.

MINISTRY OF THE ENVIRONMENT – MMA

ANA CRISTINA BARROS
Secretary of Biodiversity and Forests of the Brazilian Ministry of the Environment

How did your involvement with the TFCA begin and what is your assessment of the results?

Since 2003, 2004, I have accompanied the TFCA from the civil society point of view. At that time I was with The Nature Conservancy (TNC – NGO). Initially, it was thought that there was going to be prejudice; the idea that by signing the agreement, Brazil would be recognizing an illegitimate debt taken on during the dictatorship. But, as the conversations progressed, we could see that that prejudice didn't exist. A large group of civil society was called together, and the perception was one of an incredible opportunity for conservation. It was the vision of our current Minister, Izabella Teixeira, at the time the Executive Secretary at the Ministry of the Environment, who promoted the idea. She saw that it was an important initiative and embraced the cause. That's when the negotiations started moving forward. In terms of agility, Brazil's performance was exemplary.

What are the most striking features of the TFCA in Brazil?

The first is the immensity of the distances. The map is impressive, with more than 80 projects taking place throughout the country. The TFCA leaves the legacy of a series of lessons in how to operate resources according to their availability, the development of a strategic plan for the management committee. Understanding the value of representation, the care of exemption in order to avoid apparent or real conflict of interest. The civil society organization that was on the board would give up the right to submit projects. This is very valuable. The TFCA worked in the niche area of small projects, but also allowed for the participation of larger ones and, therefore, reached a spectrum of different complexities. The diversity of beneficiaries is because of Funbio's ability to work laterally and vertically to meet the needs of these different publics, in

these different geographies. Funbio plays a very important role as an administrating body over such wide distances.

How did the choice of Funbio come about?

Firstly, because of its historic partnership with the Brazilian government, Funbio is the implementing agency of the Amazon Protected Areas Program (Arpa). There was also the requirement for private management of resources. Funbio was the only answer and, luckily for us, the only one and a good one.

How are the results of such a major initiative measured?

People end up measuring results only by financial achievement, which is limited. You have to look at the difference that has been made, and this depends on how you measure the projects. They want to make a difference in their own world. The focus of the TFCA, which I think is correct, was to maintain and feed conservation at the very "tip".

What is your assessment regarding the impact on public policy?

It is difficult to speak of a direct relationship. Government policies are a result of a number of factors. Among the different subjects supported, and to name just one, we can mention the results of the management of endangered species, which has helped to bring the subject out into the open, give it more visibility and to integrate the various organizations. The results supported 'Pró-Espécies' [an official program the goal of which is to adopt activities of prevention, conservation, and management to minimize the threat and risk of extinction], the list of endangered species and each of the recovery action plans of these species. This example shows how flora and fauna have benefited immensely from the many different seeds planted by the projects supported by the TFCA, either technically, or visibly.

AGÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL – USAID

ALEXANDRE MANCUSO

Ponto focal no Brasil da Secretaria Executiva do TFCA.

Gerente de Meio Ambiente da USAID. Participa do TFCA desde 2010.

Entre 2010 e 2015, 82 projetos foram apoiados pelo TFCA no Brasil. Como o senhor avalia a experiência do TFCA no país?

Muito exitosa. Três importantes biomas brasileiros foram contemplados com projetos de comprovado impacto positivo, que contribuiram também para o fortalecimento de organizações da sociedade civil, universidades e bases comunitárias. Esses projetos deixam uma base importante para que políticas públicas sejam desenhadas e estabelecidas, bem como abrem uma oportunidade para que outros fundos, doadores e investidores públicos ou privados também participem.

E nos demais países, quais os principais resultados?

Cada país guarda seu histórico de desafios e sucessos. As lições aprendidas e as boas práticas observadas nos fundos mais antigos serviram para aprimorar a experiência dos fundos mais jovens. Em alguns países, os fundos apoiados pela Conta TFCA experimentaram uma nova fase após a conclusão e são hoje fundos ambientais autossustentáveis que remuneram seus investidores.

Que particularidades podem ser destacadas na implementação do TFCA no Brasil em relação a outros países (o acordo já foi assinado com mais de dez governos)?

Gostaria de destacar a diversidade de assuntos explorados nas chamadas de projetos e também os processos de *pre-award* (pré-financiamento), acompanhamento e auditoria dos projetos, que garantiram o uso eficaz dos recursos e os resultados alcançados até agora.

Quais as principais lições aprendidas no Brasil que podem servir de referência para países em que o acordo está em andamento ou que ainda o assinarão?

Faço referência a minha resposta anterior: o Brasil é um país continental, com longas distâncias entre os projetos e condições de acesso desafiadoras. A sintonia entre o acompanhamento financeiro e o físico dos projetos se saiu muito bem e pode servir de exemplo para outros países com atividades apoiadas pela Conta TFCA.

Como foi a escolha dos biomas a que os recursos foram destinados no Brasil?

Os biomas foram escolhidos por consenso durante as discussões de formação da Conta TFCA no Brasil.

Qual o principal legado deixado pelo TFCA no Brasil?

Os resultados dos projetos e o fortalecimento das instituições executoras. O TFCA também deixa aberto um novo fórum para discutir os desafios e impactos pelos quais passam os biomas brasileiros.

O que o senhor diria aos participantes dos 82 projetos apoiados pelo TFCA no Brasil?

Muito obrigado. Suas ideias e ideais ajudaram a fazer a diferença no constante trabalho de uso consciente e preservação do Cerrado, da Caatinga e da Mata Atlântica no Brasil.

Existe a possibilidade de um TFCA2 no Brasil?

Os saldos de dívidas do Brasil com os Estados Unidos que poderiam ser utilizados em um TFCA2 já foram todos convertidos.

UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT – USAID

ALEXANDRE MANCUSO

Focal point in Brazil of the TFCA Executive Secretariat.
Environment Manager of USAID. Has participated in the TFCA since 2010.

Between 2010 and 2015, 82 projects were supported by the TFCA in Brazil. How do you evaluate the TFCA's experience in the country?

Very successful. Three important Brazilian biomes were considered for projects with a proven positive impact, which also contributed to the strengthening of civil society organizations, universities and community bases. These projects create an important basis for public policies to be designed and established and open an opportunity for other funds, donors and public and private investors to participate.

And in other countries, what have been the main results?

Each country has its own history of challenges and successes. Lessons learned and the good practises observed in older funds have served to improve the experience of the younger funds. In some countries, the funds supported by the TFCA experienced a new phase after completion and are now self-sustaining environmental funds that pay their investors.

What special features can be highlighted in the implementation of the TFCA in Brazil compared to other countries (the agreement has been signed by more than ten governments)?

I would like to highlight the diversity of topics explored in the original project calls and also the pre-award process (pre-financing), monitoring and auditing of projects, which ensured the effective use of resources and the results achieved so far.

What are the main lessons learned in Brazil that can serve as a reference for countries in which the agreement is still in progress or even have yet to sign?

I refer to my previous answer: Brazil is a continental country with huge distances between projects and challenging accessibility. The fine-tuning between the physical and financial monitoring of projects performed very well and can serve as an example for other countries with activities supported by the TFCA.

How did you make the choice of biomes to which resources were allocated in Brazil?

Biomes were chosen by consensus during the discussions about the formation of the TFCA in Brazil.

What is the main legacy left by the TFCA in Brazil?

The results of the projects and the strengthening of executing institutions. The TFCA also leaves open a new forum to discuss the challenges and impacts which the Brazilian biomes are facing.

What would you say to the participants of the 82 projects supported by the TFCA in Brazil?

Thank you very much. Your ideas and ideals have helped make the difference in the constant work of responsible use and preservation of the *Cerrado*, the *Caatinga* and the Atlantic Forest in Brazil.

Is there the possibility of a TFCA2 in Brazil?

The outstanding debt between Brazil and the United States that could be used in a TFCA2 has all been covered.

FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE – FUNBIO

ROSA LEMOS DE SÁ

Secretária-Geral do Funbio – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, o qual, desde 2010, exerce a secretaria executiva da Conta TFCA.

O que destacaria na experiência do TFCA no Brasil?

Um dos pontos mais importantes no modelo do TFCA no Brasil foi a disponibilização de recursos para biomas que recebem pouco volume de doações e para instituições locais que têm dificuldade de acessar ou atender as exigências de doadores internacionais: organizações de base, ONGs de pequeno porte, importantíssimas localmente, com capacidade de executar projetos. O fortalecimento delas é fundamental para que se tornem mais efetivos o uso sustentável dos recursos naturais, o trabalho de conservação e a educação ambiental nas regiões em que atuam. Também muito importante foi a escolha dos biomas. A Caatinga, por exemplo, é essencial para a conservação da biodiversidade no Brasil, mas atrai menos recursos de doadores internacionais. O mesmo com relação ao Cerrado e, em menor escala, à Mata Atlântica.

Como é feito o monitoramento dos trabalhos?

O monitoramento financeiro é muito importante, mas os resultados que as instituições alcançam localmente também devem ser monitorados. O Funbio faz esse acompanhamento, fundamental para demonstrar o resultado da conservação no final do projeto. São visitas de campo de acompanhamento, elaboração de relatórios de monitoramento, registro de todo o processo e do trabalho. Isso se traduz em experiência, que será aplicada em projetos futuros. A transparência é um elemento central. Isso tudo gera um aprendizado, e as experiências poderão ser replicadas por outras instituições.

Esse tipo de trabalho tem impacto sobre políticas públicas?

Certamente. Esses projetos se tornam demonstrativos e muitas vezes são replicados localmente. Com isso, podem influenciar as políticas públicas locais e, dependendo da atuação, até as nacionais.

Uma das preocupações foi também apoiar o fortalecimento das instituições...

Uma das vantagens de trabalhar com o Funbio é que capacitamos as instituições para que façam a gestão financeira desses recursos. Não se trata simplesmente de repassar o dinheiro, há um trabalho organizacional grande para apoiar a estruturação da instituição e orientá-la sobre prestação de contas.

O Funbio tem quase 20 anos de experiência no trabalho com diferentes fontes de recursos, entre elas grandes doadores internacionais. O que foi particular no TFCA?

O apoio a mais de 80 projetos nos três biomas é de grande importância, não apenas para as instituições, mas também para o Funbio, que se estruturou para acompanhar essas iniciativas. Isso influenciou o modo como monitoramos parcerias e deu origem a processos que poderão ser replicados em projetos semelhantes. E esperamos ter a oportunidade de trabalhar futuramente em projetos do mesmo tipo com outros doadores e recursos, mas no mesmo modelo.

Como se iniciou a participação do Funbio no TFCA?

O Funbio tem grande experiência em editais, no repasse de recursos para instituições menores. Pelo perfil de mecanismo financeiro e por esse diferencial, foi selecionado como gestor financeiro do TFCA no Brasil.

BRAZILIAN BIODIVERSITY FUND – FUNBIO

ROSA LEMOS DE SÁ

CEO of Funbio – The Brazilian Biodiversity Fund – which since 2010 has performed the function of the TFCA Account Executive Secretariat.

What would highlight the TFCA's experience in Brazil?

One of the most important points in the TFCA model in Brazil was the availability of resources to biomes which receive very few donations and local institutions that have difficulty accessing or meeting the requirements of international donors: Grassroots organizations, small NGOs which are very important locally, with the capacity to execute projects. The strengthening of these is essential to make more effective the sustainable use of natural resources, conservation work and environmental education in the regions where they operate. The choice of biomes was also very important. The *Caatinga*, for example, is essential for the conservation of biodiversity in Brazil, but it attracts fewer resources from international donors. The same applies to the *Cerrado* and, to a lesser extent, the Atlantic Forest.

How is the work monitored?

Financial monitoring is very important, but the results that institutions achieve locally also have to be monitored. Funbio carries out this monitoring, which is vital in showing the results of conservation at the end of the project. The work includes accompanying field visits, preparation of monitoring reports, recording of the whole work process. This translates into experience that will be applied to future projects. Transparency is a central element. All this generates learning and other institutions can reproduce the experience.

Does this kind of work have an impact on public policy?

Certainly. These projects become demonstrative and are often replicated locally. So they can influence local public policy and depending on the activity, even national ones.

One concern was also to support the strengthening of the institutions...

One of the advantages of working with Funbio is that we empowered the institutions to financially manage these resources. It wasn't simply a case of passing on the money; there's a huge amount of organizational work to support the structuring of the institution and advise it on accounting.

Funbio has nearly 20 years of experience in working with different funding sources, including major international donors. What was special about the TFCA?

Support for more than 80 projects in the three biomes is of great importance, not only for the institutions but also for Funbio, which is structured to accompany these initiatives. This influenced the way we monitored partners and gave rise to processes that can be replicated in similar projects. And we hope we'll have the opportunity to work on future projects of the same kind with other donors and resources, but in the same model.

How did the participation of Funbio in TFCA start?

Funbio has extensive experience in public edicts, in the transfer of funds to smaller institutions. Because of its financial mechanism profile and for this differential, it was selected as the TFCA's financial manager in Brazil.

EM NÚMEROS IN NUMBERS

Período **2010-2015**
Active period

Valor dos recursos **US\$20,8 milhões**

Value of resources **US\$20.8 million**

Número de projetos **82**
Number of projects

Número de biomas **3**
Number of biomes

Projetos de Áreas Protegidas **14**
Protected Areas Projects

Projetos de Manejo de Paisagem **30**
Landscape Management Projects

Projetos de Capacitação **5**
Training Projects

Projetos de Manejo de Espécies **17**
Species Management Projects

Projetos Comunitários **2**
Community Projects

Projetos de Fortalecimento de Redes **7**
Network Strengthening Projects

Projetos de Capacitação para a Mobilização de Recursos Financeiros **7**
Training for Financial Resource Mobilization Projects

Número de estados **20**
Number of states

Número de projetos na Mata Atlântica **51**
Number of projects in the Atlantic Forest

Número de projetos na Caatinga **10**
Number of projects in the *Caatinga*

Número de projetos no Cerrado **21**
Number of projects in the *Cerrado*

Apoio a espécies ameaçadas **13**
Endangered species support

Número de ONGs apoiadas **68**
Number of NGOs supported



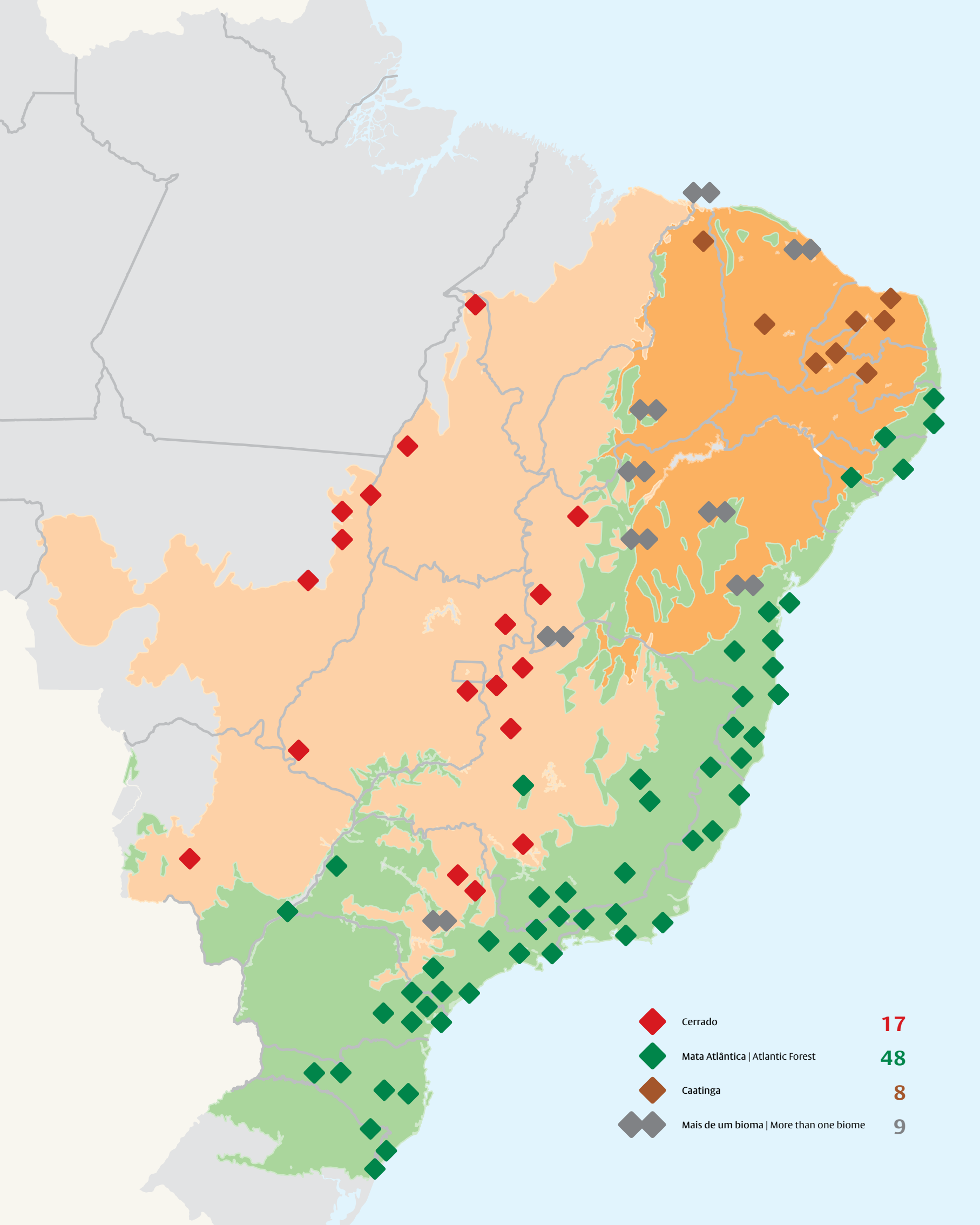
ONDE ACONTECE*





Os 82 projetos apoiados pelo TFCA no Brasil espalham-se pelo Cerrado, pela Mata Atlântica e pela Caatinga. Juntos, os três biomas ocupam superfície que corresponde a quase 50% do território nacional.

PROJECT LOCATION*

The 82 projects supported by the TFCA in Brazil are spread throughout the *Cerrado*, the Atlantic Forest and the *Caatinga*. Together, the three biomes occupy an area equivalent to almost 50% of Brazil's landmass.

* Devido à área de atuação, alguns projetos são apontados em mais de um bioma.
* Due to the areas covered, some projects are shown in more than one biome.



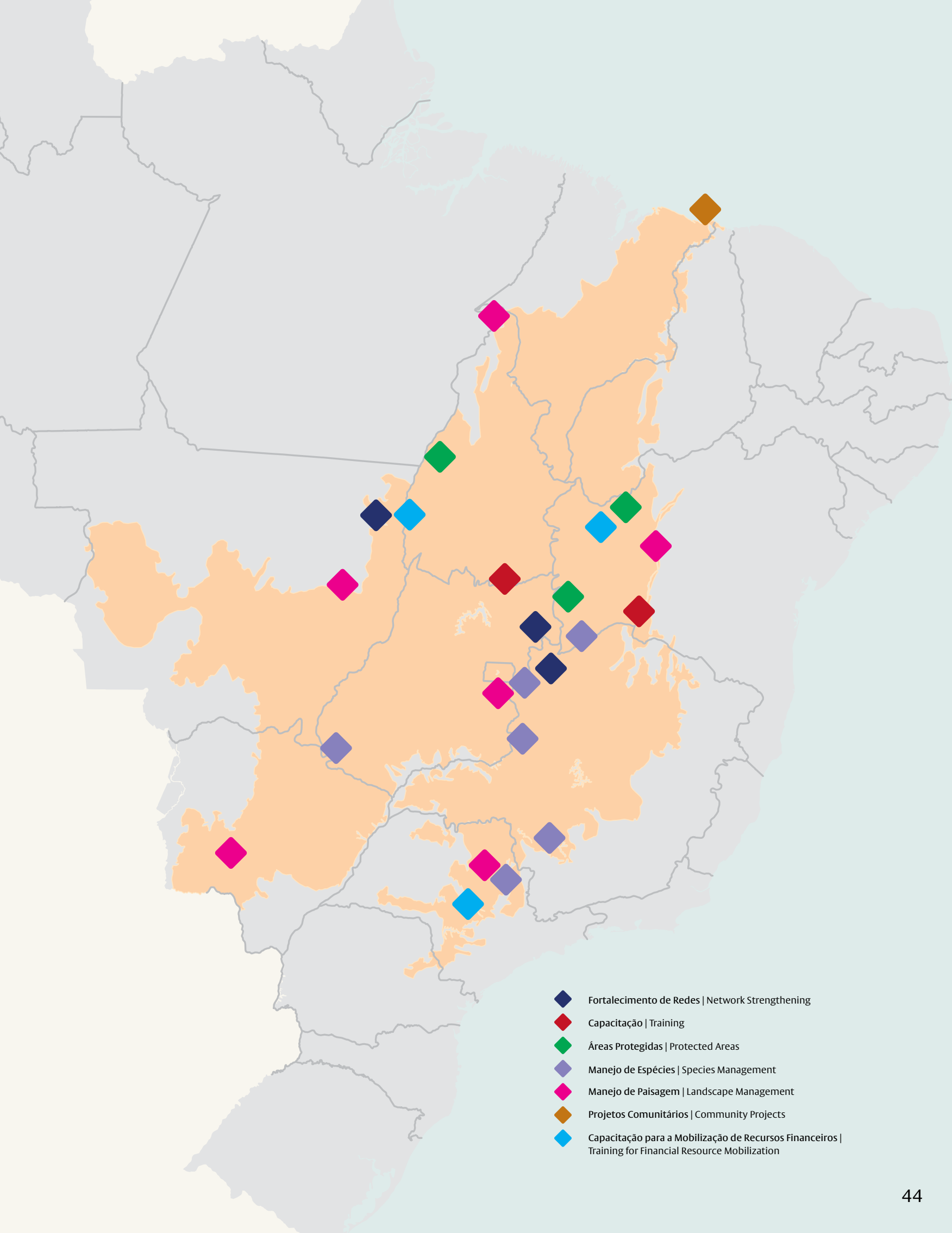
-  Cerrado **17**
-  Mata Atlântica | Atlantic Forest **48**
-  Caatinga **8**
-  Mais de um bioma | More than one biome **9**

UMA JORNADA
DE GRANDES
HISTÓRIAS

CERRADO
MATA ATLÂNTICA
CAATINGA

A JOURNEY
OF GREAT
STORIES

CERRADO
ATLANTIC FOREST
CAATINGA



CERRADO

O Cerrado* é a savana mais biodiversa do mundo, ocupa uma área de 2.036.448 km², cerca de 22% do território nacional. Em seus dois milhões de hectares são encontradas 11,6 mil espécies vegetais, 1,2 mil de peixes, 837 de aves, 199 de mamíferos, 180 de répteis e 150 de anfíbios. Estima-se que 13% das borboletas, 35% das abelhas e 23% dos cupins dos trópicos vivam no bioma, que se estende por 11 estados e pelo Distrito Federal. Hoje, o Cerrado já perdeu cerca de 50% da cobertura original e a expansão da fronteira agrícola é um significativo fator de degradação. Nele estão as nascentes das bacias hidrográficas Amazônica/Tocantins, do São Francisco e do Prata, três das mais importantes da América do Sul. Na área vivem 13 milhões de habitantes. Da superfície, 8,1% são protegidos, dos quais 2,85% em unidades de conservação de proteção integral.

CERRADO

The *Cerrado** is the most biodiverse savanna in the world. It occupies an area of 2,036,448 km², about 22% of the country's total area. In its two million hectares we can find 11,600 plant species, 1,200 fish species, 837 bird, 199 mammal, 180 reptile species and 150 species of amphibian. It is estimated that 13% of butterflies, 35% of bees and 25% of termites in the tropics live in the biome, which extends throughout 11 states and the Federal District. The *Cerrado* has already lost about 50% of its original cover and the expansion of agricultural limits is a significant degradation factor. In it are the headwaters of the Amazon/Tocantins, São Francisco and Prata river basins, three of the most important in South America. The area has a population of 13 million. 8.1% of the *Cerrado*'s area is protected, of which 2.85% is made up of conservation units with strict protection.

ENGLISH TEXT CONTINUED ON PAGE 59.

* Devido à área de atuação, alguns projetos são apontados em mais de um bioma.
* Due to the areas covered, some projects are shown in more than one biome.

É grande o sertão: ele “está em toda parte”.

Riscando as botas no emaranhado de
vegetação que se arrastava como cobra
pelo solo seco do Cerrado, João Guimarães
Rosa topou com horizontes que só
terminavam quando o céu tocava a terra.
Precisou de uns 50 cadernos de espiral,
daqueles grandes, para fazer caber tanto
tamanho em suas anotações.

Perguntava tudo, a toda gente que encontrava pela frente.
Mas “jagunço não é de conversa continuada nem de amizades
estreitas”. Teve, então, é que observar muito. Se dedicar. É
preciso estar atento e forte para mergulhar no sertão: ele
não faz concessões. Guimarães Rosa se dedicou. E foi tanto
que transformou mais de 600 páginas brancas em um *Grande
sertão: veredas*.

O livro é bruto como o Cerrado: num tapa, vem grosso, sem
capítulos nem índice. A cada passo na terra avermelhada, a
cada página avançada, obstáculos. Mas quem engole em seco
e resolve pisar firme e decidido no Grande Sertão – o real ou o
imaginário – terá sempre compensações: nem só de durezas
vive aquele pedaço de chão. É só olhar bem.

“De qualquer pano de mato, de de-entre quase encostar de
duas folhas, saíam em giro as todas cores de borboletas”,
enxergou Riobaldo, personagem de Rosa. “Como não se viu,

aqui se vê. Porque nos gerais, a mesma raça de borboletas, que em outras partes é trivial regular – cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe: acho que é do seco do ar, do limpo, desta luz enorme”.

Faz seis décadas que o escritor mineiro avançou fundo pelos rincões do Brasil para colher as palavras mágicas que descreveram os Gerais. Um tempo em que o Cerrado brasileiro andava esquecido. Mas não desconhecido: desde o século XVI, um boato sobre um “lago dourado” já fazia brilhar os olhos dos recém-chegados portugueses, ainda de queixo caído com as riquezas do Novo Mundo.

Num dos primeiros mapas do Brasil, de 1570, o suposto lago aparece cravado no centro daquele imenso território. Era ali também que brotavam as nascentes de três grandes bacias: do Rio São Francisco, do Tocantins e do Prata. Argumentos suficientes para que as primeiras expedições na caça por ouro e prata rumassem para as bandas do Planalto Central. Foram décadas de buscas até que as minas fossem descobertas.

A notícia das pedras preciosas não demorou a cruzar o Oceano Atlântico, e uma enxurrada de portugueses se deslocou para cá. De um jeito disperso, salpicado, o Centro-Oeste brasileiro começava a ser ocupado pelos novos habitantes: onde o ouro cintilava, vilas se formavam.

Mas a farra só durou o tempo que os recursos minerais aguentaram. Com a exaustão das minas, sugadas até o último pedaço de pedra, a economia cambaleou e a região voltou ao marasmo no fim do século XVIII. Enquanto os grandes proprietários de terra se mudaram para outras regiões atrás de novas riquezas, uma reduzida população continuou tocando a vida por ali, criando gado e plantando subsistência.

Quase dois séculos depois, o calendário parecia estar parado no tempo: com suas anotações debaixo do braço, Guimarães Rosa se deparou com uma paisagem cheia de vazios: o sertão, escreveu, “é onde um pode torar dez, 15 léguas, sem topar com casa de morador”.

Quis o destino que o escritor mineiro desbravasse os Gerais naquele estado de calmaria. Poucos anos depois que Rosa fechou seu último caderno de registros, uma avalanche mudaria para sempre as paisagens que ele eternizou. Em 1956, quando o livro *Grande sertão: veredas* ganhou vida, uma lei criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap): era o primeiro passo para a construção de Brasília. O marco inicial que voltava os olhos do Brasil definitivamente para sua região central. Para o bem e para o mal.

Entre 1950 e 1960, enquanto os projetos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer saíam do papel para cravar prédios no Cerrado, a população da região aumentou em mais de seis vezes. Era caminho sem volta. Mas o grande fluxo populacional viria quando os militares assumiram o poder, na década de 1960. Eles olharam para o Norte e para o Centro-Oeste do país e enxergaram um tanto de Brasil a ser ocupado. Anunciaram pacotes de crédito subsidiado para que agricultores do Sul e do Sudeste tomassem os sertões e fizessem brotar riquezas do solo.

O Sistema Nacional de Crédito Rural abria os cofres principalmente para quem optasse por plantar culturas de exportação e tivesse condições de mecanizar a produção. Enquanto o dinheiro era destinado aos maiores produtores, o governo providenciava assistência técnica e abria estradas que acabavam de vez com o isolamento da região.

Com seus chapadões a perder de vista, a topografia do Cerrado parecia um tapete vermelho estendido para o pesado maquinário que preparava o solo para as lavouras. Era perfeito também para os tratores que, com seus correntões, arrancavam as árvores do caminho: hoje, cerca de 50% do Cerrado já foram destruídos. É o segundo bioma mais cicatrizado do Brasil. E é para ele que o Tropical Forest Conservation Act (TFCA) destinou uma parte de seus recursos, alimentando projetos que remam contra essa maré.

A correnteza é forte: fazendas imensas foram transfigurando a paisagem em campos de soja, milho, arroz e encurralando os pequenos agricultores que resistiam há gerações no sertão. Naquela época, a revoada dos pássaros no fim do dia, que, dizia

Hoje ainda tem muita gente que sai do assentamento (em Ribeirão Preto, SP) para trabalhar na cidade, principalmente como domésticas ou na construção civil. A gente tem um trabalho contínuo com as famílias, dizendo que não adianta ser assentado e pegar ônibus, passar uma hora no trânsito, ganhar 100 reais e deixar o lote a mercê, fazendo de dormitório. É muito mais benéfico produzir aqui.

Começamos o trabalho da agrofloresta como formiguinha mesmo, dois anos antes do TFCA. Estávamos tentando fazer, de alguma forma, mas não tínhamos recursos. O TFCA ajudou nisso. E hoje as famílias já têm consciência. Às reuniões semanais que vinham dez pessoas no início, hoje vêm 60, 70. Tem muita gente procurando saber o que estamos fazendo e como podem participar. Conseguimos provar que, se elas produzirem alimentos agroflorestais, tem mercado consumidor muito próximo. Muita gente quer consumir esses produtos. Com o projeto, montamos uma rede de consumidores que toda semana compram cestas com legumes, folhas e frutas produzidos no assentamento.

ZAQUEU MIGUEL DE CARVALHO (CENTRO DE FORMAÇÃO
SÓCIO-AGRÍCOLA DOM HÉLDER CÂMARA)
Projeto Candeia: agroflorestas iluminando a vida e
os caminhos para renascer das águas do Aquífero Guarani

Nosso objetivo era implementar, no Parque do Cantão (em Tocantins), o único componente que faltava do plano de manejo: o uso público da unidade. Tínhamos todas as diretrizes, só faltava a implementação.

A população do entorno esperava ansiosamente, porque, quando você cria um parque, proíbe as pessoas de pescar, caçar, acampar, fazer uma série de atividades que a comunidade fazia. A gente dizia que eles iam se beneficiar não mais da pesca e da caça, mas de outro tipo de turismo, de gente que vinha para observar a natureza. Eles só estavam vendo prejuízo. E ficavam cobrando isso da gente.

Com o projeto, conseguimos treinar muitas pessoas da comunidade: guias e pilotos foram treinados para serem seus próprios empresários: hoje eles recebem dinheiro diretamente do turista.

Ano passado, o parque recebeu mais de cinco mil visitantes. Antes era zero: ninguém sabia da existência do Parque do Cantão. Hoje as pessoas da comunidade estão orgulhosas do parque, vendo que o ecoturismo existe, que isso tem valor. E estão ganhando seu dinheiro.

SILVANA CAMPELLO (ASSOCIAÇÃO ONÇA D'ÁGUA DE APOIO À GESTÃO E AO MANEJO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS)
Proteção, Uso Público e Monitoramento do Parque Estadual do Cantão

Guimarães Rosa, era “de bandos tão compridos”, já não trazia um canto de paz.

O canto era de alerta. E quase ninguém parecia ouvir: na década de 1980, Cerrado era assunto para meia dúzia de pessoas. Uma delas era Maria Tereza Pádua. A engenheira agrônoma já havia passado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e levava no currículo mais de oito milhões de hectares de unidades de conservação criadas.

Ao se mudar para Brasília, viu veredas e árvores retorcidas desaparecendo a passos largos. Na época, menos de 1% do bioma contava com áreas protegidas. Maria Tereza reuniu amigos e criou a Fundação Pró-Natureza (Funatura), primeira organização de conservação que nascia com os olhos voltados para o Cerrado.

A Funatura já saiu do papel com uma missão: estudar 13 milhões de hectares nos Gerais para justificar a criação de um parque nacional. Em dois anos, uma equipe multidisciplinar já carregava um gordo documento, destrinchando argumentos de sobra para isso. A área era importantíssima: guardava rios, nascentes e uma biodiversidade com pelo menos 11 espécies ameaçadas. Em termos culturais, não ficava atrás: o território fazia parte dos caminhos por onde passaram os personagens do livro de Guimarães Rosa. Em 1989, saía o decreto que criava o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, no noroeste mineiro e no sudoeste baiano.

Com o parto, a Funatura nunca mais abandonou o filho. Virou braço direito na implementação da unidade. Alguns anos depois, Maria Tereza deixava a fundação. Mas garantiu um time tão apaixonado como ela para continuar tocando os trabalhos: só poderia integrar a equipe quem já tivesse percorrido todas as páginas do *Grande sertão* de Guimarães Rosa.

César Víctor Espírito Santo não havia lido uma única vez o romance: leu cinco. Superintendente executivo da Funatura, faz duas décadas que a rotina do engenheiro florestal é deixar sua casa em Brasília e encarar 400 km de estrada para alcançar Chapada Gaúcha, município onde fica a sede do parque.

A cidadezinha tem pouco mais de dez mil habitantes. É mineira, apesar do nome. Mas não carrega à toa a homenagem aos sulistas: desde a década de 1970, quando começaram a chegar em bandos atrás de terra barata, eles engordam as contas do município com suas lavouras. “O parque fica lá onde estão aquelas árvores”, aponta César, enquanto dirige mais um dia rumo à Chapada.

Não é difícil identificar: são as únicas árvores no horizonte. Quando a estrada está próxima de desembocar na cidade, são quase 15 quilômetros seguidos sem sinal de Cerrado. “Com o avanço da fronteira agrícola, a tendência do parque é virar uma ilha. E uma ilha não serve para a biodiversidade. Então a gente tem que conversar com a população”, diz o engenheiro florestal, que coordena o projeto Grande Sertão Veredas.

Não é à toa que uma das iniciativas da Fundação envolve as escolas da região. A proposta é levar o parque para as salas de aula, com palestras, e carregar os alunos para conhecer e sentir de perto a área protegida. A Funatura comprou ônibus, contratou motorista, monitores e guias, para que a experiência da criançada seja a melhor possível. Tem dado certo. “Pense numa meninada contente. Os meninos me veem na rua e vêm pedir: ‘Seu Manoel, me leva no parque!’ É uma coisa maravilhosa demais. Abracei esse projeto com os dois braços”, conta animado o motorista Manoel Campos, que conduziu mais de mil estudantes nos últimos dois anos.

Lucas Rodrigues, de 13 anos, é um deles: já ia para sua quinta visita ao Grande Sertão. Falador e agitado como folha de buriti em dia de vento forte, ele dribla com intimidade as árvores tortas do Cerrado. E não dá sinal de estar enjoado do passeio. “Quero voltar mais. Aqui é muito bom... Peraí! Olha as araras!”, grita, pega o celular, corre para fotografar o céu. Volta ofegante. “Tem gente que ajuda a proteger os bichos e tem gente que mata. Eu vou ajudar a proteger. Matar eu não mato, não! Os bichos também têm que viver”, diz cheio de consciência.

Mas nem todo mundo faz coro com Lucas. Os 230 mil hectares do Grande Sertão Veredas ainda são ameaçados por gente que caça, cria gado e toca fogo nas barbas da unidade. É para inibir esses atos que Pedro Barbosa das Neves se embrenha todos os

Conhecer o comportamento e os hábitos de vida de uma espécie é um dos requisitos básicos para salvá-la da extinção. Apesar de amplamente criado em cativeiro, os hábitos de vida do bicudo na natureza eram praticamente desconhecidos. Com os recursos do TFCA, a equipe técnica do projeto localizou novas populações da espécie em campo (em Goiás), onde foram obtidos dados inéditos sobre seu comportamento, alimentação, reprodução etc.

Também cabe destacar a realização de um estudo taxonômico envolvendo dados moleculares e morfológicos da espécie, por meio de técnicas modernas de análise, o que também foi possibilitado pelo apoio do TFCA. Foram realizadas visitas aos principais museus de zoologia do Brasil e do mundo para que fossem coletados dados de plumagem e de morfometria de praticamente todos os bicudos coletados na natureza. Dessa forma, podemos agora selecionar espécimes para a reintrodução que correspondem exatamente à morfologia que existia na região. Este também foi um estudo inédito no Brasil.

FLÁVIO UBAID (INSTITUTO PRÓ-TERRA)
Estudo Populacional e Taxonômico Visando à
Reintrodução do Bicudo (*Sporophila maximiliani*)

A população que acompanhamos desde 1998 (no estado de São Paulo) vem perdendo diversidade genética numa velocidade muito grande, pois há poucos indivíduos. Tínhamos que criar um método de reintrodução que excluísse indivíduos que não são acostumados à vida livre. Usamos, então, animais de cativeiro como doadores de embrião e os implantamos em fêmeas em vida livre: levamos material genético para o campo sem interferir muito na população.

É um mecanismo extremamente interessante e novo, porque isso nunca foi feito no mundo.

Tudo o que estamos fazendo é inédito, é inovação tecnológica. Tínhamos uma série de conhecimentos segmentados: sabíamos como capturar o bicho na natureza, como soltá-lo, como lidar com a parte reprodutiva. Reunimos todo esse conhecimento fragmentado e tentamos unilo num objetivo claro de conservação. Estamos criando uma metodologia que vai servir para a conservação de qualquer pequena população isolada, injetando diversidade genética para que ela se equilibre e nunca perca a viabilidade.

JOSÉ MAURICIO BARBANTI (FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO – FUNEP)

O Futuro da Conservação de Pequenas Populações
Ameaçadas: banco genômico e reintrodução de embriões de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*)

dias na vegetação grossa do Cerrado. Montando um dos dez burros que a Funatura comprou para ajudar na fiscalização da área, ele percorre os labirintos do parque com a mesma fluidez com que a água corre nas veredas.

Nascido e criado na região, Pedro é bom de montaria: passou boa parte da vida em cima de cavalos, trabalhando nas fazendas do sertão mineiro: “Nasci na destruição: fazia desmatamento, fogo, caça. Mas quando chegou o parque fui mudando as ideias”. Faz mais de dez anos que trocou o chapéu de vaqueiro pelo boné de guarda-parque. E não quer saber de outra coisa: “Para mim é coisa melhor no mundo que existe. A saúde nossa é isso aqui: andar na beira das veredas, beber água do rio”.

A preocupação com o Cerrado, porém, não bate só no peito de quem vive na região. Numa sala do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, uma equipe do Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFlora) se debruça com afinco sobre as espécies ameaçadas do bioma, por meio do projeto Conservação de Espécies da Flora Criticamente em Perigo de Extinção do Cerrado Brasileiro.

O CNCFlora é uma criança: foi criado em 2008. Mas é daquele tipo prodígio, que chega ao mundo e já lhe jogam nas costas missão de gente grande. No mesmo ano em que o centro nascia, o Ministério do Meio Ambiente determinava que todas as espécies brasileiras ameaçadas de extinção deveriam ter um plano de ação de conservação. Enquanto o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) cuidava da fauna, coube ao Centro elaborar o da flora.

O CNCFlora, então, começou do começo, arrumando a casa. Pegou todas as informações espalhadas em listas estaduais, nacionais e internacionais de espécies ameaçadas e escreveu o primeiro *Livro vermelho da flora brasileira*, pronto em 2013: pelo menos 2.113 espécies estão perigando sumir do território nacional.

Com o retrato da desgraça nas mãos, era hora de elaborar os planos para reverter a situação. Mas faltavam recursos. Conseguiram apoio do TFCA e escolheram o Cerrado para abrir os

trabalhos. Não por acaso: “Além de já existirem muitas iniciativas de conservação para os outros biomas, chamou nossa atenção o número de espécies ameaçadas no Cerrado. São 96 criticamente em perigo de extinção”, explica Eline Martins, que coordena a parte técnico-científica do CNCFlora.

Inicialmente, a ideia era planejar ações focadas “apenas” nas 96 espécies. Mas depois de organizarem seminários, debates, e olharem para as experiências internacionais, concluíram que dava para ir além: os planos de ação passariam a ter uma abordagem por território, em vez de por espécie. “Procuramos fazer como o mundo estava fazendo”, justifica Eline. “A gente viu que as espécies em risco sempre têm uma concentração espacial. Das 96 criticamente ameaçadas, por exemplo, 43 estavam numa mesma região de Minas Gerais”.

O leque foi aberto: ao começarem a trabalhar por áreas problemáticas, várias outras espécies que estavam nas categorias “Em Perigo” e “Vulnerável” também passaram a ser contempladas. Agora, são 438, divididas em três planos de ação, concentrados em regiões de Minas Gerais e na bacia do Alto Tocantins, em Goiás. A queda de braço para manter vivas as espécies é a de sempre: protegê-las da expansão de monoculturas, mineração e fogo.

Enquanto Eline e seu grupo do CNCFlora olham para as plantas, uma equipe enxuta e dedicada da ONG Terra Brasilis fixa os olhos em um animal: o pato-mergulhão, no projeto Conservação e Manejo do Pato-Mergulhão (*Mergus octosetaceus*) na Região do Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. A primeira notícia da existência da espécie veio de longe. Ainda na década de 1950, ela foi descoberta nos rios da Argentina, onde hoje já está extinta. Passaram-se 30 anos para que um pesquisador avistasse o bicho no Brasil, deslizando pelas águas da Serra da Canastra, em Minas Gerais. Mas ninguém deu muita atenção. Foi preciso mais duas décadas para que a Terra Brasilis surgisse no mapa, revirasse a região mineira e alertasse que o pato estava na corda bamba.

“Se hoje não se sabe muito sobre a espécie, naquela época ela era uma ilustre desconhecida. Mas já se descobriu ali mesmo que era um bicho raro e criticamente ameaçado de extinção”,

Já tínhamos experiência com comunidades tradicionais na Amazônia. Com o projeto, surgiu a possibilidade de trazer isso tudo para o Cerrado. Descobrimos que várias associações estavam travadas, desestruturadas não só no seu financiamento, mas principalmente na sua formação.

Percebemos que existe uma nova geração, superqualificada, que deseja atuar em benefício da sua própria comunidade. São jovens que procuram conhecimento e que querem aplicar tudo o que aprenderam. Nosso projeto não foi o precursor desse movimento, mas procuramos potencializar a atuação desses jovens. Muitas associações precisavam de novas diretorias e nós conseguimos, em algumas delas, fazer que os jovens fossem inseridos nesses quadros. Demos força para aproveitarem essas novas cabeças pensantes e com perfis de liderança fantásticos.

É um trabalho longo de conscientização, de trabalhar conjuntamente e deixar as organizações em funcionamento. Tentamos dar um pontapé inicial para que esses grupos se mobilizem e andem com suas próprias pernas no futuro.

CAMILA DE CASTRO (INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL – IEB)
Capacitação em Gestão de Associações e Projetos de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade na Região da Chapada dos Veadeiros – GO

O TFCA foi um divisor de águas. Ele foi decisivo para a manutenção da nossa instituição e foi o estímulo para ampliarmos nossos trabalhos para o Noroeste Paulista.

A região tem a maior área degradada em termos de desmatamento do estado de São Paulo e é extremamente carente de associações que desenvolvam projetos socioambientais.

Hoje, nosso instituto se sente referência na região. O projeto possibilitou que construíssemos uma rede de articulação e comunicação institucional com mais de 100 membros, entre prefeituras, sociedade civil e outras associações. Havia pessoas que não sabiam escrever projetos. Gente que morava a 300 km de distância e vinha fazer o curso. Foi impressionante. Reunimos muitos servidores públicos, que no final conseguiram elaborar projetos de intervenção para seus municípios.

Ver essas instituições se articulando sozinhas, caminhando com as próprias pernas, é o melhor resultado que temos.

RAFAEL NAVARRO (INSTITUTO AMBIENTE EM FOCO – IAF)
Capacitação para a Mobilização de Recursos Financeiros e Desenvolvimento de Projetos Técnicos com Vista à Conservação e Restauração da Mata Atlântica e Cerrado no Noroeste Paulista

diz Livia Lins, da Terra Brasilis. A organização, então, tomou para si a responsabilidade e mergulhou fundo na vida do mergulhão. Descobriu, por exemplo, que sua população inteira só conta com 250 indivíduos. E que metade desse número vive nos limites do Parque Nacional da Serra da Canastra.

As pesquisas também jogaram luz sobre o comportamento da espécie. Ela só é encontrada em águas límpidas e correntes. E cada casal de pato vive num trecho específico de rio. Ali se alimenta, dorme, se reproduz, passa a vida. “Você nunca vai ver um bando de mergulhão. Só vários quilômetros depois vai ter outro casal”, explica Livia. O que pode ser um problema: “Daqui a pouco não vai ter mais trechos tão longos de rio com as condições que eles precisam”.

A fala da pesquisadora é realista. Uma chuva de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) e de projetos de mineração está sendo prevista para ocupar os rios da região: um desafio para o pato-mergulhão. Mas o Terra Brasilis resolveu não assistir a esse processo de braços cruzados. Reuniu um tanto de dados e foi atrás do poder público.

Várias reuniões e palestras foram feitas nos órgãos responsáveis pelos licenciamentos ambientais. “Nossa ideia era justamente informar onde o pato-mergulhão ocorre, qual sua situação de ameaça, suas particularidades, para subsidiar as decisões do licenciamento”, diz Livia. O resultado foi melhor que o esperado: “Fomos muito bem recebidos. Falaram que era disso que estavam precisando: dados. Se eles não têm conhecimento sobre uma espécie, não têm como protegê-la”.

O trabalho de sensibilização do poder público, porém, não freou as pesquisas da organização. Suas equipes continuaram descendo os rios de caiaque, atrás do mergulhão. E com o apoio do TFCA, conseguiram remar para águas mais profundas: aumentaram o campo de amostragem e descobriram, pela primeira vez, que algumas regiões ao norte do Parque da Serra da Canastra também abrigam casais. “Isso mudou a história da espécie. Agora sabemos que ela não está tão restrita ao parque e seus arredores imediatos”, comemora Livia, mas com cautela. “Qualquer casal a mais é um ganho. Mas, ao mesmo tempo, é um desafio, pois esses indivíduos não estão em áreas tão protegidas”, alerta.

Infelizmente, o pato-mergulhão não está sozinho quando o assunto é vulnerabilidade. E Alex Bager sabe bem disso. Professor da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e membro do Centro Brasileiro de Estudos em Ecologia de Estradas, desde 1995 ele estuda os impactos que as rodovias têm na vida dos animais. Não são poucos. A estimativa é que 475 milhões são atropelados todos os anos no Brasil. Isso significa que, a cada segundo que o ponteiro do relógio avança, 15 indivíduos da fauna brasileira acabam debaixo da roda de um automóvel.

Os dados sobre o assunto, porém, sempre foram dispersos. Bager resolveu dar uma mãozinha com o que chama de Projeto Malha. Criou uma espécie de rede social para tentar reunir, sistematizar e disponibilizar informações sobre a mortalidade de fauna selvagem nas rodovias do território nacional. A ideia era auxiliar o governo e as concessionárias na tomada de decisão para reduzir esses impactos.

A princípio, o projeto envolveria pesquisadores, gestores de unidades de conservação e as empresas responsáveis pelas estradas. “A proposta inicial era de termos cerca de 12 parceiros e capacitar aproximadamente 100 pessoas”, conta. Mas o apoio do TFCA lançou as ambições para cima. “Os recursos permitiram que a gente tenha hoje 14 mil pessoas atuando no Brasil inteiro. Capacitamos mais de duas mil pessoas para colocar em prática toda a estrutura que temos”.

A estrutura é simples. Mas eficiente. Batizado de Sistema Urubu Mobile, o aplicativo reúne dados que chegam do país todo: qualquer um que tiver um smartphone no bolso pode colaborar. Basta avistar um animal atropelado, fotografar e enviar os dados. Na retaguarda, uma equipe de especialistas em identificação de espécies recebe as imagens e faz a avaliação taxonômica. As informações, então, vão parar num mapa e em infográficos que dão o diagnóstico do problema.

Em um ano, cerca de 7.500 fotos de animais atropelados foram enviadas do Brasil todo. E o número de colaboradores só cresce. “Nossos maiores parceiros são pessoas comuns. Tem caminhoneiros que escrevem dizendo estar adorando ajudar”, celebra Bager, sem esquecer de olhar para os gabinetes oficiais: “Este problema não era comentado em nível nacional.

Conseguimos estabelecer uma rede de populações de plantas. Monitoramos mais de 100 áreas, numa região de mais de 1.000 km (no norte de Minas Gerais e leste de Goiás), e já temos resultados que mostram que o extrativismo não é prejudicial às plantas. Os dados que coletamos também foram decisivos para a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras, com 38 mil hectares. Mostramos o quanto essa área conseguiria produzir apenas explorando duas espécies: o pequi e a mangaba. Comprovamos que, do ponto de vista econômico, é viável criar reservas produtivas.

ALDICIR OSNI SCARIOT (FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – FUNDAÇÃO ELISEU ALVES)
Manejo de Plantas do Cerrado: subsídios técnicos às políticas públicas de uso sustentável e conservação da biodiversidade

O Cerrado é o celeiro do agronegócio. Frutos nativos, como o pequi, são ameaçados. Representamos uma resistência. As dificuldades são muitas para os grupos que desejam fazer esse tipo de produção, pois não temos políticas públicas que nos deem apoio. É a primeira vez que surge no estado (Mato Grosso do Sul) um projeto que trabalhe a cadeia do pequi: somos pioneiros. Estamos coletando dados para dar visibilidade à espécie.

Era um sonho das comunidades que já tinham um trabalho com esse fruto. Sem o TFCA, não teríamos viabilizado essa ação.

ROSANE BASTOS (UNIÃO BRASILEIRA DE
EDUCAÇÃO E ENSINO – UBEE)
Estruturação da Cadeia Produtiva
do Pequi (*Caryocar brasiliense*)

Estas áreas (em Goiás e Minas Gerais) são usadas para coleta há gerações. A gente aplicou a metodologia do inventário florestal, que é fundamental para a pós-criação das Reservas Extrativistas. O levantamento deu a abrangência dos potenciais produtos não-madeireiros dessas áreas, e isso vai servir de ferramenta para os próximos passos. Hoje há uma contestação de fazendeiros: eles dizem que a área não tem extrativismo, que a terra é fraca. Com o estudo florístico, demonstramos o contrário: ela deve ser conservada e deve manter as famílias no local.

MARCELO EGITO (CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
AGROECOLÓGICO DO CERRADO – CEDAC)
Agroextrativistas Garantindo seu Território:
reservas extrativistas no Cerrado

Temos sensibilizado outros patamares, como os políticos em Brasília e os órgãos ambientais”.

Com números e histórias que dão cara ao problema, a última aposta do professor é um projeto de lei que já tramita na Câmara dos Deputados. O texto lista uma série de medidas que devem ser adotadas na construção de rodovias, com o objetivo de minimizar os impactos na fauna.

É num esforço de conservação que um grupo de indígenas e pequenos agricultores tenta manter de pé o que restou do Cerrado. O trabalho é de formiguinha: silencioso, duro, diário. Mas dá resultados.

Nas terras por onde serpenteia a bacia do Xingu, o parque indígena que foi batizado com o nome do rio é uma ilha de verde no meio da devastação. Criado em 1961, vivem ali mais de dez etnias que testemunharam o avanço da motosserra ao longo das décadas. A expansão agropecuária foi encostando cada vez mais nos limites da área protegida. Olhando o mapa, parece o “abraço da morte”, como alguém adequadamente apelidou.

Não é exagero. Quase seis milhões de hectares de vegetação nativa já foram arrancados das margens do Xingu em Mato Grosso. E desmatamento que se preze não termina com a árvore no chão: gera prejuízos que alcançam quilômetros à frente. Os índios sabem disso. Com a degradação nos arredores, logo notaram que o peixe que pescavam não era mais o mesmo. Tampouco a água. Bateram à porta de alguns parceiros não índios e os desafiaram a conter este processo.

Em uma das portas, quem atendeu foi o engenheiro agrônomo Rodrigo Junqueira, que coordena o Programa Xingu do Instituto Socioambiental (ISA) e o projeto Rede de Sementes do Xingu: geração de renda e valorização da sociobiodiversidade no Mato Grosso. Depois de articular muito diálogo entre índios, agropecuaristas, agricultores familiares e pesquisadores, nasceu em 2004 o projeto Y Ikatu Xingu, que significa “Salve a água boa do Xingu”. A campanha veio para incentivar a recuperação das nascentes e matas que beiravam o rio.

A adesão foi grande, inclusive entre produtores que haviam detonado a área verde de suas propriedades. Até eles já sentiam que a água estava secando. A demanda por sementes nativas para restauração florestal disparou. Foi a deixa para que outra iniciativa brotasse na região: a Rede de Sementes do Xingu. Criada em 2007, ela começou miúda. Não passava de dez indivíduos, entre índios e pequenos agricultores, catando sementes para vender. O pessoal debochava, dizia que aquilo não ia para a frente. Mas foi. “Hoje são mais de 400 coletores espalhados por 21 municípios, gerando uma renda de quase R\$ 1,5 milhão”, Junqueira dá o resumo.

Crescida e com um quê subversivo, a rede de coletores se apropriou do maquinário que era usado para cultivar soja e o readaptou para plantar floresta. “Começamos a pensar metodologias que fossem mais baratas e que dialogassem com a realidade local, de áreas muito planas e extensas”, explica Junqueira. Um processo continuado de formação se espalhou ao longo da bacia do Xingu, dando força para que mais gente entrasse na roda.

O negócio pioneiro deu tão certo que a rede teve de pôr um pé no mundo formal. Ganhou CNPJ e se tornou a primeira associação comunitária no Brasil a conseguir o Registro Nacional de Sementes e Mudanças (RenaseM), pelo qual o Ministério da Agricultura permite a comercialização desses produtos. Com o outro pé, pisou na academia: hoje, a Universidade Estadual do Mato Grosso tem um laboratório de sementes estruturado que garante a qualidade do que é coletado. “O trabalho da rede funcionou como um importante complemento de renda para as famílias e valorizou o conhecimento dos povos da floresta”, comemora Junqueira.

No estado de Tocantins, na área conhecida como Bico do Papagaio, é este conhecimento tradicional que faz as quebraadeiras de coco aproveitarem de um tudo na palmeira do babaçu. As palhas das folhas viram cestos. A casca dos frutos serve de carvão. E, de dentro delas, as castanhas se transformam em azeite. De geração em geração, as mulheres da região tiram desse saber boa parte de seu sustento. Nunca entenderam muito de mercado, mas sempre seguiram em frente guiadas pela intuição. A associação Alternativas para a

Em 2012, apresentamos a proposta ao TFCA de ampliar a rede e fortalecer o que já vinha sendo feito (nos estados de Goiás, Tocantins, Minas Gerais e Bahia). De lá para cá, praticamente dobramos o número de cooperados. E no ano passado tivemos um marco: conseguimos credenciamento junto ao Ministério da Agricultura para fazer a certificação orgânica participativa. Era uma luta de muitos anos. Isso deu uma revitalização na rede, que conseguiu enfim fechar toda a cadeia produtiva, com produto certificado.

MARCELO EGITO (CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO DO CERRADO – CEDAC)
Fortalecendo a Organização Comunitária em Rede dos Agroextrativistas do Cerrado

Como rede, estamos espalhados na região em lugares distantes. Então foi importante essa aproximação: conseguimos nos fortalecer internamente e pudemos divulgar para fora nossos aprendizados, nossas atividades e nossa capacidade de trabalho. Consideramos isso o principal objetivo do projeto.

ANA LÚCIA SILVA (ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO – ANSA)
Melhorando a Gestão do Conhecimento das Iniciativas Socioambientais das Entidades da Articulação Xingu Araguaia (AXA) e Gerando Informações Sobre as Alternativas de Restauração Florestal no Araguaia-Xingu

Nós estimulamos a produção dos viveiristas a continuar (nos estados de Goiás e Minas Gerais). Alguns princípios ecológicos que eu aprendi na universidade, eles aprenderam na vida. Valorizamos suas experiências: pegamos a prática deles e a nossa, colocamos conceitos básicos e demos o curso. Até hoje os participantes nos procuram.

MANOEL CLÁUDIO DA SILVA JÚNIOR
(REDE DE SEMENTES DO CERRADO)
Formação Continuada do Cerrado

Pequena Agricultura (APA-TO) tentou amarrar as duas coisas, com o projeto Fortalecimento da Cadeia Produtiva do Babaçu da Região do Bico do Papagaio – TO.

À frente da APA-TO, faz anos que a agrônoma Selma Ishii acompanha de perto as quebradeiras de coco. Depois de um longo processo de formação, diz que as trabalhadoras estão maduras como o babaçu em época de colheita. “Com a capacitação para comercialização e gestão, hoje elas sabem como o mercado funciona, onde é mais interessante vender seus produtos”, garante a agrônoma. “Elas já conseguem negociar sozinhas com os comerciantes e seus consumidores. Não precisam mais da APA-TO”.

Estão indo muito bem, obrigada. Selma faz as contas: “São 40 mulheres, no mínimo. Se cada quebradeira de coco produz 30 litros de azeite por mês, são 1.200 litros. Ou R\$ 12 mil sendo gerados só no Bico do Papagaio”. Isso sem contar os outros subprodutos dos babaçuais que também são comercializados. Além disso, a cada novo mercado conquistado, maior o incremento da renda.

Elas conseguiram, por exemplo, garantir um espaço nas feiras locais. Se antes exibiam seus produtos informalmente, espalhados pelo chão, agora possuem uma barraca padronizada, usam aventais e têm até um *slogan*, que dá a medida do que aquilo representa para essas mulheres: “Babaçu é vida”. “São mudanças reais na vida delas, na formação, no fortalecimento do extrativismo, na identidade das quebradeiras de coco. Há uma valorização da própria autoestima dessas mulheres”, diz Selma, ressaltando que o mérito e o protagonismo da história não são dela ou da APA-TO, mas das próprias trabalhadoras.

É esta mesma visão que o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) se preocupa em manter. No Programa de Assessoria entre Comunidades, eles usam uma metodologia que chamam de campesino-campesino para que os conhecimentos de alguns cheguem a outros.

O ISPN faz a ponte, por meio do projeto Do Baru ao Caroá: uso sustentável dos produtos da sociobiodiversidade do Cerrado e da Caatinga. Identifica, por exemplo, o índio Jonas Gavião,

que há dez anos tenta consolidar a primeira agroindústria de polpa de frutas totalmente indígena no Maranhão. E o convida a visitar os índios Xerente, no Tocantins, que estão tentando começar um processo parecido em seu território. “Levamos o Jonas para compartilhar seu conhecimento e eles trocaram experiências. Foi bem enriquecedor”, conta Rodrigo Noletto, assessor técnico do Instituto. “Nós viabilizamos esse intercâmbio. É um impacto muito grande para quem recebe o conhecimento, mas também para quem passa”.

No fim das contas, todo mundo sai fortalecido. E isso Noletto enxerga a cada vez que visita alguma comunidade de agricultores familiares ou agroextrativistas. “Muitas vezes, as discussões políticas ficam restritas a Brasília, não chegam na ponta. Nós levamos oficinas lá no interiorzinho e, de repente, as comunidades passam a ter domínio sobre seus direitos e a querer influenciar as políticas públicas”, conta o técnico do ISPN.

É só dar o gatilho que o povo do Cerrado faz acontecer. Guimarães Rosa, aliás, já tinha cantado essa pedra pela voz de Riobaldo, filho desse Grande Sertão: “Eu quase que nada não sei”, ele diz. “Mas desconfio de muita coisa”.

O projeto envolveu 21 famílias de agricultores familiares, quilombolas e assentados (em Goiás). O apoio do TFCA trouxe a todos o entendimento da existência do SAF. Nos entendemos como parte de um movimento agroflorestal. E por meio dos intercâmbios, pudemos conhecer outras experiências e nos pautar pelo que havia de melhor nelas.

FLÁVIA STELA (INSTITUTO DE APOIO À AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – REDE TERRA)
Recuperação de Áreas Degradadas com SAFs na
Bacia do Rio São Bartolomeu e Entorno

The *sertão* is huge: It “is absolutely everywhere.” Scratching his boots in the tangle of vegetation that crawled like a snake across the dry soil of the *Cerrado*, João Guimarães Rosa came face to face with horizons that only ended when the heavens touched the Earth. He required over 50 of those large spiral notebooks to take down his copious notes.

He asked everything of everyone he met on his travels. But “*jagunço*¹ are neither men of many words nor do they form close friendships.” So what he needed to do was observe; a lot; to dedicate himself. You need to be alert and strong to head deep into the *Sertão*: It is unforgiving. Guimarães Rosa was dedicated. So dedicated, in fact, that he turned more than 600 white pages into his classic novel *Grande sertão: veredas* [*The Devil to Pay in the Backlands*; Knopf, 1963].

The book is as tough as the *Cerrado*: A harsh smack in the face; no chapters; no index. With each step in the deep red earth, with every page turned; obstacles. But those with courage and who decide to step out firmly and resolutely with the *Devil to Pay in the Backlands*, or even into the *Sertão* itself – will always be rewarded. That land does not live by harshness alone: Just take a look around.

¹ (Editor’s note). “The distancing of the State, basically created two classes of men in the *sertão*; Landowners and Non-landowners. Given that both production unit and settlement were the farms, each unit organized itself into a private clan and used the non-landowning men to form their own private army. These men are the so-called *jagunços*; a kind of soldier of the *sertão* who fights according to the interests of their ‘leader’.” Aguiar, Márcia Valéria Martinez. *Traduzir é muito perigoso*. Thesis, Doctorate in Literature, Faculty of Philosophy, Literature and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2011.

Guimarães' character Ribaldo remarked: "From any old bush, even from two rubbing leaves, come out in swirls, butterflies of all colors. You see here things which you have seen nowhere else. Because in these lands, the same type of butterfly, which elsewhere is simple trivia – thrives here, becomes much larger and brighter: You know, I think it is the dryness of the air, its cleanliness, this immense light."

It's been six decades since the writer from the state of Minas Gerais stepped out into the four corners of Brazil collecting the magic words that described the wilderness. It was a time when the Brazilian *Cerrado* was forgotten, but not unknown. Since the sixteenth century the eyes of the Portuguese newcomers, who were still amazed at the New World's riches, had twinkled at a rumor about a "golden lake".

On one of the first maps of Brazil, in 1570, the alleged lake appears, set in the center of this immense territory. It was there also that sprouted the source of three major river basins: The São Francisco, the Tocantins and the Prata – argument enough to lead the first expeditions in the hunt for silver and gold to the Central Plateau. The search went on for decades until the mines were discovered.

The news of precious stones was not long in crossing the Atlantic Ocean, and a flurry of Portuguese moved here. They dispersed, they speckled the Brazilian Midwest and the region began to be occupied by the new inhabitants. Where the gold shone, villages were established.

But the party only lasted as long as the mineral resources. With the exhaustion of the mines, which were depleted of the last piece of stone, the economy slumped and the region returned to the doldrums in the late eighteenth century. While large landowners moved to other regions in search of new wealth, a small population continued to get on with life here, raising cattle and planting their sustenance.

Almost two centuries later, time seemed to have stood still. With his notes under arm, Guimarães Rosa confronted a

Today there are still a lot of people who leave the settlement near Ribeirão Preto, São Paulo State, to work in the city, mostly as maids or construction workers. We have our work cut out for us; the families, tell us that it is no use being settled and then having to take the bus, spending an hour in traffic, to earn 100 reais and leaving the land to fend for itself, turning it into a dormitory.

It is much more beneficial to produce here.

We started working like Trojans on agroforestry two years before the TFCA became involved. We were working on it, after a fashion, but we had no funding.

The TFCA helped there. Today families are conscientious. At the beginning the weekly meetings used to attract ten people, today they welcome 60 or 70.

There are many people trying to find out what it is that we are doing and how they can participate.

We were able to prove that if they produce agro-forest foods there is a consumer market very close by. A lot of people want to use these products. Through the project, we set up a network of consumers who, on a weekly basis, buy baskets of vegetables, leaves and fruits produced in the settlement.

ZAQUEU MIGUEL DE CARVALHO
(CENTRO DE FORMAÇÃO SÓCIO-AGRÍCOLA DOM HÉLDER CÂMARA)
Candeia Project: Agroforestry Lighting Life and
Paths Rising from the Waters of the
Guarani Water System

landscape full of emptiness: The *Sertão*. He wrote: “It is where one can journey ten, 15 leagues without running into one dwelling.”

As destiny would have it, the writer from Minas Gerais tamed the wilderness into that state of calm. A few years after Rosa closed his final notebook, an avalanche would forever change the landscape he had immortalized. In 1956, when Rosa’ book *Grande sertão: veredas* was written, a law was passed creating the Companhia Urbanizadora Nova Capital – Novacap – (the Urbanization Company of the New Capital). It was the first step towards the construction of Brazil’s new federal capital, Brasília. The starting point that definitively turned Brazilian eyes toward its central region. For better or for worse.

Between 1950 and 1960, while the architects Lúcio Costa and Oscar Niemeyer’s² projects to construct buildings in the *Cerrado* were getting off the ground, the region’s population increased sixfold. There was no going back. But the real population influx would come when the military took power in the 1960s. The military looked to the North and to the country’s Midwest and saw a Brazil just waiting to be occupied. They announced packages of subsidized credit to farmers in the South and the Southeast so that they could take the *sertão* and grow wealth in its soil.

The Sistema Nacional de Crédito Rural, (the National Rural Credit System) opened the coffers especially for those who chose to plant export crops and could afford to mechanize production. While the money was intended for the largest of the producers, the government provided technical assistance and opened roads that ended, once and for all, the isolation of the region.

With its ridges reaching further than the eye could see, the topography of the *Cerrado* resembled a red carpet extending out for the heavy machinery that prepared the soil for crops. It was also perfect for the tractors that, with their large chains, tore the trees out of the way: Today, 50% of the *Cerrado* has been destroyed. It is the second most damaged biome in Brazil. And it is to the *Cerrado* that the Tropical Forest

² (Translator’s note). Lucio Costa (1902-1998) and Oscar Niemeyer (1907-2012) are the two architects accredited with planning the city and designing many of the buildings in Brasília, which was inaugurated as Brazil’s Federal Capital in 1960. Brasília is situated on the Central Plateau of Brazil, surrounded by the *Cerrado*.

Conservation Act (TFCA) has allocated part of its resources, bolstering projects that are swimming against this tide.

And the current is strong: Huge farms have transformed the landscape into fields of soy, corn, rice and cornered small farmers who resisted for generations in the *sertão*. At that time, the flight of birds at the end of the day, which Guimarães Rosa described as being “of such large flocks”, no longer brought a song of peace.

Their song was an alert. And almost no one seemed to pay heed. In the 1980s, the *Cerrado* was of interest to just a handful of people. One of them was Maria Tereza Pádua, an agronomist who had already worked at the Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, (The Brazilian Institute of Forestry Development) and had on her curriculum the creation of more than eight million hectares of protected areas.

On moving to Brasília, she saw twisted paths and trees rapidly disappearing. At the time, less than 1% of the biome had protected areas. Maria Tereza met up with friends and created the Fundação Pró-Natureza – Funatura (Pro-Nature Foundation), the first conservation organization born with an interest in the *Cerrado*.

Funatura got off the ground with a mission: To study 13 million hectares in the *Gerais* lands in order to justify the creation of a national park. In two years, a multidisciplinary team had created a huge document presenting plenty of arguments in its favor. The area was of major importance. It contained rivers, springs and a biodiversity with at least 11 endangered species. And it wasn't behind culturally, either. After all, it was the territory in which the paths of the characters of Guimarães Rosa's book had trodden. In 1989, it was decreed that the Parque Nacional Grande Sertão Veredas, (Grande Sertão Veredas National Park) be created, in the northwest of the state of Minas Gerais and the southwest of the state of Bahia.

Once created, Funatura never abandoned its vocation, bending over backwards to implement the protected areas. A few years later, Maria Tereza left the foundation. But in her footsteps was a team as passionate as her to continue with the

Our goal was to implement in the Cantão Park (Tocantins State), the only component that was lacking in the management plan was public use of the park. All the guidelines were set up. The only thing missing was implementation.

The local population waited anxiously, because in creating a park, the locals are prohibited from fishing, hunting, camping, and doing a number of things that they had done before. We told them that they would no longer benefit from fishing and hunting, but in fact from other types of tourism: From people coming to see nature. They only saw the bad side and blamed us for it. The project meant that we were able to train many people in the community: Guides were trained to be their own entrepreneurs and today they receive money directly from tourists.

Last year, more than five thousand people visited the park. It used to be zero: No one knew the Cantão Park existed. Today, the community is proud of the park, they can see that ecotourism is a reality and that it is valuable. And they are earning their money.

SILVANA CAMPELLO
(ASSOCIAÇÃO ONÇA D'ÁGUA DE APOIO À GESTÃO E AO MANEJO
DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS)
Protection, Public Use and Monitoring of
the Cantão State Park

Knowing the behavior and lifestyle of a species is one of the basic requirements to save it from extinction. Although widely bred in captivity, the habits of this finch in nature were virtually unknown. With the resources of the TFCA, the project's technical team tracked down new populations of the species in the wild (in Goiás State), from which they managed to obtain new data on their behavior, feeding, breeding, etc.

It is also worth noting the completion of a taxonomic study of molecular and morphological data of the species by means of modern techniques of analysis, which was also made possible by the support of the TFCA. Visits were made to the main natural history museums in Brazil and around the world, from where they collected data on plumage and morphometry of virtually all finches collected in the wild. So, we can now select specimens for reintroduction that match exactly the morphology that exists in the region. It was also the first time a study like this had been carried out in Brazil.

FLÁVIO UBAID (INSTITUTO PRÓ-TERRA)
Population and Taxonomic Study Aimed at the
Reintroduction of the Great-billed Seed-finch
(*Sporophila maximiliani*)

work. You were only able to join the team if you had already journeyed across all the pages of the land of Guimarães Rosa.

César Victor Espírito Santo had not only read the novel once. He'd read it five times. It has been two decades, now, that the routine of the Executive Superintendent of Funatura has been to leave his home in Brasília and face 400 km of road to reach the town of Chapada Gaúcha, where the headquarters of the park are situated.

The town has a little over ten thousand inhabitants. It's in the state of Minas Gerais, despite the name being from the south of the country. But there's a reason why it pays homage to the South. In the 1970s, southerners began to arrive in their droves in search of the cheap land and they fattened the city's coffers with money from their crops. "The park is over there, where those trees are," says César, while driving once again towards the ridges.

It is not difficult to recognize: They are the only trees on the horizon. When the road is close to entering the city, there are almost 15 continuous kilometers with no sign whatsoever of the *Cerrado*. "With the advance of the agricultural lands, the park is turning into an island. And an island is not good for biodiversity. So we have to talk to the locals," says the forester, co-ordinator of the Grande Sertão Veredas Project.

It is no wonder that one of the Foundation's initiatives involves the schools in the region. The idea is to take the park into the classrooms, through lectures, and get students to discover and feel close to the protected areas. Funatura bought a bus, hired drivers, monitors and guides, so that the children's experience be the best possible. And it has worked. "Think of a happy bunch of kids. They see me on the street and come and ask: 'Manoel take us to the park!' It's just too wonderful for words. I've taken this project on, heart and soul," said the excited driver Manoel Campos, who has driven more than a thousand students over the last two years.

Lucas Rodrigues, 13, is one of them. He's already been on his fifth visit to the Grande Sertão Park. As chatty and excited as a buriti-palm frond on a windy day, he demonstrates intimacy

with the twisted trees of the *Cerrado*. And he shows no sign of being fed up with the trip. “I want to go back again and again. It’s so good... Hey! Look at the macaws!” He cries. He grabs his cell phone and runs to photograph the sky. He comes back out of breath. “There are people that help protect the animals and there are people that kill them. I’m going to help protect them. I don’t kill, no way! The animals have to live, too,” he says showing his full awareness.

But not everyone is in tune with Lucas. The 230 hectares of the Grande Sertão Veredas Park are still threatened by people who hunt, raise cattle and light fires right under the noses of the Foundation. It is to stop this activity that Pedro Barbosa das Neves penetrates the thick vegetation of the *Cerrado*, every day. Riding one of the ten donkeys that Funatura has bought to help monitor the area, he goes through the park’s mazes with the same fluidity with which the streams run along the paths.

Born and bred in the region, Pedro is good at riding. He has spent much of his life on horseback, working on farms in the local *sertão*. “I was born among the destruction. I cleared forests, burnt land, hunted... But when the park was created, I gradually changed my mind.” It’s been over ten years since he exchanged his cowboy hat for a park ranger’s cap. And he’s not interested in anything else: “For me it is best thing in the world. This here is our health: Walking along the edge of the paths, drinking the water from the river.”

Concern for the *Cerrado*, however, does not only beat in the hearts of those who live in the region. In a room in the Botanical Gardens in Rio de Janeiro, a team from the Centro Nacional de Conservação da Flora – CNCFlora (The National Center for Plant Conservation) is getting to grips with the endangered species of the biome via the project called Conservation of Critically Endangered Species of Flora in the Brazilian *Cerrado*.

CNCFlora is still in its infancy. It was created in 2008. But it’s like that prodigy child that comes into the world and immediately throws itself into the mission of grown-ups. In the same year that the center was formed, the Ministry of the Environment decreed that all Brazilian endangered species should have a

The population that we have been following since 1998 (in São Paulo State) is rapidly losing genetic diversity, as there are so few individuals. We had to create a method of reintroduction which would exclude individuals not used to life in the wild. Therefore, we used captive animals as embryo donors and implanted them into females in the wild. We took genetic material into the wild without interfering too much in the population.

It is an extremely interesting, new procedure, because it has never been done anywhere in the world before. Nothing we are doing has been done before. It is technological innovation. We had a lot of compartmentalized knowledge: We knew how to capture the animal in the wild; how to set it free; how to handle the reproductive part. We gathered all this fragmented knowledge and put it together to form a clear conservational objective. We are creating a methodology that will serve to conserve any small, isolated population, injecting genetic diversity for it to balance itself out and never lose its viability.

JOSÉ MAURICIO BARBANTI (FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO – FUNEP)
The Future of Conservation of Endangered Small Populations: Genome Bank and Reintroduction of Marsh Deer Embryos (*Blastocerus dichotomus*)

We already had experience with traditional communities in the Amazon. With this project, we got the chance to bring it all to the *Cerrado*. We found that associations were overwhelmed, unstructured, not only in their funding, but mainly in their organization.

We noticed that there is a new, highly qualified generation, who want to benefit of their own community. They're young people who seek knowledge and who want to put everything they've learned into practise. Our project was not the precursor of this movement, but it sought to enhance the performance of these young people. Many associations needed new leadership and we were able to get these youngsters placed into these structures. We ensured that these new minds with their fantastic leadership profiles were taken advantage of.

It is a long process of awareness building, of working together and allowing organizations to get on with it. We try to give a kick-start so that these groups can mobilize and stand on their own two feet in the future.

CAMILA DE CASTRO (INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL – IEB)
Management Training in Associations and Conservation and Sustainable Use of Biodiversity Projects in the Chapada dos Veadeiros Region, State of Goiás

conservation action plan. While the Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio (Chico Mendes Institute for Conservation of Biodiversity) took care of the fauna, it fell to the center look after the flora.

So CNCFlora started from the beginning, organizing everything. It took all the information scattered in state, national and international lists of endangered species and wrote the first *Red Book of Brazilian Flora*, completed in 2013. At least 2,113 species are in danger of disappearing from the country.

With this catastrophic image in hand, it was time to prepare plans to reverse the situation. But resources were lacking. They managed to get support from the TFCA and chose the *Cerrado* to start the work. And not by chance; “Besides there already being many conservation initiatives for the other biomes, the number of endangered species in the *Cerrado* caught our attention. 96 are critically endangered,” said Eline Martins, who coordinates the technical and scientific side of CNCFlora.

Initially, the idea was to plan actions focused “only” on the 96 species. But after organizing seminars, debates and looking at international experience, they concluded that they could do more: The action plans would be divided by territory rather than by species. “We tried to do the same as the rest of the world,” explains Eline. “We saw that endangered species always have a spatial distribution. Of the 96 critically endangered species, for example, 43 were in the same region of Minas Gerais State.”

The scope had been thrown open. On starting work on problem areas, several other species that were on the “endangered” and “vulnerable” lists were also considered. Now there are 438, divided into three action plans, focused in regions of Minas Gerais State and in the Upper Tocantins river basin, in the state of Goiás. The way to keep species alive is the same as ever. Protect them from expansion of monocultures, mining and fire.

While Eline and her CNCFlora group look at plants, another small but dedicated team of the Terra Brasilis NGO (under the project title of Conservation and Management of the Brazilian

Merganser (*Mergus octosetaceus*) set their eyes on a bird: The Brazilian Merganser, in the region of the Serra da Canastra National Park in Minas Gerais State. The first news of the species' existence came from afar. In the 1950s, it had been discovered in the rivers of Argentina, where today it is extinct. It took 30 years for a researcher to spot the bird in Brazil, gliding through the waters of the Serra da Canastra, in the state of Minas Gerais. But no one paid much attention. It took another two decades for Terra Brasilis to appear, search the state from top to bottom and warn that the duck was in great danger.

“Today we don’t know much about the species, but at that time it was an eminent unknown. They found out there and then that it was a rare and critically endangered bird,” says Livia Lins, of Terra Brasilis. The organization then took on the responsibility and delved deep into the life of the diving bird. It discovered, for example, that its entire population was only 250 individuals, and that half that number lived on the outskirts of the Serra da Canastra National Park.

The research also threw light on the behavior of the species. It is only found in clear, running water. And each pair of ducks lives on a particular stretch of river where it eats, sleeps, breeds and spends its life. “You will never see a group of Brazilian Mergansers. Only several kilometers downstream will there be another couple,” said Livia. Which can be a problem: “Soon there won’t be such long stretches of river with the conditions they need.”

What the researcher says is true enough. A group of Small Hydro Power Stations and mining projects are planning to take up position on the rivers of the region: A challenge for the Brazilian Merganser. But Terra Brasilis decided not to sit idly by. It gathered together a bunch of data and sought out the government.

A number of meetings and lectures were held with the organizations responsible for environmental licensing. “Our idea was precisely to show where the Merganser occurs, what its threat-status is and its peculiarities, in order to support licensing decisions,” said Livia. The result was better than

The TFCA has been a watershed. It was crucial to maintain our institution and was the encouragement we needed to broaden our work in the northwest of the state of São Paulo. The region has the largest degraded area in terms of deforestation in the state of São Paulo and is sorely lacking associations to develop environmental projects.

Today, our institute is seen as a reference in the region. The project has enabled us to build a network of institutional coordination and communication with more than 100 members, including governments, civil society and other associations. There were people who didn’t know how to draft projects: People who lived 300 km away and came to do the course. It was impressive. We gathered many civil servants who, in the end, managed to draw up intervention projects for their towns. To see these institutions express themselves, standing on their own two feet is the best result we’ve had.

RAFAEL NAVARRO (INSTITUTO AMBIENTE EM FOCO – IAF)
Training for the Mobilization of Financial Resources and
Development of Technical Projects Concerning the Conservation
and Restoration of the Atlantic Forest and the *Cerrado*
in the Northwest of São Paulo State.

We managed to establish a network of plant populations. We monitor more than 100 areas, within a region of more than 1,000 km (in the north of Minas Gerais State and the east of the state of Goiás), and we already have results that show that extraction is not harmful to the plants. The data collected has also been decisive in the creation of the Sustainable Development Reserve of Geraizeiras Springs, (38,000 hectares). We showed just how much this area could produce by utilizing only two species: The pequi and mangaba fruits. We proved that, from an economic point of view, it is feasible to create productive reserves.

ALDICIR OSNI SCARIOT (FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – FUNDAÇÃO ELISEU ALVES)
Cerrado Plant Management: Technical Subsidies for Public Policies in Sustainable Use and Conservation of Biodiversity

expected: “We were very well received. They said that that was what they needed: Data. If they do not have knowledge about a species, they can not protect it.”

The government awareness program, however, did not slow the research organization down. Its teams went kayaking down the river, after the Merganser. And with the support of the TFCA, they managed to paddle to deeper waters, increase the sampling area and discover for the first time, that some regions north of the Serra da Canastra National Park were also home to breeding pairs. “It changed the history of the species. Now we know that it is not so restricted to the park and its immediate surroundings,” says Livia, cautiously. “Any additional couple is a blessing. But at the same time, it is a challenge because these individuals are not in protected areas,” she warns.

Unfortunately, the Brazilian Merganser is not alone when it comes to vulnerability. Alex Bager knows this only too well. Professor at the Federal University of Lavras, Minas Gerais (UFPA) and member of the Centro Brasileiro de Estudos em Ecologia de Estradas, (The Brazilian Center for Studies for Road Ecology), he has been studying the impact that highways have had on the lives of animals, since 1995. And they are many. It is estimated that 475 million animals are run over every year in Brazil. This means every second, 15 individuals from the Brazilian fauna end up under the wheels of a car.

Data on the subject, however, has always been sparse. Bager decided to lend a helping hand with what he calls the Road Safety Net Project. He has created a kind of social network to try to gather, systematize and make available information on the mortality of wildlife on Brazil’s highways. The idea was to assist the government and the [highway] concessionaires in decision-making to reduce these impacts.

In principle, the project would involve researchers, managers of protected areas and the companies responsible for the highways. “The initial idea was to have about 12 partners and to train approximately 100 people,” he says. But the support of the TFCA raised those ambitions. “Today, the resources have enabled us to have 14,000 people working throughout Brazil.

We have trained more than two thousand people to put in place this whole structure that we have.”

The structure is simple, but efficient. Called the Sistema Urubu Mobile, (The Mobile Vulture System), the app gathers data from around the country. Anyone who has a smartphone in their pocket can help. Having spotted an animal killed on the road, it is photographed and the data is sent. At the other end, a team of species identification experts receives the images and classifies the animal. The information then appears on a map of infographics that provides a diagnosis to the problem.

In one year, about 7,500 pictures of animals killed on the road were sent from all over Brazil. And the number of employees is continuously growing. “Our most important partners are ordinary people. There have been truckers who have written in saying they love being able to help,” says Bager, without forgetting to mention the official offices: “This issue never used to be discussed at a national level. We have touched the hearts of people like the politicians in Brasília and the environmental agencies.”

With numbers and stories that bring the problem to life, the professor’s latest quest is a bill that is already being debated in the Chamber of Deputies of the Brazilian Congress. The text lists a series of measures to be adopted in the construction of roads, so as to minimize the impact on wildlife.

In an effort to keep alive what remains of the *Cerrado*, a group of indigenous people and small farmers has joined forces. The work is arduous: Quiet, hard and needs to be done daily. But it’s paying off.

In the lands of the Xingu River basin, the indigenous park that was given the name of the river is an island of green in the midst of devastation. Created in 1961, over ten ethnic groups live there, all of whom have witnessed the advance of the chainsaw over the decades. The agricultural expansion was closing further and further in on the limits of the protected areas. Looking at the map, it resembles a “hug of death”, as someone appropriately called it.

The *Cerrado* is the barn of agribusiness. Native fruits, such as the pequi, are under threat. We represent a resistance movement. There are many difficulties for the groups who wish to participate in this kind of production because we do not have public policies that support us. This is the first time in the state of Mato Grosso do Sul that a project has been developed for the pequi production chain: We are pioneers. We are collecting data to get the species noticed. It was a dream of the local communities that had already been working with this fruit. Without the TFCA, we could not have made this action possible.

ROSANE BASTOS (UNIÃO BRASILEIRA DE
EDUCAÇÃO E ENSINO – UBEE)
Structuralization of the Pequi
(*Caryocar brasiliense*)
Production Chain

These areas in the states of Goiás and Minas Gerais have been used to ‘harvest’ for generations. We applied the methodology of forest inventory, which is fundamental for the Extractive Reserves, once they have been created. The survey has given the scope of potential non-timber products within these areas, and this will serve as a tool for the next steps. Nowadays, farmers are protesting, saying that there is no extraction in the area, that the soil is poor. With the floristic study, we have proven the opposite. The soil must be preserved and be able to provide for local families.

MARCELO EGITO (CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
AGROECOLÓGICO DO CERRADO – CEDAC)
Agroextractivists Guaranteeing their Land:
Extractive Reserves in the Cerrado

In 2012, we presented the proposal to the TFCA to expand the network and strengthen what was already being done in the states of Goiás, Tocantins, Minas Gerais and Bahia. Since then, the number of members has almost doubled. And last year we reached a milestone: We were accredited by the Ministry of Agriculture to create the participatory organic certification. It had been a long battle. This revitalized the network, which has finally managed to complete the entire production chain, with certified products.

MARCELO EGITO (CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
AGROECOLÓGICO DO CERRADO – CEDAC)
Strengthening Community Network Organization
of the Cerrado Agroextractivists

And this is no exaggeration. Nearly six million hectares of native vegetation have been torn from the banks of the Xingu River in the state of Mato Grosso. And deforestation does not simply end with the tree on the ground: It generates losses that reach kilometres afield. The native peoples are well aware of this. With the degradation of the riverbanks, they soon noticed that the fish they were catching were no longer the same – neither was the water. They knocked on the doors of some non-native partners and challenged them to reverse this process.

Agronomist Rodrigo Junqueira was one of those on whose door the Indians came knocking. He coordinates the Programa Xingu do Instituto Socioambiental – ISA, (The Xingu Program of the Socio-Environmental Institute) and the project entitled The Xingu Seed Network: Generating Income and valorization of the Sociobiodiversity in the State of Mato Grosso. After promoting much dialogue between Indians, ranchers, farmers and researchers, the project Y Ikatu Xingu, [which means “Save the good water of the Xingu”], was formed in 2004. The campaign encouraged the recovery of springs and forests that bordered the river.

Support was huge, even among producers who had destroyed the green areas on their property. Even they felt that the water was drying up. The demand for native seeds to replant the forest increased dramatically. It was the cue for another initiative to develop in the region: The Rede de Sementes Xingu, (Xingu Seeds Network). Created in 2007, it began small. No more than ten individuals; Indians and small farmers, collecting seeds to sell. Everyone joked, saying that it would never work. But it did. “Today there are more than 400 collectors spread over 21 municipalities, generating an income of almost R\$1.5 million,” says Junqueira.

Now having grown up and with a certain amount of subversiveness, the network of collectors appropriated the machinery that was used to plant soybeans and adapted it to plant forests. “We started thinking about methodologies that were cheaper and were in tune with the local reality; very large, flat areas,” explains Junqueira. An ongoing process of training spread along the Xingu basin, all the time strengthening so that more and more people got on board.

The pioneering business was so successful that the network had to branch out into the formal world of commerce. It became the first community association in Brazil to be awarded the National Register of Seeds and Seedlings (RENASEM), through which the Ministry of Agriculture permits the marketing of such products. But it also stepped into the world of academia: Today, the State University of Mato Grosso has a structured seed laboratory that ensures the quality of what is collected. “Our work has acted as an important income supplement for families and increased the knowledge of forest peoples,” says Junqueira.

In the state of Tocantins, in the area known as Bico do Papagaio [Parrot’s Beak], it is this traditional knowledge that allows the nut openers to take advantage of the whole babassu palm, (*Orbignya phalerata*). The dried fronds become baskets. The husk of the nuts serves as coal. And, from inside the husks, the nuts produce oil. From generation to generation, the women of the region depend on this knowledge for much of their livelihoods. They never understood markets very well, but always moved forward, guided by intuition. The Associação Alternativas para a Pequena Agricultura – APA-TO, (The Alternative Association for Small Agriculture, Tocantins) has tried to bring it all together under the project header Strengthening the Babassu Productive Chain in the region of Bica do Papagaio, Tocantins State.

At the head of the APA-TO, agronomist Selma Ishii has closely monitored the nut openers. After a long training process, she declares the workers as ‘ripe as babassu palms at harvest time’. “With the training for marketing and management, they now know how the market works and where it is most profitable to sell their products,” according to the agronomist. “They can now negotiate alone with traders and consumers. They no longer need the APA-TO.”

They’re doing very well, thank you very much. Selma does the math: “There are at least 40 women. If each session of opening the nut produces 30 liters of oil per month, that’s 1,200 liters – or R\$ 12,000 being generated within the Parrot’s Beak area alone.” Not to mention the other

As a network, we are scattered throughout the region in far-flung places. So the idea of getting closer has been important. We have been able to strengthen ourselves internally and divulge externally what we have learned, our activities and our ability to work. We consider that to be the main objective of the project.

ANA LÚCIA SILVA (ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO – ANSA)
Improving Knowledge Management of Socio-environmental Initiatives of the Articulação Xingu Araguaia (AXA) Organizations and Generation of Information on Forest Restoration Alternatives in Araguaia-Xingu Region.

We encouraged the nurseries’ production to continue in the states of Goiás and Minas Gerais. Some of the ecological principles I learned at university, they have learned through experience. We value that experience: We took both their practices and ours, added basic ideas and delivered the course. Even today more participants seek us out.

MANOEL CLÁUDIO DA SILVA JÚNIOR
(REDE DE SEMENTES DO CERRADO)
Strengthening and Structuralization of the Cerrado

The project involved 21 family farmers, *quilombolas*¹ and settlers in the state of Goiás. The support of the TFCA helped everybody understand the existence of Agroforestry Systems. We see ourselves as part of an agroforestry movement. And through the exchange of ideas, we have discovered the experience of others: From those best experiences we have found guidance.

FLÁVIA STELA (INSTITUTO DE APOIO À AGRICULTURA FAMILIAR
E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – REDE TERRA)
Recovery of Degraded Areas in Agroforestry Systems
in the São Bartolomeu River Basin and Surrounding Areas

¹ *Quilombolas* are descendants of enslaved Africans who have kept their cultural traditions, livelihood and religions over the centuries. More than 1,500 communities throughout Brazil are certified by the public institution Palmares.

by-products of the babassu, which are also marketed. Every new market achieved, the greater the increase in income.

For example they have succeeded in securing space in local markets. In the past they displayed their products, informally, spread over the floor, now they have a standardized stall, use aprons and even have a slogan that says it all for these women: “Babassu is life.” “These are real changes in their lives, in the training, in the strengthening of extraction, in the identity of the nut openers. The self-esteem of these women has increased,” says Selma, noting that the merit and the major role in this story are not hers or APA-TO’s, but are of the workers themselves.

It is this same vision that the Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN, (the Society, Population and Nature Institute) is concerned with maintaining. In their Programa de Assessoria entre Comunidades (Advisory Program between Communities), they use a methodology that they call countryman-countryman so that the knowledge of some reaches others.

By means of the project called From the Baru Fruit to the Coroá: Sustainable Use of Products from the Sociobiodiversity of the *Cerrado* and the *Caatinga*, the ISPN acts as a bridge. For example it singles out Jonas Galvão, who for ten years has been trying to consolidate the first fully indigenous fruit pulp agribusiness in the state of Maranhão. He was invited to visit the Xerente Indigenous in Tocantins State, who have been trying to start a similar process there. “We took Jonas there to share his knowledge and for them all to exchange experiences. It was very enriching,” says Rodrigo Noleto, technical advisor at the Institute. “We enable this exchange to take place. It has a huge impact on those who acquire the knowledge, but also on those who pass it on.”

In the end, everyone emerges stronger. This is what Noleto notices each time he visits a community of farmers or agro-extractivists.” Often, political discussions

are restricted to Brasília. They do not arrive at the grass roots. We take workshops right there into the isolated rural communities and suddenly, those communities start to fight for their rights and want to influence public policy,” says the ISPN technician.

Just set the wheels in motion and the people of the *Cerrado* make it all happen. Guimarães Rosa had, incidentally, already put this into the words of Riobaldo, son of this grand *sertão*: “I know next to nothing,” he says. “But I’m suspicious of an awful lot.”







































PARQUE NACIONAL

GRANDE SERTÃO VEREDAS



ICMBio-MMA











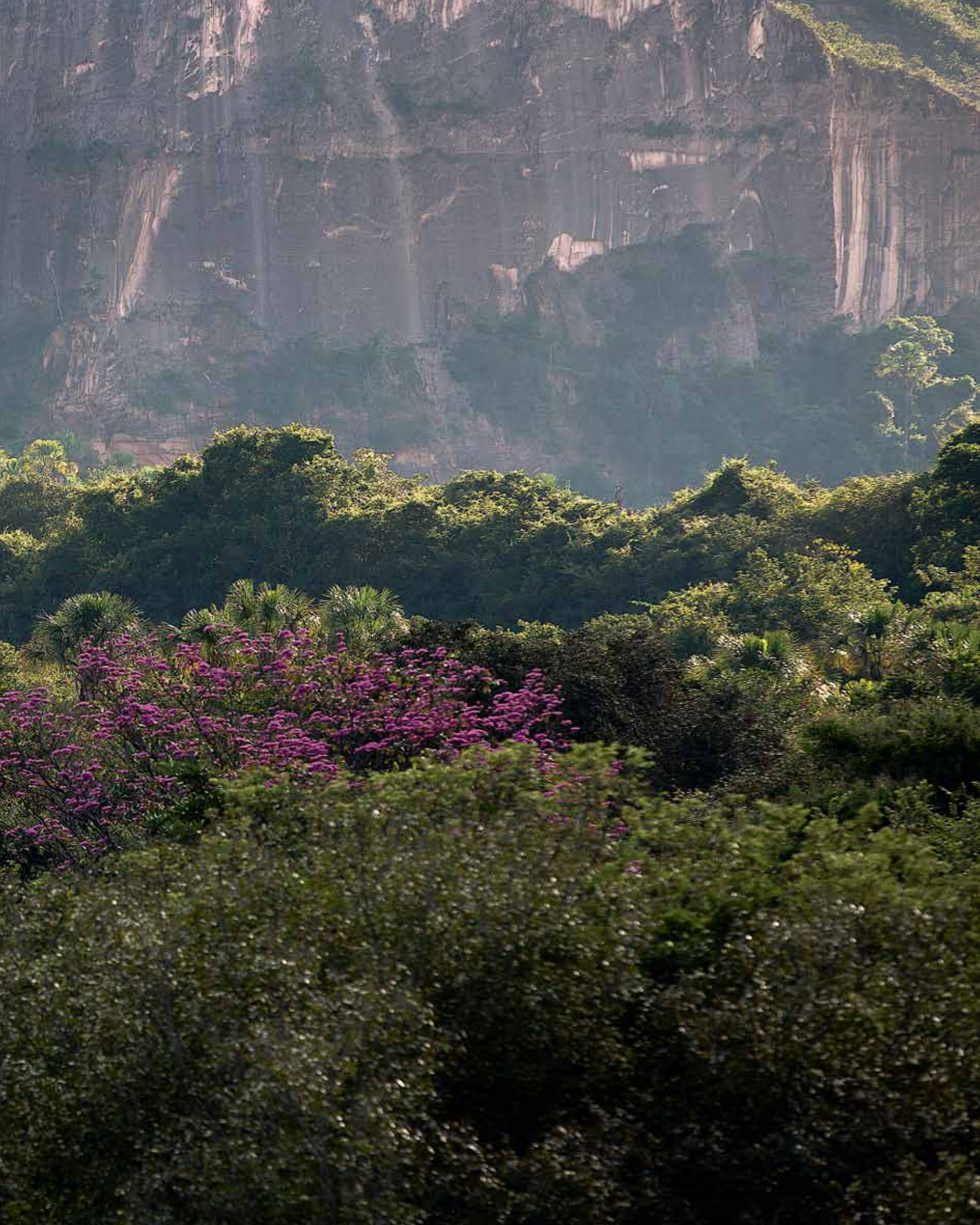














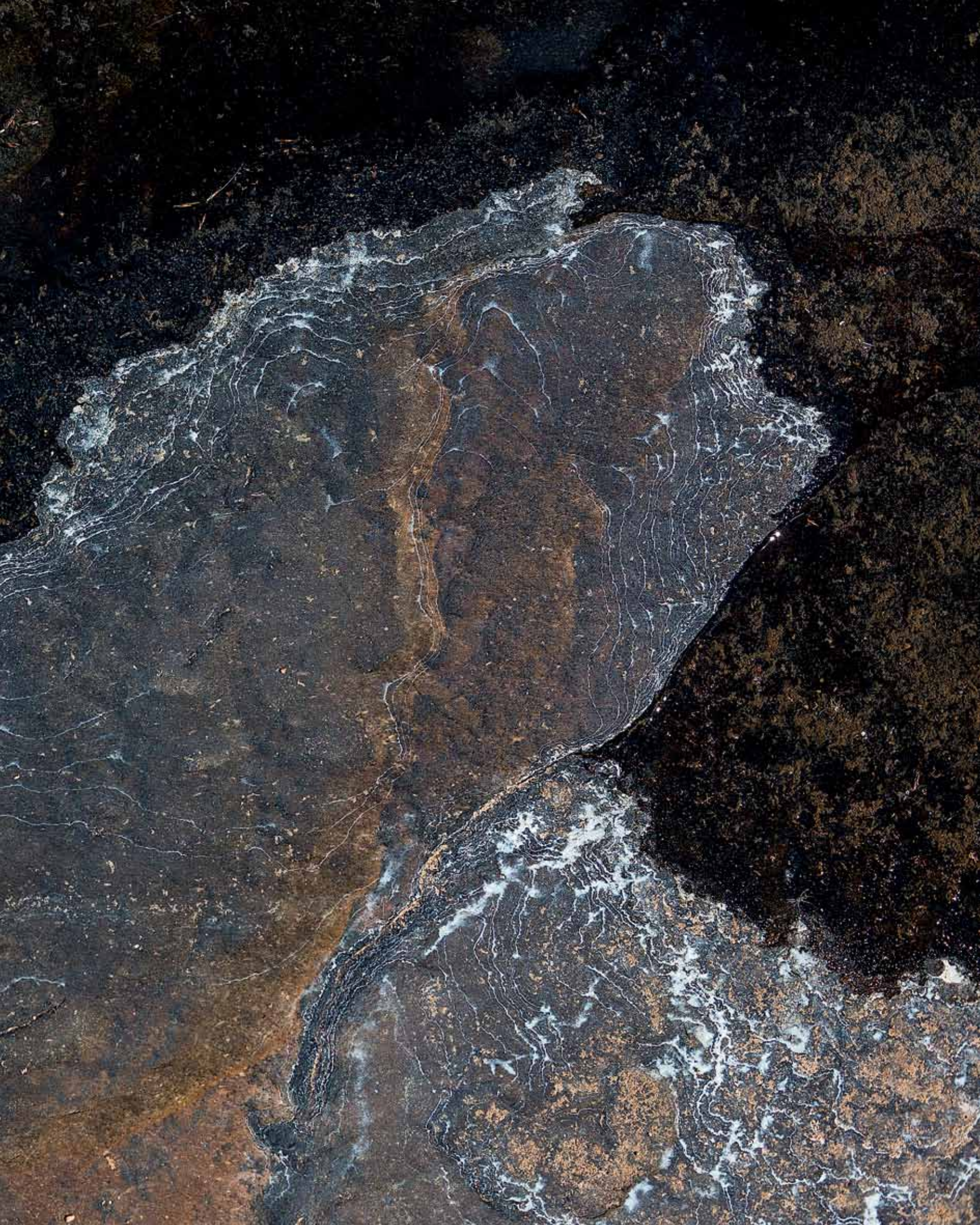














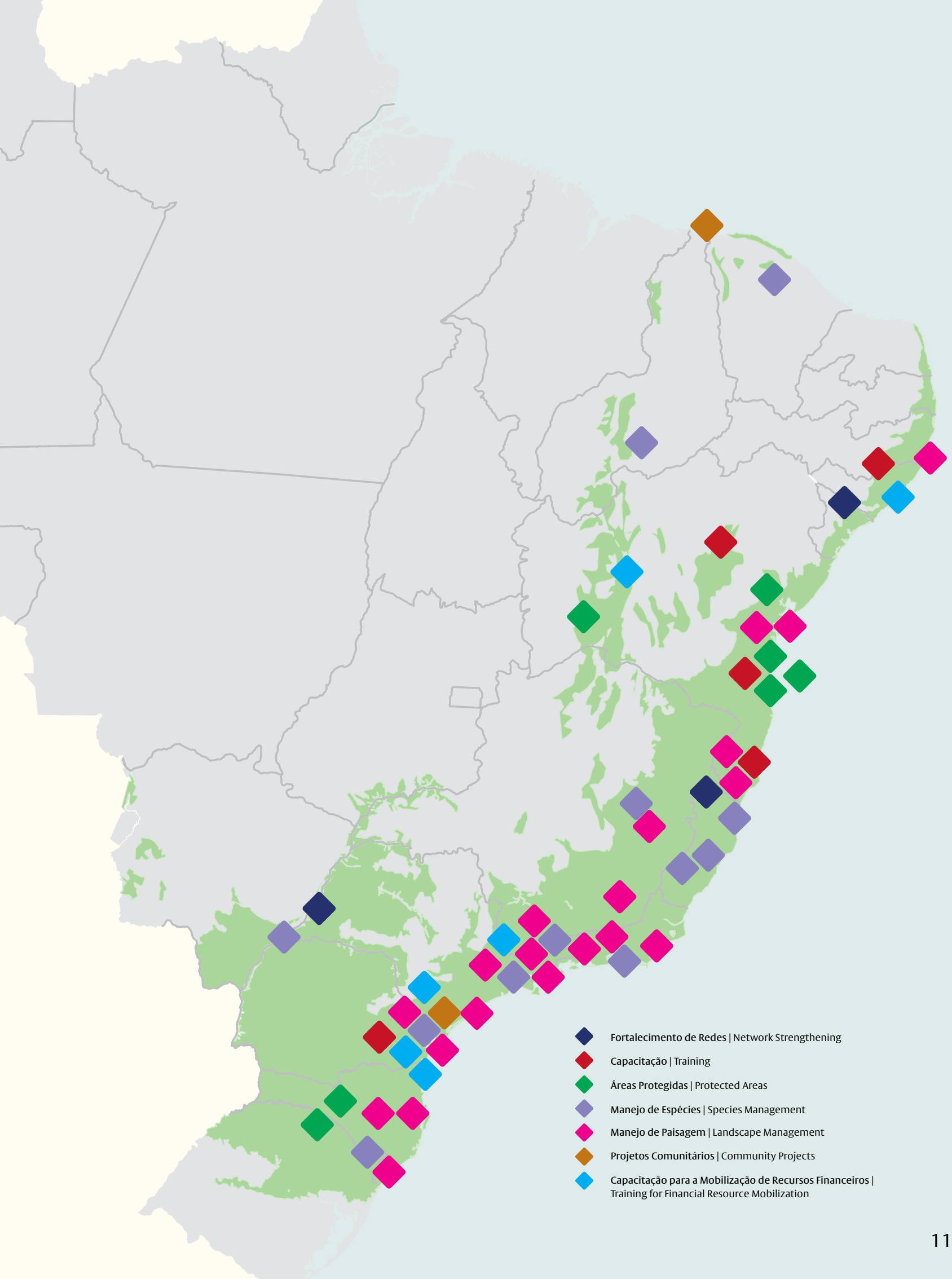












MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica* se estendia originalmente por 1,3 milhão de km², em 17 estados, do Nordeste ao Sul do Brasil, área equivalente a 15% da superfície nacional. Hoje, restam pouco mais de 22% da cobertura nativa, com apenas 7% de fragmentos florestais bem conservados. Cento e vinte milhões de pessoas habitam a área, que concentra mais de 20 mil espécies vegetais, mais de 849 de aves, 370 de anfíbios, 350 de peixes, 270 de mamíferos e 200 de répteis. Florestas, restingas, manguezais e campos de altitude caracterizam o bioma, em cujo domínio são produzidos aproximadamente 70% do PIB. Atualmente, cerca de 6% da área da Mata Atlântica estão protegidos em Unidades de Conservação, dos quais 2% de proteção integral e 4% de uso sustentável.

ATLANTIC FOREST

The Atlantic Forest* originally stretched for 1.3 million km² over 17 states, from the Northeast to the South of Brazil; an area equivalent to 15% of the national area. Today there is slightly more than 22% of the native coverage, with only 7% of well preserved forest fragments. One 120 million people inhabit the area that comprises more than 20 thousand plant species, more than 849 species of bird, 370 amphibian, 350 fish, 270 mammal, and 200 reptile species. Forests, salt marshes, mangroves and high altitude meadows characterize the biome, in which about 70% of Brazil's GDP is produced. Currently, about 6% of the Atlantic Forest area is protected in conservation areas, of which 2% enjoy strict protection and 4% is destined for sustainable use.

ENGLISH TEXT CONTINUED ON PAGE 131.

* Devido à área de atuação, alguns projetos são apontados em mais de um bioma.
* Due to the areas covered, some projects are shown in more than one biome.

Mal jogaram as âncoras, os portugueses já desceram das caravelas de machado na mão. Olharam em volta, espantados com uma floresta que não cabia nos olhos. Eram “arvoredos mui muitos e grandes, e de infindas maneiras”,¹ Pero Vaz Caminha rabiscou atônito em suas anotações. Em algumas horas, um estrondo ecoava no horizonte: tombava a primeira árvore abatida pelos europeus. Dela fizeram uma cruz, fincaram na areia e celebraram a missa. Depois daquele momento, as árvores nunca mais deixaram de cair.

Para a Mata Atlântica, era o começo do fim. Em pouco tempo, foi justamente numa árvore que descobriram a primeira fonte de riqueza que a Ilha de Vera Cruz lhes oferecia: o pau-brasil. A madeira avermelhada, ótima para tingimento de tecidos, caía como uma luva à indústria têxtil que florescia na Europa. Em 1511, mais de 150 toneladas dela já deixavam a Mata Atlântica para cruzar o oceano.

A consolidação definitiva do Brasil como colônia, porém, veio com uma planta que não era daqui. Três décadas depois que encostaram seus navios no litoral, os portugueses transformavam a cana-de-açúcar na primeira *commodity* agrícola que saía do Novo Mundo para ganhar um mundo novo.

Espalhando-se pela costa, especialmente por Pernambuco e Bahia, o império do açúcar alastrava-se com sabor amargo para as florestas. Para que uma única planta reinasse sozinha, aquela diversidade infinita de vidas deveria abrir caminho. O jesuíta

Um proprietário que fez o curso conosco queria conservar sua área verde, mas não sabia como. No curso, descobriu que podia criar uma RPPN (no Paraná). Ele elaborou uma proposta, fizemos a assessoria da gestão do projeto e a proposta foi aprovada. Não esperávamos alcançar um retorno tão imediato dessa capacitação.

KARINA DE OLIVEIRA (MATER NATURA – INSTITUTO DE ESTUDOS AMBIENTAIS)
ConBio: investindo na capacitação como estratégia para a conservação da Mata Atlântica

Na Serra da Jiboia está o principal remanescente de Mata Atlântica nessa região da Bahia. E ainda tem uma peculiaridade especial de transição entre Mata Atlântica e Caatinga. Apesar disso, não existe nenhuma área protegida pública aqui na região. Estamos fazendo diagnósticos participativos, conversando com as pessoas e levando essa discussão às comunidades. Há algumas propostas: poderia se criar uma unidade de conservação ou até um mosaico. Fizemos os estudos e vamos levar as sugestões aos órgãos públicos.

RENATO CUNHA (GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA – GAMBÁ) Unidade de Conservação da Serra da Jiboia: uma estratégia para conservação no Extremo Norte do Corredor Central da Mata Atlântica

O uso de recursos de compensação ambiental para fortalecimento das unidades de conservação pode ser aprimorado em vários estados. Um dos componentes do projeto foi o diagnóstico da situação atual do processo de compensação ambiental no estado da Bahia. A proposta era entender como é feita a execução dos recursos financeiros da compensação em unidades de conservação, identificar os principais gargalos e propor recomendações para melhoria da eficiência da destinação e da execução desses recursos em unidades de conservação. As alterações para aprimoramento do processo dependem do empenho do governo do estado e da articulação e integração entre as diferentes instituições envolvidas.

IVANA LAMAS (CONSERVATION INTERNATIONAL – CI BRASIL)
Consolidando as Unidades de Conservação da Bahia

1 Carta de Caminha. Acervo digital da Biblioteca Nacional: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>.

O Instituto Xopotó teve sua ação ampliada e sua imagem consolidada perante as comunidades rurais (em Minas Gerais). Como exemplo, temos o depoimento de uma das lideranças locais, o senhor Adão da Silva: “Diante da crise de água, caso não tivéssemos o apoio do Xopotó certamente estaríamos sem água até para beber. Nem consigo imaginar como faríamos.”

JOSÉ GERALDO RIVELLI (INSTITUTO XOPOTÓ PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL, ECONÔMICO E AMBIENTAL)
Agente Ambiental: produtor rural prestador de serviços ambientais

Desde o primeiro ano estamos vendo os resultados do projeto. Nosso trabalho é fundamental, como um exército: se surgir uma guerra e a tropa não estiver equipada, como se faz? Antes do projeto, já existiam três brigadas no parque, mas sem estrutura, equipamentos, quase nada. Isso tornava o problema do incêndio algo maior do que já era. O fogo é a maior ameaça dentro de um parque, ainda é difícil combatê-lo, mas estamos muito mais preparados e equipados para agir em uma situação de incêndio. Sem o projeto, não teríamos essa estrutura.

O financiamento contribuiu para preencher uma lacuna do Estado. E o projeto rompeu suas fronteiras, que são os cinco municípios (em Minas Gerais) em que o Parque está inserido. A atuação dos brigadistas vai além do entorno da APA da Mantiqueira, aos parques Nacional do Itatiaia e Estadual da Pedra Selada, que são nossos vizinhos. Somos uma brigada pronta para ajudar onde for preciso, porque estamos preparados.

CLARICE SILVA (FUNDAÇÃO MATUTU) Bases Comunitárias de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais – Contribuindo na Conservação no Parque Estadual da Serra do Papagaio

2 Revista de História da Biblioteca Nacional:
<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/lo-amargo-avanco-da-docura>>.

3 LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 3.

Antonil explica o *modus operandi*: “feita a escolha da melhor terra para a cana, roça-se, queima-se e alimpa-se, tirando-lhe tudo o que podia servir de embarço”.²

Logo descobriram que o lado de baixo do Equador também guardava pedras preciosas. A boa nova voou para o Velho Continente e levas de gente se lançaram para os trópicos. Num avanço desordenado, adentraram o território brasileiro disputando as margens do rio. Vilas e cidades brotaram emolduradas de riqueza. Mas a pompa só durou enquanto as minas aguentaram.

O próximo espasmo econômico viria de outra planta exótica. O café começou tímido na pauta de exportação brasileira. Mas ganhou corpo quando a família real aportou no Rio de Janeiro. Grandes pedaços de terra foram distribuídos pelo Vale do Paraíba, que ficou desfigurado com o avanço da monocultura.

A história se repetia: depois de um ciclo de euforia econômica, instalava-se a decadência. Já no século XX, ao passar por um Vale do Paraíba esgotado, Monteiro Lobato escreveu: “Ali tudo foi, nada é. [...] Cidades moribundas arrastam um viver decrepito”.³

E não foi por falta de aviso. Desde o século XVIII, vários documentos já acendiam a luz amarela sobre a devastação que se espalhava por aqui. Na segunda metade do século XIX, quando as florestas do Rio de Janeiro já haviam sido trocadas por café, os mananciais secaram e houve falta d’água generalizada. A crise inquietou D. Pedro II, que mandou reflorestar a área que hoje é conhecida como Floresta da Tijuca.

Cada vez mais vozes reivindicavam um uso racional dos recursos naturais. Em 1934, saía o primeiro Código Florestal brasileiro, uma tentativa do Estado de ordenar a exploração das matas. Mas eram tempos, também, de desenvolvimento econômico e industrial.

Três décadas depois, o ministro da Agricultura, Armando Monteiro Filho, clamava pela reformulação da lei. “Os desmatamentos nos mananciais vão transformando os campos em solos pobres e com produtividade cada vez menor”,

escreveu. “Agrava-se o problema da produção agrícola, como efeito imediato do uso indisciplinado e caótico das terras florestadas”.

O protesto do ministro resultou no novo Código Florestal de 1965, elogiadíssimo pelo mundo como uma das leis mais avançadas de que se tinha notícia. No entanto, o cenário só começaria a ganhar contorno mais claro nos anos 1990, quando o movimento ambientalista já ganhava músculos no mundo inteiro, inclusive por aqui. Foi nessa época que o país sediou a Rio-92, Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, voltando ainda mais os holofotes internacionais para cá. É nesse período também que entra em vigor a Lei de Crimes Ambientais, que traz penas mais duras para quem desrespeitasse a legislação.

Mas, tantos séculos depois, o modelo de exploração que começou com a derrubada de uma árvore já tinha deixado sua marca. Retalhada de norte a sul, a Mata Atlântica guarda hoje pouco mais de 22% da vegetação que um dia se esparramou por um milhão de quilômetros quadrados do litoral brasileiro e que concentra 80% da população do país. O número é motivo de sobra para que o Tropical Forest Conservation Act (TFCA) distribuisse boa parte de seus recursos para projetos de conservação do bioma. Eles são muitos. E são ousados. Como pede uma floresta desse porte.

É de gente ousada, por exemplo, que vive a Rede Gestora do Corredor de Biodiversidade do Rio Paraná. Ela foi criada em 2010, quando o Ministério do Meio Ambiente abriu edital para que fossem delimitados os corredores de biodiversidade do país. Escolhido para fazer o traçado na bacia do Rio Paraná, o instituto Mater Natura mapeou as instituições que atuavam na região para ajudá-lo na missão. Afinal, tratava-se de oito milhões de hectares distribuídos em 297 municípios do Sudoeste brasileiro.

Em dois anos, tarefa cumprida: o desenho do corredor estava feito. Mas o intercâmbio entre as organizações participantes tinha sido tão bom que elas não queriam mais deixar de trocar experiências. E nem deveriam. Uma verba do TFCA transformou vontade em realidade, por meio do projeto

Serão mais ou menos 300 hectares protegidos com as onze RPPNs. A maioria delas está próxima dos municípios, quase no perímetro urbano, mas há remanescentes de floresta diretamente relacionados às nascentes da região (no sul da Bahia). Estamos preservando fragmentos de floresta em estágio primário, que quase não foram mexidos.

CRISTIANO SANT’ANA (ASSOCIAÇÃO FLORA BRASIL) Conexão Verde:
Incentivo à criação de RPPN no entorno dos Parques Nacionais do Descobrimento e Monte Pascoal

Conseguimos tornar o Parque (no litoral da Bahia) muito mais conhecido, atraindo mais visitantes, principalmente das universidades próximas, que estão fazendo mais pesquisas de campo. Além disso, foi importante fortalecer, nos moradores do entorno, um olhar especial para o Parque. De que sua gestão passa também pela sociedade, e não só pelo Estado.

SALVADOR RIBEIRO (ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO MECENAS DA VIDA)
Amigos do PESC: um exercício de gestão participativa no Parque Estadual Serra do Conduru

Antes do TFCA, já tínhamos um bom acervo de informações acerca dos dados que precisávamos para montar o plano de conservação do bicudinho-do-brejo. Com o projeto, ganhamos fôlego para executar esse plano (no Paraná e no Rio Grande do Sul).

A grande importância do apoio foi poder dar continuidade à nossa pesquisa. Pudemos trabalhar a questão da genética de populações, ou seja, estudar como está a saúde delas. Conseguimos fazer o refinamento das informações coletadas, a ponto de termos hoje um vasto conhecimento sobre a genética dessas populações.

No último período do projeto, trabalhamos com políticas públicas. Estamos envolvidos em fóruns estaduais e nacionais muito importantes, como o conselho gestor da APA de Guaratuba, o Comitê Paranaense de Espécies Exóticas e Invasoras e o Conselho Nacional de Zonas Úmidas. Foi por meio do projeto que conseguimos participação nessas esferas importantes para garantir a conservação da espécie.

BIANCA REINERT (MATER NATURA) Projeto de Implantação do Plano de Conservação do Bicudinho-do-Brejo (*Stymphalornis acutirostris*)

Logo após a constituição da Rede de Gestores de Unidades de Conservação do Corredor Central da Mata Atlântica, em 2003, foi feito um planejamento básico. Com o tempo, a Rede foi crescendo, amadurecendo, e os participantes começaram a requisitar um planejamento mais estruturado. Com o apoio do TFCA/Funbio, trabalhamos o planejamento estratégico participativo, do qual fez parte o levantamento de toda a história da Rede, a revisão de sua missão, visão e valores.

O apoio do TFCA trouxe um novo fôlego para a Rede, que resultou no seu fortalecimento, na agregação de novos membros e na renovação dos ânimos e esperanças de membros mais antigos. O projeto culminou com a publicação de um livro que conta a história da Rede de Gestores e seu planejamento estratégico, apresenta o Corredor Central da Mata Atlântica e suas unidades de conservação e inclui reflexões sobre a atuação em rede e a importância de desenvolver o uso público em unidades de conservação.

IVANA LAMAS (CONSERVATION INTERNATIONAL – CI BRASIL)
Aprofundando a Gestão Integrada de Corredores Ecológicos
e Mosaicos de Áreas Protegidas

Convivendo com um universo de pesquisadores de espécies ameaçadas, via sempre a agonia de grande parte deles em conseguir dinheiro para dar continuidade a suas pesquisas. Você se vê diante de um plano de ação nacional de conservação de espécies ameaçadas, com dezenas de metas a serem cumpridas, mas existe o desafio de mobilizar recursos para isso. Como manter o pesquisador e a organização motivados para dar prosseguimento, se não existem recursos mínimos?

É difícil pensar em ações de longo prazo, na existência da organização e no cumprimento de suas missões, se não houver sustentabilidade financeira. E esse item normalmente não é levado em conta por financiadores na área de conservação: eles estão preocupados com os resultados em campo, mas não estão dispostos a investir na estrutura das organizações, que é o que vai permitir um trabalho de qualidade. Isso é investimento institucional, é criar organizações fortes. É um processo de ensinar a pescar mesmo.

ANDREA PEÇANHA (INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS – IPÊ)
Multiplicando Saberes: capacitação das instituições
participantes do PAN Mamac para mobilização financeira

Ações de Governança Territorial da Rede Gestora do Corredor de Biodiversidade do Rio Paraná.

“Para você ter uma ideia, da área total do Corredor, 71% do território são de usos vinculados à agropecuária, geração de energia, reforma agrária... A própria bacia do Rio Paraná responde por quase 60% da energia gerada no país”, diz Marcelo Limont, coordenador do projeto pelo Mater Natura. É ele quem costura o diálogo entre as 38 instituições que fazem parte da rede gestora, um mosaico que reúne ONGs, institutos de pesquisa, representantes de governos e de empresas.

O grande mérito da rede é este: conectar em diálogo atores que naturalmente não estariam se falando. Seja virtual ou presencialmente. E tirar dali experiências ou até apoios mútuos pela conservação da região.

É a cooperação também que funciona como bússola em várias unidades de conservação (UCs) da Mata Atlântica. Com orçamentos ambientais limitados, órgãos oficiais acessam também outras fontes de recursos para que as áreas protegidas saiam do papel. Nos últimos anos, o biólogo Marcos Alexandre Danieli se desdobrou nessa missão. E não colaborou só com uma UC, mas com seis. Todas no Sul do país, onde atua a ONG Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi).

As demandas eram diversas. No Refúgio de Vida Silvestre dos Campos de Palmas, por exemplo, uma das discussões que precisavam ser feitas era sobre fogo nos campos: a Apremavi elaborou um seminário e trouxe o debate para a mesa. Enquanto isso, ajudou a revisar o plano de manejo do Parque Estadual das Araucárias e a criar o documento para a Área de Relevante Interesse Ecológico da Serra da Abelha, que ainda não tinha um.

No Parque Estadual Rio Canoas, a Apremavi formou e capacitou seu Conselho Consultivo. Agora de pé, ele já anda com as próprias pernas: “Desde que terminamos o trabalho, o Conselho se reuniu duas vezes sem a nossa presença e já elaborou um regimento interno”, comemora Danieli, que ainda promoveu intercâmbio entre os conselhos do Parque

Estadual Fritz Plaumann e do Parque Nacional das Araucárias. “Pensamos sempre nessa lógica da integração entre gestores e conselheiros das UCs, para que também se ajudem e troquem experiências”.

No caso do Fritz Plaumann, há ainda mais olhos voltados para ele. Não à toa. Miúdo, com pouco mais de 700 hectares, o parque é daqueles pequenos ousados que vêm ao mundo: protege sozinho um fragmento de Floresta do Rio Uruguai, um tipo de formação vegetal único da Mata Atlântica e seriamente ameaçado. O biólogo Eduardo Hermes, da ONG Caipora, é velho conhecido da unidade: foi uma das pessoas que treinaram sua equipe gestora. Dessa vez, voltou para, entre outras coisas, tocar o projeto Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual Fritz Plaumann e Fortalecimento dos seus Mecanismos de Gestão.

A equipe coordenada por Hermes começou mapeando tudo o que tinha sido feito de pesquisas sobre o parque. Cerca de 50 documentos foram encontrados. Mas o time não se deu por satisfeito e resolveu, ele próprio, iniciar mais um estudo sobre a biodiversidade local para guiar o novo plano. Foi tiro certo.

“A gente dobrou a lista de aves conhecidas do parque: eram 120 espécies, agora são 232 identificadas. O número corresponde a 35% das aves que ocorrem no estado”, celebra o biólogo. “Em relação aos mamíferos, aumentamos de nove espécies registradas para 21. E de anfíbios, que antes não tinham nem levantamento, são 23 espécies documentadas”.

As unidades de conservação costumam mesmo guardar esses tesouros. Maurício Talebi que o diga. Ele coordena a Associação Pró-Muriqui, que criou em 2000 para concentrar os esforços de conservação do maior primata das Américas. A organização não tem sede: “Nossa sede é na mata”, justifica. Mais especificamente no Parque Estadual Carlos Botelho, na Serra de Paranapiacaba, em São Paulo. É ali que vivem cerca de 800 muriquis-do-sul, a maior população de uma espécie que já chegou a 400 mil indivíduos quando a Mata Atlântica não conhecia o machado.

Apesar de ameaçados, eles têm pelo menos dois pontos a seu favor: a região está encravada no maior fragmento contínuo

A *Sus scrofa* é considerada uma das 100 piores espécies invasoras, pelo seu alto grau de adaptação. O Brasil inteiro, de norte a sul, de leste a oeste, tem problemas com o javali, pois o controle é difícil. Sabia-se muito pouco sobre a espécie, principalmente na nossa região de Minas Gerais. Com o apoio do TFCA, somos os únicos com pesquisa da espécie no estado.

Nosso projeto foi aprovado no início de 2013 e em março o Ibama lançou portaria autorizando a captura e o abate do javali. Descobrimos uma série de falhas na normativa, que quase a torna inviável de ser aplicada na prática. A experiência do projeto está servindo para balizar essas normas nacionais.

A questão mais relevante do projeto foi conseguir juntar uma diversidade de atores: polícia, gestores de unidades de conservação, Ibama, ICMBio, pesquisadores, caçadores e cidadãos comuns. A grande vitória do fomento foi congregar todo mundo e tirar as instituições da inércia.

PAULO PEGAS (INSTITUTO ALTO-MONTANA DA SERRA FINA)
Medidas de Controle e Erradicação da Espécie Exótica *Sus scrofa*
em Unidades de Conservação das Terras Altas da Mantiqueira

Um fator fundamental para a conservação da Mata Atlântica é a presença de comunidades quilombolas, porque a agricultura que praticam e os usos da floresta são de baixo impacto. Essas populações criaram um modo de vida que favoreceu a conservação.

Há problemas fundiários grandes nos territórios. Como essa questão muitas vezes não está regularizada, eles têm várias restrições de uso. Uma delas é em relação ao corte de vegetação para a roça. Qualquer licenciamento ambiental exige o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Sem o CAR, não conseguiriam ter autorização para a roça tradicional. Eles querem expandir a agricultura, fazer outros plantios para ter renda. Mas enquanto a questão fundiária não se resolve, há uma dificuldade de manter a juventude lá sem ter opção de trabalho.

Nós fizemos discussões com a Secretaria de Ambiente, com os órgãos públicos, e chamamos as comunidades. Foi importante para todos tomarem conhecimento do processo e entenderem a legislação. Conseguimos fazer o CAR de duas comunidades e despertar o interesse das outras.

RAQUEL PASINATO (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA) Estratégias de Implementação do Planejamento e Gestão Territorial: oportunidades e desafios para os territórios quilombolas do Vale do Ribeira

Tínhamos ações similares às que existem no projeto, mas muito incipientes, não organizadas. Antes precisávamos comprar mudas, organizar a produção dos viveiros, marcar as matrizes, mas não havia recursos. Quando pensávamos em um mutirão, não havia veículo para levar as pessoas. Não conseguíamos. Tínhamos muitas ideias, mas não as colocávamos em prática.

O apoio é um instrumento que ajuda a concretizar sonhos. Sem falar na facilidade que temos de trabalhar com o Funbio. Você tem um financiador que te ajuda, que não te pressiona. Que facilita a sua vida.

Nosso objetivo era implantar 25 hectares de restauração com agrofloresta, apoiar viveiros comunitários e a articulação dos agricultores.

Conseguimos restaurar mais 30 hectares além dos 25 previstos. A gente percebe uma mudança de paradigma na vida dos agricultores: a construção da consciência ambiental é um fato. Você visita a casa deles e eles estão produzindo mudas, colhendo sementes.

OCIMAR BIM (INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CIDADANIA DO VALE DO RIBEIRA – IDESC) Formando Florestas: recuperação florestal participativa em unidades de conservação no Mosaico do Jacupiranga – SP

Estamos falando de uma região onde os holofotes de financiamento são escassos, devido a uma baixa capacidade institucional de captar recursos em fundos competitivos. Com o TFCA, inauguramos uma agenda ambiental estratégica e nova para a região mais prioritária de ações de conservação da Mata Atlântica. Tanto em termos de projetos aplicados e práticos de restauração florestal como de desenvolvimento de capacidades. Este projeto era um sonho antigo, pois sabíamos que existia um forte movimento de restauração sendo discutido em todo o território nacional e o Nordeste estava fora dessa discussão.

Capacitamos mais de 100 pessoas com as melhores tecnologias de restauração do Brasil e do mundo.

Os principais atores envolvidos foram governos, organizações não governamentais e universidade. Nosso objetivo era apresentar de maneira pioneira na região a necessidade de se desenvolverem modelos de reflorestamento com alta diversidade, regionalizados, e acabar de vez com a visão de que um projeto de restauração é apenas plantar mudas de qualquer forma.

SEVERINO RODRIGO (CENTRO DE PESQUISAS AMBIENTAIS DO NORDESTE – CEPAN) Rede de Restauração Ecológica do Corredor de Biodiversidade do Nordeste

da Mata Atlântica. E o time da associação é completamente apaixonado pelos macacos, que chegam a medir 1,5 metro. “Eu queria ser um miquiqui”, resume o mateiro Pedro Soares. Há mais de 20 anos trabalhando com a espécie, Pedro abriu mais de 300 km de trilhas no Parque Carlos Botelho para seguir de baixo os caminhos que os miquiquis-do-sul fazem a 30 metros de altura.

É ele quem adentra a mata ainda escura, com os ouvidos abertos e o pescoço virado para cima. Avista os animais, identifica, dá nome e toma nota sobre o dia: o que comeram, que árvores usaram, quantos eram, que trajeto fizeram. No longo prazo, os registros ajudam a entender alguns padrões de comportamento da espécie. Um deles deu ao primata o apelido de *hippies*: sociáveis, andam em grupos de até 35 indivíduos e vivem trocando abraços. Raramente competem ou se agredem.

“Os miquiquis não são fascinantes?”, Talebi repete sempre, demonstrando sua admiração. Formado em Veterinária, ele se apaixonou pelos “macacos *hippie*” na década de 1990, quando terminou a faculdade. Não quis mais saber de outra coisa. Fez mestrado em Etologia e doutorado em Antropologia Biológica, com foco na conservação da espécie. Reuniu material sobre o assunto ao longo de todos esses anos. Mas percebeu que a população da espécie não ia bem e resolveu encarar o problema: propôs ao TFCA o projeto Parâmetros Demográficos, Distribuição Geográfica e Conservação de Miquiqui-do-Sul nos Estados de São Paulo e Paraná, para atualizar o banco de dados de ocorrência dos primatas e definir áreas prioritárias de conservação.

A notícia não é boa: “Estamos encontrando um cenário bem pior que o imaginado”, adianta o primatólogo. Habitando florestas do sul do Rio de Janeiro e nordeste do Paraná – além de São Paulo –, os bichos não foram avistados em alguns locais onde costumavam ocorrer. E nos últimos 50 anos, a estimativa é de que houve uma violenta redução de aproximadamente 60% da população, principalmente pela ação de caçadores, que continuam atuando. Por conta desses dados, Talebi explica que a espécie sobe de grau nas categorias de ameaça de extinção, deixando de ser classificada como “Em Perigo” para a nova classificação “ criticamente em Perigo”, o que

significa que podem desaparecer para sempre, devido à extinção na natureza muito antes do que se imaginava.

Esta é também a situação de ameaça dos muriquis-do-norte, espécie do mesmo gênero que ocorre em Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Mas por trás deles também tem gente de sobra querendo mudar esse cenário.

No estado capixaba, os primatas só foram descobertos em 2000. Um ano depois, começava o acompanhamento dessas populações, que, ao contrário dos companheiros do Sul, vivem em áreas de floresta muito fragmentadas. A maioria em áreas privadas.

A aposta do Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (Ipema), no projeto Conservação do Muriqui-do-Norte (*Brachyteles hypoxanthus*) no Estado do Espírito Santo, é envolver as comunidades locais e aliar os jovens. Por isso, fechou parceria com escolas da região e criou o Núcleo de Observadores da Natureza: cerca de 20 alunos de ensino médio foram capacitados para fazer o reconhecimento de espécies à beira da extinção, coletar informações e alimentar um banco de dados. “Esses meninos moram na roça, são filhos de proprietários rurais”, explica o pesquisador Sérgio Mendes, que coordena o projeto.

Mendes diz que a meninada está animada. Só não mais do que ele, que conseguiu ainda reunir pesquisadores e convencer o governo do Espírito Santo a formular o primeiro Plano de Ação Estadual de Conservação dos Muriquis. “Transformamos a intenção de conservar em política pública”, comemora.

Quem também anda vibrando é a bióloga Elenise Sipinski, da Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS). Depois de 16 anos dedicados ao papagaio-de-cara-roxa, veio a boa nova: ele saiu da lista de espécies ameaçadas.

A bióloga, porém, diz que isso não é motivo para descanso. “Tem que ter cautela: a população não passa ainda de dez mil indivíduos”, afirma, e lembra que a espécie é dependente de ninhos artificiais, já que o desmatamento de seu *habitat* –

A cadeia de restauração florestal é composta por agentes produtores de insumo, que são os viveiristas, os produtores de sementes e de mudas nativas; pelas empresas que executam o processo de restauração; e pelas organizações que fazem o planejamento dessas ações. A cadeia estava totalmente desorganizada, era bastante incipiente. O que fizemos foi juntar esses atores e capacitá-los para que surgissem os primeiros elos que sustentariam essa cadeia. E para que pudessem se articular e ter condições de mobilizar recursos para realizar projetos na região. Um dos resultados dessa capacitação foi a criação da Associação de Produtores de Mudas do Estado de Pernambuco.

Sempre fui muito pessimista em relação ao futuro desse bioma aqui na região, por conta da relação histórica de ocupação e uso da terra para cana. Mas, com o projeto, tive a oportunidade de me aproximar de pessoas que concretamente trabalham com restauração florestal. E aprendi que, na prática, existe uma esperança para a Mata Atlântica.

GABRIEL FÁVERO (CENTRO DE PESQUISAS AMBIENTAIS DO NORDESTE – CEPAN) Fortalecendo Capacidades em Mobilização de Recursos Financeiros para Restauração Ecológica no Corredor de Biodiversidade do Nordeste

Faltava incentivo para projetos ambientais na região (em Alagoas e Pernambuco), e o TFCA alavancou isso. Empoderamos cerca de 100 organizações, que entenderam ser capazes de elaborar esses projetos. O TFCA acreditou no potencial das instituições que apoiou. Esta gestão eficiente dos recursos é o que precisamos para que a política ambiental se desenvolva.

RAVI ROCHA (ASSOCIAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE – AMANE) Capacitando Lideranças para a Conservação da Mata Atlântica do Nordeste

Só de apresentar um outro viés do palmito, mostrar para a comunidade que era possível ganhar dinheiro com ele de forma positiva, sem o corte clandestino, o projeto foi muito positivo. Por meio desse conhecimento, dessa vivência, eles se tornaram os guardiões do palmito. Viram que é possível conservar a floresta gerando renda.

AUGUSTO NEVES (ASSOCIAÇÃO BROTAR E CRESCER – ABC) Produção de Açaí, através do Manejo Sustentável da *Euterpe edulis*, no Município de Antônio Carlos – SC

Mais de 300 famílias têm construído uma nova agricultura e mais de 600 são assessoradas. O projeto põe em prática o pensamento de que somos um só: seres humanos e demais moradores do planeta. A agrofloresta é uma agricultura que recompõe a biodiversidade e se baseia nela para obter produtividade.

NÉLSON CORREA NETTO (ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES AGROFLORESTAIS DE BARRA DO TURVO E ADRIANÓPOLIS – COOPERA FLORESTA)
Agroflorestando o Vale do Ribeira

Antes do TFCA, trabalhávamos em pequena escala. O TFCA nos fortaleceu e trouxe uma visão abrangente. Passamos a planejar o trabalho na Mata Atlântica do Nordeste em larga escala, com o conceito de conectar não só florestas, mas pessoas. Trouxemos diálogo para atores que não conversavam.

RAVI ROCHA (ASSOCIAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE – AMANE) Rede de Gestores do Corredor da Mata Atlântica do Nordeste

O Ceará tem um problema muito sério de extinções provocadas não só por perda de *habitat*, mas também por captura, que é uma cultura muito forte no Nordeste. O periquito cara-suja é uma espécie símbolo desses dois impactos. Nosso foco foi trabalhar o lado social, envolvendo educação ambiental, sensibilização e campanha de combate à gaiola. Tentar trazer para a população o orgulho de ter aquela espécie única no ambiente da região.

Até então só pesquisávamos a espécie. O TFCA nos ajudou a complementar o trabalho com divulgação nas escolas, nas comunidades, com materiais didáticos. Isso ampliou muito o impacto, porque a partir desse contato com as pessoas conseguimos diminuir as capturas e trazer mais gente para apoiar o nosso trabalho.

Um exemplo é um menino de 17 anos, que era conhecido como um dos que mais pegavam pássaros. Ele ficou curioso, porque contratamos pessoas locais que passaram a ser referência no trabalho de educação ambiental. O menino passou a acompanhá-los e resolveu ajudar: começou até a construir ninhos para o projeto.

FABIO NUNES (ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PRESERVAÇÃO DE ECOSISTEMAS AQUÁTICOS – AQUASIS) A Mata Atlântica da Caatinga: o periquito cara-suja (*Pyrrhura griseipectus*) como símbolo para conservação da Serra de Baturité

que vai do litoral sul de São Paulo ao norte de Santa Catarina – arrancou as árvores que o animal usava para a nidificação. “Com a escassez dos ninhos naturais, começamos a instalar os artificiais. E verificamos que a ocupação deles foi de quase 100% anualmente. Hoje temos 120 ninhos de madeira e PVC instalados e monitorados, o que aumentou o sucesso reprodutivo”, explica Elenise, que coordena o Projeto de Conservação do Papagaio-de-Cara-Roxa (*Amazona brasiliensis*).

Um indicativo disso está nos censos anuais do papagaio que a SPVS faz. Há 11 anos eles são realizados no Paraná. Desde 2013, com o apoio do TFCA, a organização estendeu as contagens para São Paulo, dando um panorama mais preciso. “As estatísticas mostram que a população está estável, com leve tendência ao crescimento”, informa a bióloga.

Outro animal que também ganhou números inéditos foi o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*). “Juntamos pesquisadores do Brasil, Argentina e Paraguai, os três países onde a espécie é encontrada, para fazer o censo nacional e mundial simultaneamente. Isso nunca tinha sido feito”, diz Jaime Martinez, da Associação Amigos do Meio Ambiente (AMA), que trabalha em parceria com a Universidade de Passo Fundo (UPF). “A situação é preocupante. No Brasil são pouco mais de dois mil indivíduos”.

Para virar o jogo, é preciso conhecer a fundo a espécie. O que não era o caso do papagaio-de-peito-roxo, um animal que ainda tem poucas páginas da ciência dedicadas a ele. Nos últimos três anos, porém, esse material ganhou novos capítulos: os pesquisadores finalmente conseguiram recursos para adentrar a mata e não tirar os olhos dos bicudos. De quebra, ainda atualizaram os dados sobre o papagaio-charão (*Amazona pretrei*), a que a UPF já se dedica há mais de duas décadas. Tudo isso foi feito no projeto Dois papagaios ameaçados da Mata Atlântica, um esforço de conservação comum.

“Foram três anos de acampamentos, muitos dias nas florestas. Revezamos a equipe mesmo no Natal e no Ano Novo”, conta Martinez. “Isso trouxe muito conhecimento para entendermos seus hábitos de reprodução, as árvores que mais utilizam, seus

itens alimentares... O desafio agora é usar essas informações para atuar em estratégias de conservação mais eficazes”.

Ao contrário do papagaio-de-peito-roxo, ainda um ilustre desconhecido, não há quem não conheça o mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*). Endêmico do estado do Rio de Janeiro, o simpático primata já esteve à beira do precipício: na década de 1970, restavam cerca de 200 na natureza. Os pesquisadores avisaram: para que a espécie não desapareça, o número tem que pular para, pelo menos, dois mil indivíduos. E mais: eles precisam de, no mínimo, 25 mil hectares de florestas conectadas para viver.

O primeiro item foi cumprido com louvor: “Ano passado fizemos um recenseamento muito exaustivo, que percorreu todas as matas da região. Contamos 3.200 animais”, diz Luís Paulo Ferraz, da Associação Mico-Leão-Dourado (AMLD). Agora, o desafio é plantar floresta.

Há alguns anos a AMLD já faz isso. Eles correram atrás dos agricultores da região e montaram uma rede com quem estava disposto a produzir mudas para os plantios. Foram de casa em casa, deram oficinas de capacitação e mapearam em cada propriedade as árvores que dão sementes. Deu tão certo que precisaram criar um banco de sementes para guardar o que é coletado de excedente.

O projeto Restaurando Paisagens Florestais na APA Bacia do Rio São João, que era para salvar o mico, trouxe bons ventos também para as comunidades. “Muitos agricultores diminuíram esforços em outras frentes de trabalho para se dedicar às mudas, que acabam sendo um incremento na renda”, diz Ferraz.

E não é só com recursos que o retorno das florestas beneficia as pessoas. Antes de as torneiras começarem a secar em São Paulo, em 2014, os moradores que vivem às margens do Sistema Cantareira já sentiam que uma crise hídrica se aproximava. O motivo era óbvio: não restavam árvores em 60% das Áreas de Preservação Permanentes (APP) da região.

Com o Projeto Embaúba: recuperação de áreas degradadas no Corredor Cantareira-Mantiqueira, o Instituto de Pesquisas

Essas áreas onde trabalhamos são degradadas desde a época da exploração da cana, do café, do gado leiteiro. Conseguimos que a floresta de fato voltasse a ocupar seu espaço de antigamente. A área só mostrou potencial positivo de restauração.

Nosso lema no projeto era a gestão compartilhada. Firmamos um acordo de que toda a gestão seria feita utilizando mão de obra local. Buscamos os plantadores de floresta da região e conseguimos formar uma equipe com mais de 30 pessoas. Toda essa mudança foi muito positiva para o município. Se não fosse o projeto, nós nem saberíamos que existia aquela mão de obra disponível ali, e a pessoa que estava ociosa também não saberia que tinha aquela *expertise* escondida.

Foi uma experiência nova muito interessante, com financiadores superatenciosos. O corpo técnico do TFCA/Funbio tem uma visão diferenciada, flexibilidade para mudar o que estava previsto, não é problemático. Foi muito bom poder contar com um financiador desse tipo, pois havia um canal de diálogo.

EDSON DE OLIVEIRA JUNIOR (PÁTIO DAS ARTES) Uma Ação de Restauração Florestal para Proteção de Remanescente da Mata Atlântica no Vale do Paraíba

Levamos anos ouvindo que agrotóxico não é veneno. O agricultor ouviu isso de um técnico que tem mais formação que ele e isso se torna uma verdade absoluta. Desconstruir algo é muito mais difícil do que construir. Faltava um instrumento para a gente dialogar com mais propriedade, que desse mais elementos para a gente criticar o outro modelo de produção. Os recursos do TFCA nos deram essa propriedade. O projeto ganhou amplitude e atingiu mais pessoas do que esperávamos. Conseguimos impactar e persuadir cerca de 400 agricultores.

É um processo que vem dando frutos e criando esperanças para nós, que estamos ilhados no meio de quase um milhão de hectares de eucalipto. Trabalhamos na contramão de um processo latente e vigente. A maneira de conseguir continuar respirando nesta ilha de eucaliptos é continuar plantando, semeando. E não deixar de falar das nossas práticas. Temos que mostrar nossas ideias agindo, para que as pessoas percebam que outro modelo de produção é possível. É semeando que um dia o fruto vem.

IVONETE GONÇALVES DE SOUZA (CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL DA BAHIA – CEPEDES) Semeando Novos Caminhos para uma Agricultura Familiar Sadia e Sustentável nos Assentamentos Lulão e Macadame no Extremo Sul da Bahia

Nesta experiência de ter um contato mais estreito com a comunidade, que o TFCA possibilitou, conseguimos levantar os problemas que os catadores de caranguejo apontavam e inserir a fala deles dentro do Plano de Ação Nacional do Manguezal. Nas reuniões do PAN, resgatamos e transferimos as problemáticas trabalhadas na comunidade.

MONICA TOGNELLA (FUNDAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE TECNOLOGIA – FEST)
Manutenção do Estoque Natural: experiências compartilhadas com a comunidade extrativista

O projeto nos deu a possibilidade de atender tecnicamente esses agricultores (na Bahia), que não tinham nenhum histórico de assistência nesse sentido.

Eles começaram a produzir de forma sustentável, aumentando a produtividade e qualificando sua produção e formação profissional, o que também teve efeito positivo sobre a autoestima. Hoje eles recebem visitas de agricultores familiares de todo o mundo para conhecer sua experiência. Também passamos por um processo de adequação para certificação socioambiental e conseguimos certificar o primeiro grupo de agricultores familiares do Brasil.

Este projeto trouxe uma satisfação pessoal e profissional para toda a equipe. Às vezes tínhamos descontinuidade de trabalho, mas este estamos conseguindo finalizar, levar do início ao fim, trabalhando toda a cadeia. A relação com os agricultores foi construída em bases sólidas. Eles se apropriaram das técnicas e estão conseguindo reproduzi-las. Ver o crescimento deles é muito estimulante. Foi uma das experiências mais gratificantes da minha vida.

ANA PAULA MATOS (ORGANIZAÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE TERRAS DO BAIXO SUL DA BAHIA – OCT) Uma Estratégia de Agroconservação na Bacia do Rio Juliana – APA do Pratigi

Nossos indicadores acabaram mostrando algo surpreendente. Originalmente, a região de Minas Gerais tinha pouca importância (em relação às florestas de araucária). Mas ali descobrimos fragmentos de quatro mil hectares de florestas com araucária (*Araucaria angustifolia*) original. Chegamos a encontrar araucárias de cinco metros. Minas Gerais nem aparecia no mapa da araucária, e hoje demos relevância à região.

Os fragmentos existentes são muito importantes e estratégicos para a conservação da genética da espécie.

MARCELO AMARAL (INSTITUTO AMIGOS DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA – IA RBMA) Construção de Indicadores de Sustentabilidade das Cadeias Produtivas da Sociobiodiversidade

Ecológicas (IPÊ) rodou o Cantareira e produziu um mapa com as áreas prioritárias para restauração. E começou, ele mesmo, a fazer o serviço. Se no início os proprietários de terra olhavam torto, agora querem mais é que as árvores voltem logo ao seu lugar. “Eles viram que era fundamental a recuperação das nascentes, dos corpos d’água”, conta o pesquisador do IPÊ Alexandre Uezu. “Se existe um lado positivo nesta crise, é o reconhecimento da importância das florestas”.

Num bioma que perdeu a maior parte de sua vegetação, a restauração florestal parece mesmo ser pauta do dia. E vem andando lado a lado com outra palavra de ordem: a agroecologia. Juntas, as duas iniciativas têm feito pequenas revoluções no campo.

“Entre 1970 e 1990, a população rural do Brasil diminuiu 40%. Nos últimos dez anos, foi o êxodo rural que reduziu, devido a novas oportunidades que apareceram para a agricultura familiar”, diz o agrônomo Carlos Hugo Rocha, da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Institucional, Científico e Tecnológico da Universidade Estadual de Ponta Grossa (FAUEPG).

É nessa mudança que os pesquisadores da FAUEPG vêm trabalhando no projeto Capacitação em Técnicas de Desenvolvimento Rural Sustentável e Práticas de Regularização Ambiental de Propriedades de Base Familiar. Um dos braços do trabalho que desenvolvem no Paraná é justamente criar oportunidades para que os jovens da zona rural tenham motivo de sobra para continuar no campo. E, para que isso aconteça, a produção familiar é um tema-chave. “Se esses agricultores tiverem apoio e incentivo, eles têm grandes chances de ter uma vida mais digna no campo do que na cidade”, diz Rocha.

A FAUEPG faz sua parte. Bateu à porta de quase 20 escolas rurais da região e levou conhecimentos técnicos para a vida dos estudantes. “Entramos para apoiar não apenas a formação em técnicos agrícolas, mas os ajudamos a se enxergarem como agricultores mais qualificados. E, portanto, com maior potencial de assumir as propriedades da família quando seus pais se aposentarem”, diz.

É nos jovens também que o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (Ipema) tem posto suas fichas. E nas mulheres. E nos idosos. Na Comunidade Tradicional Caiçara do Sertão do Ubatumirim, no município paulista de Ubatuba, famílias inteiras têm trabalhado na produção do açaí da palmeira juçara.

“Subir na palmeira exige esforço, então quem faz isso é a juventude. Os mais velhos ajudam a tirar o fruto do cacho. Na unidade de processamento, as mulheres estão mais envolvidas com o beneficiamento da polpa”, explica o passo a passo Fábio Reis, um dos coordenadores do projeto Manejo Florestal Comunitário da Juçara e Cambuci. Antes, só precisava de uma pessoa para derrubar a árvore e arrancar dela o palmito. “Hoje eles reconhecem que é mais lucrativo ter a palmeira em pé produzindo fruto”.

Já faz dez anos que a população de Ubatumirim deixou de olhar para o palmito e se voltou para o açaí de juçara. Só faltava a unidade de beneficiamento começar a funcionar e os produtores entenderem melhor o mercado para que a cadeia passasse a brilhar. Com apoio do TFCA, as máquinas foram ligadas e a comunidade recebeu aulas sobre planos de negócio.

“Conseguimos um engajamento comunitário e ampliamos o número de produtores”, afirma Reis. A popularização do açaí na região foi tanta que teve até gente dizendo que está mais forte, mais disposto, com dentes e cabelos crescendo como nunca.

O que é ótimo: é preciso mesmo disposição para tocar um modelo de produção que nunca teve vez em cinco séculos de Brasil. “Hoje já há um estímulo grande para tornar a agricultura mais sustentável, mas o incentivo ao agronegócio é enorme”, opina André Gonçalves, da ONG Centro Ecológico. “Técnicamente, não existem mais entraves para a produção limpa. É completamente possível você lucrar com ela. É uma questão de mudar a cabeça”.

Na serra e no litoral norte gaúchos, pelo menos 300 famílias de agricultores já abriram suas mentes, por meio do projeto Ampliação e Consolidação dos SAFs na Serra e Litoral Norte

Outros editais são muito voltados para gerar dados de pesquisa. O do TFCA permitiu trabalhar com biologia da conservação da espécie. Conseguimos instalar colônias em uma área protegida, o Parque Estadual da Pedra Azul (no Espírito Santo). Foi a primeira ação de reintrodução da *Melipona capixaba* na natureza. Também fizemos um levantamento genético detalhado dessas colmeias que estão nas mãos de criadores. Assim vamos poder definir as colônias prioritárias para reintroduzir na natureza a maior diversidade genética possível.

HELDER CANTO (FUNDAÇÃO ARTHUR BERNARDES – FUNARBE)
Conservação de *Melipona capixaba*, Abelha Ameaçada de Extinção

Entre o meio urbano e as unidades de conservação, estão as zonas rurais. Os agricultores que participaram do projeto são aqueles que fazem esse meio do caminho, que estão situados muito próximos a essas áreas protegidas (no estado do Rio de Janeiro). Nosso estímulo é que eles façam uma agricultura agroecológica. Não só por utilizarem técnicas de conservação do solo e não usarem veneno ou produtos químicos, mas também por utilizarem árvores dentro da agricultura. A ideia é mitigar o impacto entre as áreas urbanas e as UCs.

MÁRCIO MENDONÇA (ASSESSORIA E SERVIÇOS A PROJETOS EM AGRICULTURA ALTERNATIVA – AS-PTA) Árvores na Agricultura Familiar para a Conservação da Mata Atlântica

O financiamento do TFCA foi um grande incentivo para aumentar a criação das Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) na região do Litoral Sul da Bahia. Conseguimos ir a cada propriedade, de porta em porta, e mostramos por que seria bom eles criarem suas unidades de conservação. À medida que os fomos convencendo, houve uma reação em cadeia: um foi estimulando o outro. O resultado foram 22 RPPNs criadas ao longo do projeto. Hoje temos um grande mosaico de áreas protegidas na região.

EDUARDO ROCHA (INSTITUTO NYAMATA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA) UCs Privadas no Âmbito do Programa Floresta Legal

Conseguimos o envolvimento das comunidades, que, além de cederem as áreas, se envolveram nos núcleos de plantio e participaram dos cursos de capacitação em restauração florestal. Hoje temos essas áreas (na Bahia) monitoradas pelos próprios agricultores que ajudaram a plantar as mudas, garantindo que elas se desenvolvam da melhor maneira possível. Observando as áreas hoje, vemos uma evolução muito grande, se compararmos com outras restauradas na região: temos uma paisagem já modificada.

THIAGO GUEDES (ORGANIZAÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE TERRAS DO BAIXO SUL DA BAHIA – OCT) Restaurando Serviços Ambientais nas Sub-Bacias do Mina Nova e Vargido – APA do Pratigi

Ao todo, foram capturados 625 micos-leões-de-cara-dourada. Destes, 300 foram transportados para a Bahia e os demais ficaram em zoológicos. Para os invasores, foi bom porque criamos uma nova população: acabou se configurando uma reintrodução da espécie em uma área onde ela estava extinta. E para os micos-leões-dourados foi a salvação. Rapidamente os invasores chegariam em sua área (no estado do Rio de Janeiro). Já descobrimos dois micos híbridos. Uma vez havendo o cruzamento, não há como tirar o hibridismo, e o mico-leão-dourado acabaria extinto.

CECÍLIA KIERULFF (INSTITUTO PRI-MATAS PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE) Remoção e Translocação do Mico-Leão-de-Cara-Dourada (*Leontopithecus chrysomelas*) Invasor na Área de Ocorrência do Mico-Leão-Dourado (*Leontopithecus rosalia*)

O projeto funcionou como um embrião, nos permitindo fazer o diagnóstico da área e construir as bases para dar um passo muito maior. O início das atividades, com a restauração e o acompanhamento de oito áreas (nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro), já criou uma fila de proprietários pré-cadastrados, interessados em restaurar suas terras. Isso é muito positivo. O apoio do TFCA também nos permitiu ter uma experiência institucional e técnica para aprovar outros projetos. Ele foi fundamental para nos abrir novas portas e possibilidades.

LUIS FELIPE CESAR (CRESCENTE FÉRTIL – PROJETOS AMBIENTAIS, CULTURAIS E DE COMUNICAÇÃO) Recuperação Ambiental da Sub-Bacia do Rio Sesmarias Fase 1

do Rio Grande do Sul. É ali que o Centro Ecológico atua na formação e na capacitação desses trabalhadores, para que a produção de alimentos não implique desmatamento. Só nos últimos anos, dezenas de hectares de áreas desmatadas estão sendo recuperadas com espécies que dão retorno econômico – como a palmeira juçara. E mais de 150 hectares de sistemas agroflorestais já ocupam o solo. Sem agrotóxicos, com floresta.

O efeito é dominó: começa com algumas famílias, os olhos dos vizinhos crescem e o modelo vai se espalhando. “Das 300 famílias beneficiadas com o projeto, 40% eram novos agricultores inserindo-se na agroecologia”, contabiliza Gonçalves. “Esses sistemas têm a capacidade de produzir alimentos, gerar renda, conservar a Mata Atlântica e, conseqüentemente, potencializar seus serviços ambientais”.

É assim, no boca a boca, que a agroecologia também vai ocupando espaço na Zona da Mata de Pernambuco. O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá faz parte desse movimento. “Os agricultores que estão entrando no sistema agroflorestal são escolhidos para conhecer experiências mais avançadas de outras famílias. Quando eles veem a diversificação da produção, a preservação de recursos hídricos, isso os impacta”, garante Ana Santos da Cruz, coordenadora do projeto Rede em Movimento Disseminando a Agrofloresta. Cursos de formação, debates e oficinas complementam o mergulho no “novo mundo”.

“A Zona da Mata é historicamente marcada pela monocultura, pelos grandes engenhos e latifúndios que desde o período colonial vêm causando destruição. É o deserto verde de cana-de-açúcar”. Num cenário desses ver os resultados de uma agricultura que caminha junto com a floresta é mesmo de cair o queixo: a água está brotando de nascentes que haviam secado, as árvores estão trazendo de volta um verde que não tem cor de deserto, a segurança alimentar está sendo garantida e a renda vem caindo mais generosa no bolso de pelo menos 650 famílias apoiadas.

O modelo agroflorestal alcançou até a Costa do Descobrimento. Ali, na região onde os portugueses pisaram pela primeira

vez em território brasileiro, o trabalho é com uma gente que resume o caldo cultural que caracteriza o país: “Lidamos com quilombolas, agricultores familiares, tradicionais, agricultores indígenas, assentados em programas de reforma agrária...”, lista Francisco Colli, da organização Terra Viva.

O que pode parecer caótico à primeira vista na verdade guarda uma riqueza sem tamanho: todos esses grupos têm uma relação tradicional e íntima com a agricultura e a floresta. Uma relação harmoniosa que foi se perdendo de geração em geração, mas cuja semente continua viva. “O contato dessas comunidades com o agronegócio foi gradativamente diminuindo a diversidade dos cultivos que elas faziam. Foi se perdendo muita coisa, de produto e de conhecimento”, lamenta Colli.

O projeto Floresta de Alimentos vem justamente resgatar as práticas de cultivo que esses povos desenvolviam no passado. “A ideia é trabalhar a diversidade incorporando as árvores nativas. Espécies que fazem parte da paisagem natural, de que as comunidades fazem um uso que estava se perdendo. Não é para plantar só para ser diverso: é para ter uso medicinal, artesanal, paisagístico”, explica.

Para isso, o Terra Viva organizou um intercâmbio entre os diferentes grupos, que não ficaram só na troca de experiências técnicas: falaram também de vida. “Todas essas diversidades da agricultura familiar vêm de uma mesma matriz. O que a gente tenta promover nesses espaços de debate é que os povos se identifiquem, se fortaleçam e se aproximem cada vez mais”.

Há 500 anos, era ali na Costa do Descobrimento que os portugueses se ajoelhavam: diante de uma cruz de madeira fresca, pediam a Deus que aquela terra lhes trouxesse riqueza. A floresta tombou. Cinco séculos mais tarde, o agricultor Tião Teles dobrava os joelhos na mesma região. Sobre a terra seca de seu roçado, clamava a Deus que recuperasse sua plantação de cacau, arrasada por pragas. No mesmo dia, o Terra Viva bateu em sua porta: junto com o cacau, a floresta voltou.

Sinal de novos tempos no Novo Mundo.

Poder trabalhar com a aplicação das pesquisas foi um privilégio. Receber o retorno dos cursos de capacitação e poder contribuir para a formulação de políticas públicas também foi maravilhoso. E ainda me trouxe a perspectiva de que, no futuro, possamos restaurar de forma mais barata, pois vimos que é possível desenvolver novas tecnologias a partir do simples olhar para a natureza. Aprendemos a observar como a natureza funciona e, a partir de sua própria resiliência, sua forma de se restaurar, desenvolver essas novas técnicas.

RICARDO BRITZ (SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL – SPVS) Pesquisa e Capacitação em Restauração Ambiental na Floresta Atlântica do Paraná

Na implementação do Plano de Ação Nacional para Conservação da Onça-Pintada, vimos que ainda existiam muitas lacunas de conhecimento. Com o projeto, preenchemos essas lacunas. Com as informações sobre o *habitat*, criamos um mapa apontando as áreas prioritárias a partir da perspectiva da espécie. Geramos informações gráficas, decodificamos os dados e passamos aos tomadores de decisão. Isso é revertido em medidas concretas para a conservação da espécie. O Parque Municipal de Naviraí, maior parque municipal do país, foi criado a partir das informações desse mapa.

FERNANDO LIMA (INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS – IPÊ) Estratégia para Conservação da Onça-Pintada (*Panthera onca*) no Alto Rio Paraná: pesquisas, publicações e plano de manejo de metapopulação para a espécie

A cadeia produtiva do pinhão na região dispõe de poucas informações oficiais. Ao longo do trabalho, levantamos informações dos próprios agricultores e também referências bibliográficas sobre a importância, o volume, a quantidade dessa amêndoa, como ela é produzida e como pode ser comercializada. As informações que conseguimos foram bastante diferentes dos dados oficiais do IBGE. Isso fez que a gente quantificasse e qualificasse melhor essa cadeia produtiva na região, que é muito maior e mais trabalhada do que se imagina.

NATAL JOÃO MAGNANTI (ASSOCIAÇÃO VIANEI DE COOPERAÇÃO E INTERCÂMBIO NO TRABALHO, EDUCAÇÃO, CULTURA E SAÚDE – AVICITECS) Promoção e Fortalecimento da Cadeia Produtiva do Pinhão na Serra Catarinense, Tendo como Protagonista a Agricultura Familiar Agroecológica e como Mote a Agregação de Valor e o Fortalecimento de Mercados Sustentáveis

A landowner who took the course with us wanted to keep his area green, but he did not know how. On the course, he found he could create a Private Natural Heritage Reserve (in Paraná State). He drafted a proposal, we advised him on project management and the proposal was approved. We did not expect to receive such immediate return from this training.

KARINA DE OLIVEIRA (MATER NATURA – INSTITUTO DE ESTUDOS AMBIENTAIS)
ConBio: Investing in Training as a Strategy for the Conservation of the Atlantic Forest

The main remnant of the Atlantic Forest in this region of Bahia is in the Serra da Jibóia. And it has the special characteristic of being a transition area between the Atlantic Forest and the *Caatinga*. Nevertheless, there is no public protected area here in the region. We are carrying out participative diagnosis, talking to people and taking this discussion to communities. There are some proposals: A protected area or even a mosaic could be created. We have done the necessary studies and we will take the suggestions to public organizations.

RENATO CUNHA (GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA – GAMBÁ)
Protected Area of the Serra da Jibóia: A Strategy for Conservation in the Extreme North of the Central Corridor of the Atlantic Forest

The use of environmental compensation resources to strengthen protected areas can be improved in several states. One of the project's components was the diagnosis of the current situation of the environmental compensation process in the state of Bahia. The proposal was to understand how the financial resources compensation are implemented in protected areas, identify key bottlenecks and propose recommendations to improve the efficiency of the allocation and execution of these resources in protected areas. Changes to improve the process depend on the state government's commitment and the discourse and integration between the different institutions involved.

IVANA LAMAS (CONSERVATION INTERNATIONAL – CI BRASIL)
Consolidating Protected Areas in the state of Bahia

1 Carta de Caminha. Digital Collection, National Library:
<http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>.

No sooner had the anchors been dropped than the Portuguese disembarked from the caravels, axes in hand. They looked around, amazed at the sight of trees. Trees for as far as the eye could see. There were “many, many groves, large, of endless kinds”,¹ an astonished Pero Vaz Caminha scribbled in his notebook. Within hours, a crash echoed on the horizon and the first tree was felled by Europeans. They made a cross, dug it in the sand and celebrated Mass. From that moment, the trees never stopped falling.

For the Atlantic Forest, it was the beginning of the end. It was in one particular tree that they soon discovered the first source of wealth that the Island of Vera Cruz surrendered to them: Brazil wood. The reddish wood, superb for dyeing fabrics, fitted the flourishing European textile industry like a glove. In 1511, over 150 tons of Brazil-wood left the Atlantic Forest to cross the ocean.

The final consolidation of Brazil as a colony, however, came with a plant that was not from these shores. Three decades after their ships having arrived on the coast, the Portuguese turned sugarcane into the first agricultural commodity to come out of the New World to win over a new world.

Spreading along the coast, especially Pernambuco and Bahia, the sugar empire spread a bitter taste into the forests. It meant that in order for a single plant to reign supreme, the infinite native diversity of life had to give itself up. The Jesuit priest

Antonil explains the *modus operandi*, “Having chosen the best land for the cane, they clear it, burn it, churn it and take everything away that could serve as an obstacle.”²

Soon, they discovered that the south side of the Equator also concealed precious stones. The good news soon traveled to the Old Continent and waves of people threw themselves into the tropics. In a disorderly advance, they entered Brazilian territory fighting over the riverbanks. Towns and cities sprang up framed in wealth. But the pomp only lasted as long as the mines.

The next economic spasm would come from another exotic plant. Coffee began its life quietly on the list of Brazilian exports. But it gained momentum when the royal family arrived in Rio de Janeiro. Large pieces of land were distributed in the Paraíba Valley, which became disfigured with the advance of the monoculture.

The story was repeated: After a cycle of economic euphoria, decadence set in. In the twentieth century, while passing through a depleted Vale do Paraíba, [writer] Monteiro Lobato wrote: “There was everything, now there is nothing. [...] Moribund cities drag out a decrepit living.”³

And it was not for lack of warning. Since the eighteenth century, several documents had already been holding up the amber light on the devastation being spread here. In the second half of the nineteenth century, when the forests of Rio de Janeiro had been exchanged for coffee, the springs dried up and there was a widespread drought. The crisis concerned [emperor] D. Pedro II, who ordered that the area, now known as Tijuca Forest, be replanted.

More and more voices demanded a rational use of natural resources. In 1934, the first Brazilian Forest Code was announced, an attempt by the state to bring the exploitation of forests under order. But these were also times of economic and industrial development.

Three decades later, the Minister of Agriculture, Armando Monteiro Filho, called for the Act to be amended.

The Xopotó Institute expanded its activity and consolidated its image in rural communities (in Minas Gerais State). As an example, we have the testimony of one of the local leaders, Mr. Adão da Silva: “Given the water crisis, if we did not have the support of Xopotó there certainly wouldn’t even be any water to drink.

I can not imagine what we would do.”

JOSÉ GERALDO RIVELLI (INSTITUTO XOPOTÓ PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL, ECONÔMICO E AMBIENTAL) Environmental Agent:
Farmer and Environmental Services Provider

From the first year we have been seeing results from the project. Our work is essential, like that of an army: If war breaks out and the army is not equipped, what do you do? Before the project, there were already three fire brigades in the park, but they weren’t structured or equipped, they had almost nothing. This made the problem of fire bigger than it already was. Fire is the biggest threat inside a park. It is still difficult to fight it, but we are far better trained and equipped to act in this kind of situation. Without the project, we would not have this structure.

The funding contributed to fill a gap left by the state. And the project broke the borders of the five municipalities (in Minas Gerais State), within which the park is located. The work of the brigade goes over the Park’s surroundings. We can extend our acting area beyond the Environmental Preservation Area (APA, in portuguese) of Mantiqueira through the Itatiaia National Park and State Park of Pedra Selada, that are our neighbors. We are a brigade ready to help wherever is needed, because we are prepared to.

CLARICE SILVA (FUNDAÇÃO MATUTU)
Community Bases for the Prevention and Combat
of Forest Fires – Contributing to the Conservation in
the Serra do Papagaio State Park

² Revista de Historia, National Library:
<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/o-amargo-avanco-da-docura>>.

³ LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 3.

There will be about 300 hectares protected by the eleven private reserves. Most of them are close to cities, almost within the city limits, but there are remnants of forest directly related to the water springs in the region in the south of the state of Bahia. We are preserving forest fragments in their primary stages; they have hardly been touched.

CRISTIANO SANT'ANA (ASSOCIAÇÃO FLORA BRASIL) Conexão Verde:
Encouraging the Creation of Private Natural Heritage Reserves in the
Vicinity of the Descobrimento and Monte Pascoal National Parks

We managed to make the park (on the coast of the state of Bahia) much better known, attracting more visitors, mainly from nearby universities who are doing more field research. Moreover, it was important to create more interest in the Park from the local residents, so that its management also involves society, not only the state.

SALVADOR RIBEIRO (ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO MECENAS DA VIDA)
Friends of PESC (Serra Conduru State Park): A Participatory
Management Exercise at the Serra do Conduru State Park

Before the TFCA, we had a good amount of information about the data we needed to mount the conservation plan of the Antwren. With the project, we were given breathing space to put that plan into action (in the states of Paraná and Rio Grande do Sul). The great importance of the support was that it allowed us to continue our research. We were able to work on the issue of population genetics, in other words, we were able to study their health. We managed to refine the information collected, to the point that we now have a great deal of knowledge about the genetics of these populations.

In the last phase of the project, we worked on public policies. We are involved in very important state and national forums, such as the Guaratuba APA's management council, the Paraná State Committee of Invasive Non-native Species and the National Council of Wetlands. It was through the project that we have been able to participate in these important areas to ensure the conservation of the species.

BIANCA REINERT (MATER NATURA – INSTITUTO DE ESTUDOS AMBIENTAIS)
Project for the Implementation of the Conservation Plan for
the Paraná Antwren (*Stymphalornis acutirostris*)

“Deforestation around the sources will transform the fields into poor soils with dwindling productivity,” he wrote. “The problem of agricultural production is aggravated, as the immediate effect of undisciplined and chaotic use of forested land.”

The Minister's protest resulted in the new Forest Code of 1965, highly praised throughout the world as one of the most advanced laws that had ever made the headlines. However, the scenario would become clearer in the 1990s, when the environmental movement began gaining strength throughout the world, including here in Brazil. It was at this time that the country hosted the Rio-92, United Nations Conference on Environment and Development, pushing the country further into the international spotlight. It was also during this period that the Law of Environmental Crime came into effect, bringing harsher penalties to those who flout the law.

But, so many centuries later, the model of exploitation that had begun with the felling of a single tree had already left its mark. Slashed from north to south, the Atlantic Forest vegetation is, today, slightly more than 22% of that which once sprawled a million square kilometres of the Brazilian coast where 80% of the population is concentrated. These numbers are more than reason enough for the Tropical Forest Conservation Act (TFCA) to distribute much of its resources to the biome conservation projects. They are many. They are daring. And they are fitting of a forest of this size.

It is from daring people, for example, that comes the Management of the Parana River Biodiversity Corridor Network. It was created in 2010 when the Ministry of Environment opened tender for the country's biodiversity corridors to be delimited. Chosen to create the route in the Paraná River basin, the Mater Natura Institute mapped those institutions present in the area to help in the mission. After all, it involved about eight million hectares distributed within 297 municipalities of the Brazilian Southwest.

In two years, the mission was accomplished: The design of the corridor had been created. But the exchange of ideas among the participating organizations had been so successful that they decided to continue exchanging experiences. And so they

should. A grant from the TFCA turned willingness into reality through the project Actions and Territorial Governance in the Management Network of the Biodiversity Corridor of the Paraná River.

“To give you an idea of the total corridor area, 71% of the territory is linked to agricultural use, power generation, land reform... The Paraná River basin itself accounts for nearly 60% of the energy generated in the country,” says Marcelo Limont, project coordinator at Mater Natura. It is he who coordinates the dialogue between the 38 institutions that are part of the management network, a mosaic that brings together NGOs, research institutes, representatives of governments and companies.

The great merit of the network is this: To connect those who would not otherwise be on speaking terms, through dialogue – whether virtual or face-to-face. And extract from those experiences, or even mutual support, for the conservation of the region.

Cooperation also works as a compass in several protected areas (PAs) of the Atlantic Forest. With limited environmental budgets, official agencies can also access other sources of funding to get projects for protected areas off the ground. In recent years, biologist Marcos Alexandre Danieli has bent over backwards to do this. And not only has he collaborated on one PA, but actually on six – all in the south of the country, where the NGO Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida – Apremavi (Association for the Preservation of the Environment and Life), is active.

The demands have been numerous. In the Palmas de Campos Wildlife Refuge, for example, one of the discussions that needed to be held was on burning of the fields: Apremavi prepared a seminar and brought the debate to the table. Meanwhile, it also helped revise the Araucárias State Park Management Plan and create the initial document for the Serra da Abelha Area of Relevant Ecological Interest, which up until that time had not existed.

In the Rio Canoas State Park, Apremavi formed and trained the now up and running Advisory Board. “Since we finished the

Soon after the establishment of the Network for Managers of the Conservation Areas of the Central Corridor of the Atlantic Forest in 2003, basic planning was implemented. Over time, the network grew, matured, and participants began to require a more structured planning. With the support of the TFCA/Funbio, we implemented participative strategic planning, leading to the survey of the whole Network’s history and the review of its mission, vision and values.

The support of the TFCA has breathed new life into the Network, resulting in its reinforcement, addition of new members and the renewal of the spirits and hopes of older members. The project culminated in the publication of a book that tells the story of the Network for Managers and its strategic planning, it also presents the Central Corridor of the Atlantic Forest and its protected areas and includes reflections on working in networks and the importance of developing public use of the protected areas,

IVANA LAMAS (CONSERVATION INTERNATIONAL – CI BRASIL)
Intensifying the Integrated Management of Ecological Corridors
and Mosaics of Protected Areas

Living within a world of researchers of endangered species, I saw the agony most of them suffered in trying to get funds to continue their research. Ahead lies a national action plan for the conservation of endangered species, with dozens of targets to be met, but there is the challenge of mobilizing resources to do this. How do you keep both the researcher and the organization motivated to continue without even the minimum of resources?

It is hard to think of long-term activities, the existence of the organization and the fulfilment of targets, if there is no financial sustainability. And this is not normally taken into account by financiers in the field of conservation: They are concerned more with results, and are not willing to invest in the structure of organizations which is what permits quality work be done. This is institutional investment—to create strong organizations. It is a process of giving the rod and teaching how to fish.

ANDREA PEÇANHA (INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS – IPÊ)
Multiplying Knowledge: Training of Participating Institutions of
the PAN Mamac for Financial Mobilization

Because of it adapts so easily, *Sus scrofa* is considered one of the 100 worst invasive species. The whole of Brazil, from north to south, from east to west, has problems with the boar, since control is difficult. Very little is known about the species, especially in our region of Minas Gerais State. With the support of the TFCA, we are the only institution researching the species in Minas Gerais.

Our project was approved at the beginning of 2013 and in March, Ibama (the Brazilian Institute for the Environment and Renewable Natural Resources) launched a decree authorizing the capture and killing of boar. We found a number of flaws in the legislation, which made it almost impossible to apply in practice. The experience of the project is serving to set these national standards.

The project's most relevant issue was that it was able to gather a variety of participants: The police, protected areas managers, Ibama, ICMBio, researchers, hunters and ordinary citizens. The great victory in all this was to bring everyone together and rid the institutions of their inertia.

PAULO PEGAS (INSTITUTO ALTO-MONTANA DA SERRA FINA)
Control Measures and Eradication of the Non-Native Species
Sus scrofa in Protected Areas of the Mantiqueira Highlands

A key factor for the conservation of the Atlantic Forest is the presence of *quilombo* communities as their agriculture practices and use of the forest have little impact. These populations have created a way of life that favors conservation.

There are major land problems in the territories. As this issue is often not regularized, there are a number of restrictions on use. One is in relation to cutting vegetation to farm. Any environmental permit requires a Rural Environmental Registration (CAR). Without this registration, they can not get authorization for traditional farming. They want to expand their agriculture, grow other crops to generate income. But while the land issue is not resolved, and there are no job options, it is difficult to keep young people there.

We had discussions with the Environmental Secretariat, with public organizations and we invited the communities. It was important for everyone to be made aware of the process and understand the legislation. We managed to get two communities registered and roused the interest of others.

RAQUEL PASINATO (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA)
Strategies for Implementation of Planning and Land
Management: Opportunities and Challenges for
the *Quilombola* Territories of the Ribeira Valley

work, the Council has met twice without us and has prepared a charter," says Danieli, who has also encouraged exchanges between the councils of the Fritz Plaumann State Park and the Araucárias National Park. "We always think along the lines of integration between managers and directors of PAs, so that they can also help swap experiences."

And there is yet more interest in the Fritz Plaumann State Park, and no wonder. It's a tiny park, just over 700 hectares, but it protects a section of the Uruguay River Forest, a unique kind of vegetation within the Atlantic Forest and under serious threat. Biologist Eduardo Hermes, from the Caipora NGO, is well acquainted with the section: He was one of the people who trained their management team. This time, he returned to, among other things, work on the project called Review of the Management Plan of the the Fritz Plaumann State Park and Strengthening of its Management Mechanisms.

The team coordinated by Hermes began registering everything that had been done in terms of research in the park. About 50 documents were found. But the team was not satisfied and decided itself to start another study on local biodiversity to guide the new plan. And it worked.

"We doubled the list of known park birds: There were 120 species, now 232 have been identified, that's 35% of bird species found in the state," the biologist reports. "With regard to mammals, we have increased the number of recorded species by nine, to 21. And amphibians – that until now have never been recorded, 23 species are documented."

Protected areas really do often hold these treasures. Maurício Talebi can confirm this. He coordinates the Pro-Muriqui [woolly spider monkey] Association, which in 2000 was created to focus conservation efforts on the largest primate in the Americas. The organization has no headquarters as such. "Our headquarters is in the forest," he explains. More specifically in the Carlos Botelho State Park, in the Serra de Paranapiacaba in São Paulo State. This is where about 800 southern *muriquis* (*Brachyteles arachnoides*) live, the largest population of a species that once numbered 400,000 individuals at a time when the Atlantic Forest had not been discovered by the axe.

Although threatened, they have at least two points in their favor: The region is enclosed within the longest continuous section of Atlantic Forest. And the association’s team is completely in love with the monkeys, which can measure up to 1.5 meters. “I wanted to be a spider monkey,” says forester Pedro Soares. Pedro, who has worked with the species for more than 20 years, has created more than 300 km of trail in the Carlos Botelho Park so that he can follow on the ground the path the monkeys make 30 meters up in the trees.

When it’s still dark, he enters the forest with open ears and with his head turned upwards. When he spots the animals, he identifies them, gives them names and takes note of the day’s goings on: What they’ve eaten, what trees they’ve used, how many there were, what path they followed. In the long term, the records help understand some sort of behavioral pattern within the species. They have been nicknamed the hippies of the primate world: They are sociable, live in groups of up to 35 individuals and constantly exchange hugs. They rarely compete with or attack each other.

“Aren’t the spider monkeys just fascinating?” Talebi says again and again, showing his admiration for them. Having graduated in Veterinary Science, he fell in love with “the hippie monkeys” in the 1990s, when he finished college. And he did not want to know about anything else. He completed a master’s degree in ethology and a PhD in Biological Anthropology focusing on conservation of the species. He gathered material on the subject over the years. But he realized that the population of the species wasn’t doing very well and decided to deal with the problem: He proposed a project to the TFCA called Demographic Parameters, Geographic Distribution and Conservation of the Southern Muriqui in the States of São Paulo and Paraná.

But it’s not all good news: “We are discovering a much worse scenario than we first imagined,” says the primatologist. The primates inhabit the forests south of Rio de Janeiro and of northeastern Paraná – as well as São Paulo State –, but they have not been sighted in places where they used to be. And in the last 50 years, it is estimated that there has been a massive reduction of approximately 60% of the population,

We had similar activities to those that exist in the project, but they were in their very early stages, and lacked organization. We used to need to buy seedlings, organize production of the nurseries, mark the matrix plants, but we had no funds. When we thought about transport for the workers, we had no vehicle to collect them. We just couldn’t do it. We had lots of ideas, but couldn’t put them into practice.

Support is an instrument that helps make dreams come true. Not to mention the ease with which we’re able to work with Funbio. What you have is a financier that helps you and does not pressure you. That makes life easier.

Our goal was to deploy 25 hectares of restoration with agroforestry, support community nurseries and let the farmers’ voices be heard. We managed to restore a further 30 hectares in addition to the 25 planned. We notice a paradigm shift in the lives of the farmers: The building of environmental awareness is a fact. You visit their home and they are producing seedlings, harvesting seeds.

OCIMAR BIM (INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CIDADANIA DO VALE DO RIBEIRA – IDESC) Creating Forests: Participative Forest Recovery in Protected Areas in the Jacupiranga Mosaic – São Paulo State

We are talking about a region where the funding is scarce due to low institutional ability to raise capital in competitive funds. With the TFCA, we opened a strategic environmental agenda; new for the region of the Atlantic Forest in most need of conservation activity, both in terms of applied and practical projects for forest restoration and of development capabilities. This project was an old dream, as we were aware that a strong movement of restoration was being discussed all over the country and the Northeast was not included in this discussion.

We have trained more than 100 people with the best restoration technologies in Brazil and the world. The main participants involved have been governments, non-governmental organizations and universities. Our goal was to present, in a pioneering way for the region, the need to develop reforestation models with high diversity and regionalized, and put an end, once and for all, to the view that a restoration project is to just plant seedlings any old how.

SEVERINO RODRIGO (CENTRO DE PESQUISAS AMBIENTAIS DO NORDESTE – CEPAN) Ecological Restoration Network of the Northeast Biodiversity Corridor

The forest restoration chain consists of those who produce the raw materials, being the nurseries, seed producers and native seedlings; the companies that run the restoration process; and the organizations that plan these actions. The chain was completely disorganized and was fairly basic. What we did was get these players together and enable them to create the first links that would support this chain, and for them to be able to communicate and mobilize resources to carry out projects in the region. One result of this training was the creation of the Associação de Produtores de Mudas do Estado de Pernambuco (The Association of Seedling Producers of the State of Pernambuco).

I've always been very pessimistic about the future of this biome here in the region, due to the historical relationship of occupation and use of land for sugarcane. But with the project, I've had the opportunity to get close to people who work specifically with forest restoration.

And I've learned that, in practice, there is hope for the Atlantic Forest.

GABRIEL FÁVERO (CENTRO DE PESQUISAS AMBIENTAIS DO NORDESTE – CEPAN) Strengthening Capacities for Mobilizing Financial Resource for Ecological Restoration in the Northeast Biodiversity Corridor

Incentives for environmental projects in the northeast states of Alagoas and Pernambuco were lacking, and the TFCA changed that. We empowered about 100 organizations, which understood how to develop these projects. The TFCA believed in the potential of the institutions it supported. This efficient management of resources is what we need for environmental policy to develop.

RAVI ROCHA (ASSOCIAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE – AMANE) Training in Leadership for the Conservation of the Atlantic Forest in the Northeast.

Just by presenting an alternative to palm hearts, showing the community that it was possible to make money with the palm in a positive way, without illegally cutting it down, made the project very positive. Through this knowledge and the experience, they have become the guardians of the palm. They have seen that it is possible to conserve the forest thus generating income.

AUGUSTO NEVES (ASSOCIAÇÃO BROTAR E CRESCER – ABC) Açai Production via the Sustainable Management of *Euterpe edulis* in the Municipality of Antônio Carlos – Santa Catarina State

mainly through the action of hunters who continue to hunt. Because of this data, Talebi explains that the species has climbed the ladder of extinction threat categories, no longer being classified as “Endangered” but now, in the new classification, “Critically Endangered”, which means that they could disappear forever in nature much earlier than previously thought.

This is also the situation of the northern *muriqui*, the species found in the states of Minas Gerais, Espírito Santo and Bahia. But they also have plenty of people behind them, wanting to change the situation.

The primates were only discovered in the state of Espírito Santo in 2000. One year later, the population started to be monitored. Unlike their southern counterparts, these *muriquis* live in highly fragmented forest areas, mostly on private land.

The focus of the Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica – IPEMA (Research Institute of the Atlantic Forest), in the project called Conservation of the northern *muriqui* (*Brachyteles hypoxanthus*) in the State of Espírito Santo, is to involve local communities and unite young people. In order to do this, it has partnered up with schools in the region and created the Nature Observer Nucleus: Around twenty high school students have been trained to recognize species on the brink of extinction, collect information and feed it into a database. “These kids live on farms, they are children of rural land owners,” explains researcher Sérgio Mendes, who coordinates the project.

Mendes says the kids are excited. However, no more excited than he is, as, on top of that, he has still managed to bring together researchers and to convince the government of Espírito Santo State to make the first state action plan for the conservation of *muriquis*. “We have transformed the intention of conservation into public policy,” he says.

Someone else who is going around full of the joys of spring is biologist Elenise Sipinski, from the Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental – SPVS (Society for Wildlife Research and Environmental Education). After 16

years of dedication to the Red-Tailed Amazon Parrot (*Amazona brasiliensis*), came the good news that it had left the list of endangered species.

However, the biologist says that this is no reason for complacency. “We have to be cautious: The population [of the parrot] is no bigger than ten thousand individuals,” she says, and points out that the species is dependent on artificial nests, seeming as the deforestation of their habitat – which runs from the southern coast of São Paulo State to the north of the state of Santa Catarina – has ripped up the trees that the bird used for nesting. “With the shortage of natural nests, we have begun to install artificial ones. And we’ve found that the occupation of them has been nearly 100%, annually. Today we have 120 wooden and PVC nests installed and monitored, and this has increased their reproductive success,” explains Elenise, co-ordinator of the Conservation Project for the Red-Tailed Amazon Parrot (*Amazona brasiliensis*).

One indication of this is seen in the annual census of the parrot that SPVS carries out. The censuses have been done in Paraná, for the past 11 years. Since 2013, with the support of the TFCA, the organization has extended the count to São Paulo, giving a more accurate picture. “Statistics show that the population is stable, with a slight upward trend,” says the biologist.

Another bird that has also increased its numbers dramatically is the Vinaceous-Breasted-Amazon [parrot] (*Amazona vinacea*). “We gathered researchers from Brazil, Argentina and Paraguay, the three countries in which the species is found, to carry out both the national and international census simultaneously. This had never been done before,” says Jaime Martinez, from the Associação Amigos do Meio Ambiente – AMA (Association Friends of the Environment), which works in partnership with the University of Passo Fundo (UPF). “The situation is worrying. In Brazil there are just over two thousand individual birds.”

To be able to turn the situation around, you need to know the species inside out. That was not the case for the Vinaceous-Breasted-Amazon, a bird that has very few pages of science dedicated to it. In the last three years, however, this material has been increasing: The researchers were finally awarded

More than 300 families have created a new form of agriculture and more than 600 receive guidance. The project puts into practice the thought that we are all one: Human beings and other inhabitants of the planet. Agroforestry is a form of farming that puts biodiversity back and relies on it for productivity.

NÉLSON CORREA NETTO (ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES AGROFLORESTAIS DE BARRA DO TURVO E ADRIANÓPOLIS – COOPERA FLORESTA)
Agroforestry in the Ribeira Valley

Before we had the TFCA’s support, we worked on a small scale. The TFCA strengthened us and brought us a wider view. We began to plan the work in the Atlantic Forest in the Northeast on a large scale, with the concept of connecting not only forests, but people, too. We brought dialogue to participants who had not communicated.

RAVI ROCHA (ASSOCIAÇÃO PARA A PROTEÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE – AMANE) Management Network of the Northeast Atlantic Forest Corridor

Ceará has a very serious problem of extinctions caused not only by loss of habitat, but also by capture, which is culturally very strong in the Northeast. The gray-breasted parakeet is a symbol of these two problems. Our focus was to work on the social aspect, involving environmental education, sensitizing and campaigning against the cage. Trying to bring to the people the pride of having this unique species in the region’s environment.

Up until then, we had only ever researched the species. The TFCA helped us to complement the work by promulgating it in schools, communities with didactic materials. This greatly increased the impact, because from that contact with the people we managed to reduce the number of birds caught and bring more people together to support our work.

One example is of a 17-year-old boy who was known as one of the biggest bird catchers. He became curious, because we were hiring local people who have become references in environmental education work. The boy started accompanying them and decided to help. He even started building nests for the project.

FABIO NUNES (ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PRESERVAÇÃO DE ECOSISTEMAS AQUÁTICOS – AQUASIS) The Atlantic Forest *Caatinga*: The Gray Breasted Parakeet (*Pyrrhura griseipectus*) as a Symbol for Conservation of the Serra de Baturité

The areas where we work have been degraded since the time of they were first used for sugarcane, coffee and dairy cattle. We have managed to get the forest back to occupy its original space. The area has shown nothing but positive restoration potential.

Our motto in the project was ‘shared management’. We agreed that the entire workforce would be made up of local labor. We sought out forest growers from the region and were able to form a team of more than 30 people. All this change has been very positive for the city. If it weren’t for the project, we wouldn’t have known about the local labor available, and those looking for work wouldn’t have known they had that hidden expertise.

It was a very interesting new experience with very attentive financiers. Staff at the TFCA/Funbio look at things in a different way, they have the flexibility to change things that had been expected, it is never a problem. It was great to be able to rely on a financier of this type; there was a communication channel.

EDSON DE OLIVEIRA JUNIOR (PÁTIO DAS ARTES)
A Forest Restoration Act for the Protection of the
Remaining Atlantic Forest in the Paraíba Valley

For years we’d been hearing that pesticide is non-toxic. When a farmer hears this from a technician who has more training than he, it becomes an absolute truth for him. To deconstruct something is much more difficult than to construct it. We lacked tools to be able to talk with more conviction; to give us more fundamentals to criticize the other production model. The TFCA resources gave us these tools. The project grew and reached more people than we expected. We managed to impact and persuade about 400 farmers.

It is a process that has come to fruition and has been creating hope for us who are stranded in the middle of nearly one million hectares of eucalyptus trees. We were working against a hidden but established process. The way to be able to continue breathing on this island of eucalyptus is to continue planting and sowing. And to keep talking about what we’re doing. We have to show our ideas at work, so that people realize that another production model is possible. It is by planting that one day the fruits are borne.

IVONETE GONÇALVES DE SOUZA (CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS
PARA O DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL DA BAHIA – CEPEDES)
Planting New Paths for Healthy and Sustainable Family Farming in the
Lulão and Macadame Settlements in the Extreme South of Bahia State

resources to enter the forest and observe our little beaked friends. And into the bargain, they were also able to update their records on the Red-Spectacled Parrot (*Amazona pretrei*), to which the UPF has dedicated more than two decades.

“It took three years of camping, days and days in the forests. The team took it in turns even at Christmas and New Year,” says Martinez. “It provided us with a lot of knowledge to understand their breeding habits, the trees they use most, what they eat... The challenge now is to use this information to act in more effective conservation strategies.”

Unlike the illustrious, though little known Vinaceous-Breasted-Amazon, there is no one that hasn’t heard of the Golden Lion Tamarin (*Leontopithecus rosalia*). Native to the state of Rio de Janeiro, this friendly little primate was once on the point of no return: In the 1970s, there were only about 200 in the wild. The researchers warned that in order to prevent the species from disappearing altogether, the number had to jump to at least two thousand. Plus, they also need at least 25,000 hectares of connected forest to live.

The first item was met with praise: “Last year we carried out a very thorough census, which included all the forests of the region. We counted 3,200 animals,” says Luis Paulo Ferraz, from Associação Mico-Leão-Dourado, – AMLD (The Golden Lion Tamarin Association). Now the challenge is to plant more forests.

The AMLD has been doing this for a number of years already. They sought the support of the local farmers and set up a network of people who were willing to produce seedlings for plantations. They went from door to door, giving training workshops and registering the trees that give seeds on each property. It was so successful that they needed to create a seed bank to keep the surplus they had collected.

The project Restoring Forest Landscapes in the Environmental Preservation Area of the São João River Basin, which was initially to save the monkey also brought good fortune for the communities. “Many farmers reduced other areas of

production in order to devote more energies to the seedlings, which ended up meaning an increase in income,” says Ferraz.

And it is not only with funds that reforestation benefits people. Before the taps began to run dry in São Paulo, in 2014, residents living on the banks of the Cantareira System felt that a water crisis was on its way. The reason was obvious: In 60% of the Permanent Preservation Areas (APP) in the region, there were no more trees.

By means of the project called The Embaúba Project: Restoring Degraded Areas in the Cantareira-Mantiqueira Corredor, the Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPE (Institute for Ecological Research), sailed around the Cantareira and produced a map of those areas earmarked for priority restoration. And the institute itself began to do the job. At first local landowners thought it strange, now what they want most is that the trees return soon. “They saw that the recovery of springs and other bodies of water was crucial,” says Alexandre Uezu a researcher from IPE. “If there is a silver lining in this crisis, it is the recognition of the importance of forests.”

In a biome that has lost most of its original vegetation, forest restoration does seem to be the agenda of the day. And it comes hand in hand with another operative word: *Agroecology*. Together, the two initiatives have made small revolutions in the countryside.

“Between 1970 and 1990, the rural population of Brazil decreased by 40%. Over the past decade, it is the rural exodus that has decreased due to new opportunities which have appeared for family farms,” says agronomist Carlos Hugo Rocha, from the Foundation for Support for Institutional Development, Science and Technology of the State University of Ponta Grossa (Faupeg).

And it is on the crest of this wave of change, brought about by the project Training in Sustainable Rural Development Techniques and Environmental Regularization of Family Property, that the researchers at the university have been riding. One of the areas of their work in Paraná is precisely to create opportunities for rural youth so that they have the

During this experience of having closer contact with the community, which the TFCA made possible, we were able to raise the problems that crab collectors had highlighted and include their opinions in the Plano de Ação Nacional do Manguezal (the National Mangrove Action Plan).

MONICA TOGNELLA (FUNDAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE TECNOLOGIA – FEST) Maintenance of Natural Stock: Shared Experiences with the Extractive Community

The project has given us the opportunity to meet the technical needs of these farmers (in the state of Bahia) that had never had any assistance in this area. They began to produce in a sustainable way, increasing productivity and improving their production and vocational training, which has also had a positive effect on their self-esteem.

Today they receive visits from family farmers around the world to get to know their experiences. We have also been through a process of adaptation to environmental certification and managed to certify the first group of family farmers in Brazil.

This project gave personal and professional satisfaction to the whole team. Sometimes we wouldn't be able to finish a job, but this one, we are managing to complete, taking it from start to finish, working throughout the whole chain. The relationship with farmers has been built on solid foundations. They have adjusted to the techniques and are getting to duplicate them. To see how much they have come on is very encouraging. It was one of the most rewarding experiences of my life.

ANA PAULA MATOS (ORGANIZAÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE TERRAS DO BAIXO SUL DA BAHIA – OCT) An Agro-conservation Strategy in the Juliana River Basin – Environmental Preservation Area of Pratigi

Our figures ended up showing something amazing. Originally the region of Minas Gerais State was of little importance (in terms of the Araucária forests). But it was there that we discovered fragments of four thousand hectares of forests with original Araucária (*Araucaria angustifolia*). We actually found five-meter high trees. The state of Minas Gerais had never appeared on the ‘Araucária map’, and today we have given relevance to the region. The existing fragments are very important and strategic for the conservation of the species’ genetics.

MARCELO AMARAL (INSTITUTO AMIGOS DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA – IA RBMA) Construction of Sustainability Indicators of the Production Chains Sociobiodiversity

Other projects are very much focused on generating research data. The TFCA allowed us to work with conservation biology on the species. We managed to install colonies in a protected area, the Pedra Azul National Park (Espírito Santo State). It was the first time the *Melipona capixaba* bee had been reintroduced into the wild. We also made a detailed genetic survey of these hives which were under the responsibility of breeders. In this way we will be able to define priority colonies with the greatest possible genetic diversity to introduce back into the wild.

HELDER CANTO (FUNDAÇÃO ARTHUR BERNARDES – FUNARBE)
Conservation of the *Melipona capixaba* Bee:
Endangered with Extinction

Situated in between the urban and protected areas are rural areas. Farmers who participated in the project are those who were situated in these ‘middle areas’, very close to the conservation areas, in the state of Rio de Janeiro.

Our objective is that they take on agro-ecological farming practices, not only by using soil conservation techniques and avoiding the use of poisons or chemicals, but also by using trees within agriculture. The idea is to lessen the impact between urban and protected areas.

MÁRCIO MENDONÇA (ASSESSORIA E SERVIÇOS A PROJETOS EM AGRICULTURA ALTERNATIVA – AS-PTA) Trees in Family Farming for the Conservation of the Atlantic Forest

The financing by the TFCA was a great incentive to increase the number of Private Natural Heritage Reserves (RPPN) in the southern coastal region of Bahia. We visited each property, went from door to door, and showed people why it would be a good idea to create their own protected areas. And our convincing caused a chain reaction: One encouraging the other. The result was that 22 RPPNs were created throughout the project.

Today we have a large mosaic of protected areas in the region.

EDUARDO ROCHA (INSTITUTO YNAMATA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA) Private Protected Areas in the Legal Forest Program Sector

opportunity to stay on in the countryside. And for that to happen, family production is a key issue. “If these farmers have support and encouragement, they have a great chance of living a better life in the countryside than in the city,” says Rocha.

Faupeg does its part. It knocked on the door of nearly 20 rural schools in the area and took technical expertise to the lives of students. “We went in to support not only the training of agricultural technicians, but also to help them see themselves as more skilled farmers. And therefore with even more potential to assume the family property when their parents retire,” he says.

It is also on the youth that the Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica – IPEMA (Institute of Permaculture and Ecovillage of the Atlantic Forest), is betting; and on women, and on the elderly. In the Traditional Caiçara Community of the Ubatumirim Region, São Paulo Ubatuba, São Paulo State, entire families have worked in the production of açai taken from the Juçara Palm.

Fábio Reis, one of the co-ordinators of the Community Forest Management of *Juçara* and *Cambuçá*, explains the process step by step: “Climbing the palm requires effort. So, it is young people who do this. Older people help take the fruit off the bunch. In the processing unit, women are more involved in the processing of pulp. Before, it only took one person to chop down the palm tree and cut the palm heart from it. Today they recognize that it is more profitable to leave the palm tree standing to bear fruit.”

It’s been ten years since the population of Ubatumirim stopped producing hearts of palm and turned to the açai from the Juçara. The only thing missing was to get the processing unit operating and for the producers to understand the market better so that the whole chain could profit. With support from the TFCA, the machines were switched on and the community received lessons in business planning.

“We have managed to engage the community and expand the number of producers,” says Reis. The popularization of açai in

the region has been such that we have even had people in the region saying that they feel stronger, more determined, with teeth and hair growing like never before!

Which is great: It really does take that same determination to put into effect a production model that in five centuries of Brazilian history had never been seen. “Today there is a huge incentive to make agriculture more sustainable, but the incentive towards agribusiness is enormous,” says André Gonçalves, from the NGO Centro Ecológico, (Ecological Center). “Technically, there are no more barriers for clean production. It’s perfectly possible for you to profit from it. It is a matter of changing minds.”

In the highlands and on the northern coast of Rio Grande do Sul State, because of the project Expansion and Consolidation of Agroforestry Systems in the Mountains and on the North Coast of the State of Rio Grande do Sul, at least 300 farming families have changed their minds. This is where the Centro Ecológico functions educating and training workers so that food production does not mean deforestation. In recent years, scores of hectares of deforested areas are being reforested with species that provide economic returns – such as Juçara palm, and more than 150 hectares of agroforestry systems already occupy the ground. No pesticides, just forest.

It has a domino effect: It starts with a few families, the neighbours see the results and the model spreads. “Of the 300 families which benefited from the project, 40% were new farmers entering the world of agroecology,” Gonçalves reports. “These systems have the ability to grow food, generate income, conserve the Atlantic Forest and consequently enhance environmental services.”

It is by word of mouth, that agroecology is also finding its space in the ‘Zona da Mata’ area of Pernambuco State. The Sabiá Center is part of this movement. “Agricultural workers entering the agroforestry system are selected to discover the most advanced experiences of other families. When they see the production diversification and preservation of water resources, it creates an impact,” confirms Ana Santos da Cruz

We managed to get the involvement of the communities, who, in addition to ceding areas, were the nucleus of the planting and participated in training courses in forest restoration. Today, these areas in the state of Bahia are monitored by the farmers themselves. They helped plant the seedlings, ensuring that they grow in the best possible way. Looking at the areas today, and comparing them with other restored areas in the region, we see a huge evolution. We have already a changed the landscape.

THIAGO GUEDES (ORGANIZAÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE TERRAS DO BAIXO SUL DA BAHIA – OCT) Restoring Environmental Services in the Subbasins of Mina Nova and Vargido – Environmental Preservation Area of Pratiği

In all, 625 Golden-headed Lion Tamarins were captured. Of these, 300 were transported to Bahia and the rest were sent to zoos. For the invaders, it was good because we created a new population: Eventually reintroducing the species to an area where it was extinct. And for the Golden Lion Tamarins it meant salvation. The invaders arrived rapidly in their area (in the state of Rio de Janeiro). We have already discovered two hybrid Tamarins. Once they crossbreed, there’s no way of removing the hybridity, and the Golden Lion Tamarin would become extinct.

CECÍLIA KIERULFF (INSTITUTO PRI-MATAS PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE) Removal and Relocation of the Golden-headed Lion Tamarin (*Leontopithecus chrysomelas*) Invader of the Golden Lion Tamarin’s (*Leontopithecus rosalia*) habitat

The project served as a blueprint, allowing us to make the diagnosis of the area and build the foundation to take a much bigger step. The beginning of the activities, with the restoration and the follow-up in eight areas (in the states of São Paulo and Rio de Janeiro), has created a line of pre-registered owners interested in recuperating their land. This is very positive. The TFCA support has also given us institutional and technical expertise to approve other projects. It has been instrumental in opening new doors and possibilities.

LUIS FELIPE CESAR (CRESCENTE FÉRTIL – PROJETOS AMBIENTAIS, CULTURAIS E DE COMUNICAÇÃO) Environmental Restoration of the Sesmarias River Subbasin, Phase 1

Working on applying the research was a privilege. Receiving the feedback from training courses and being able to contribute to the formulation of public policies was also wonderful. And it gave me the hope that, in the future, we will be able to restore more cheaply because we saw that it is possible to develop new technologies simply by looking at nature. We learn to observe how nature works, and from its own resilience and its method of restoring, we can develop these new techniques.

RICARDO BRITZ (SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL – SPVS) Research and Training in Environmental Restoration in the Atlantic Forest in the state of Paraná

In implementing the National Action Plan for the Conservation of the Jaguar, we saw that there were still many gaps in our knowledge. With the project, we filled these gaps. With information about the habitat, we created a map pin-pointing the priority areas from the animal's perspective. We generated infographics, decoded the data and passed it on to the decision makers. This resulted in concrete measures for the conservation of the species. The Naviraí Municipal Park, the largest municipal park in the country, was created from the information on the map.

FERNANDO LIMA (INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS – IPÊ) Strategy for the Conservation of the Jaguar (*Panthera onca*) in the Upper Paraná River: Research, Publications and Plan for Metapopulation Management of the Species

The pinhão production chain in the region has little official information available to it. Throughout the project, we gathered information from the farmers themselves and also bibliographical references about the importance, the volume, the quantity of the pine nut, how it is produced and how it can be marketed. The information we gathered was quite different from the IBGE's (the Brazilian Institute of Geography and Statistics) official figures. This made us quantify and qualify better this productive chain in the region, which is much bigger and more elaborate than you would imagine.

NATAL JOÃO MAGNANTI (ASSOCIAÇÃO VIANEI DE COOPERAÇÃO E INTERCÂMBIO NO TRABALHO, EDUCAÇÃO, CULTURA E SAÚDE – AVICITECS) Promotion and Strengthening of the Productive Chain of the Pine Nut (Pinhão) in Serra Catarinense, Focusing on Agro-ecological Family Agriculture, Adding Value to and Strengthening Sustainable Markets

coordinator of the project Network in Motion, Divulging Agroforestry. Training courses, debates and workshops complement the immersion into this “new world”.

“The ‘Zona da Mata’ is historically known for its monoculture, its big sugar mills and estates that since the colonial period have caused destruction. It is the green desert of sugarcane.” In a scenario like this, to see the results of a kind of agriculture working hand in hand with the forest, it is simply jaw-dropping: The water is once again spurting from springs that had dried up, the trees are bringing back a green the color of which in no way resembles that of a desert. Food security is once again guaranteed and income is arriving more generously into the pockets of at least 650 local families.

The agroforestry model has arrived up to Discovery Coast, the region where the Portuguese first set foot in Brazil. Here the work is with a people which sums up the cultural melting pot that characterises the country: “We deal with *quilombolas*, traditional family farmers, indigenous farmers, settlers in land reform programmes...” lists Francisco Colli, of the Terra Viva organization.

What may seem chaotic at first sight actually holds enormous wealth: All these groups have a traditional and intimate relationship with agriculture and the forest. A harmonious relationship that was being lost from generation to generation, but the seed of which is still alive and well. “The contact these communities have had with agribusiness has gradually narrowed the diversity of crops that they’ve been cultivating. An awful lot of product and knowledge was being lost,” laments Colli.

The Floresta de Alimentos, (Forest Food) project has been created precisely to rescue the cultivation practices that these peoples developed in the past. “The idea is to concentrate on the diversity incorporating native trees. Species that are part of the natural landscape, that communities make use of, and that was being lost. We’re not planting just to be diverse: It is to have diverse uses including medicinal, handicrafts and landscape,” he explains.

For this, the Terra Viva has organized an exchange between different groups, which will not only exchange technical experience, but also speak of life. “All these family farming diversities come from the same origin. What we try to promote in this space for debate is that people identify more and more with each other, find strength in each other and become closer to one another.”

500 years ago, it was there on Discovery Coast that the Portuguese knelt, before a cross of fresh felled wood, asking God that the land would bring them wealth. The forest fell. Five centuries later, the farmer Tião Teles bent his knees in the same region. On the dry land of his field, he cried out to God to heal his cocoa plantation, devastated by plague. On the same day, the Terra Viva knocked on his door and together with the cocoa, the forest returned.

A new sign of the times in the New World.



























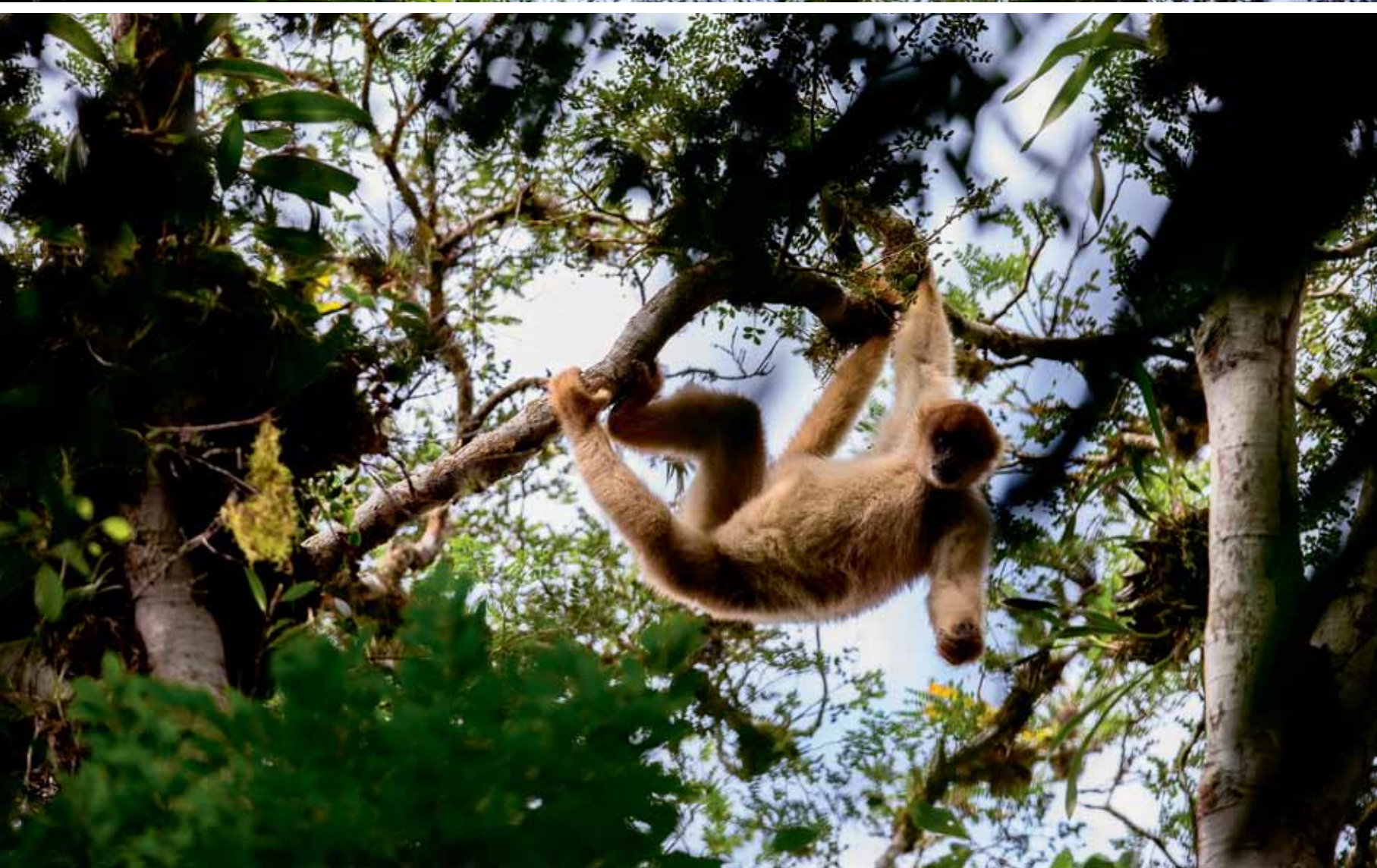












































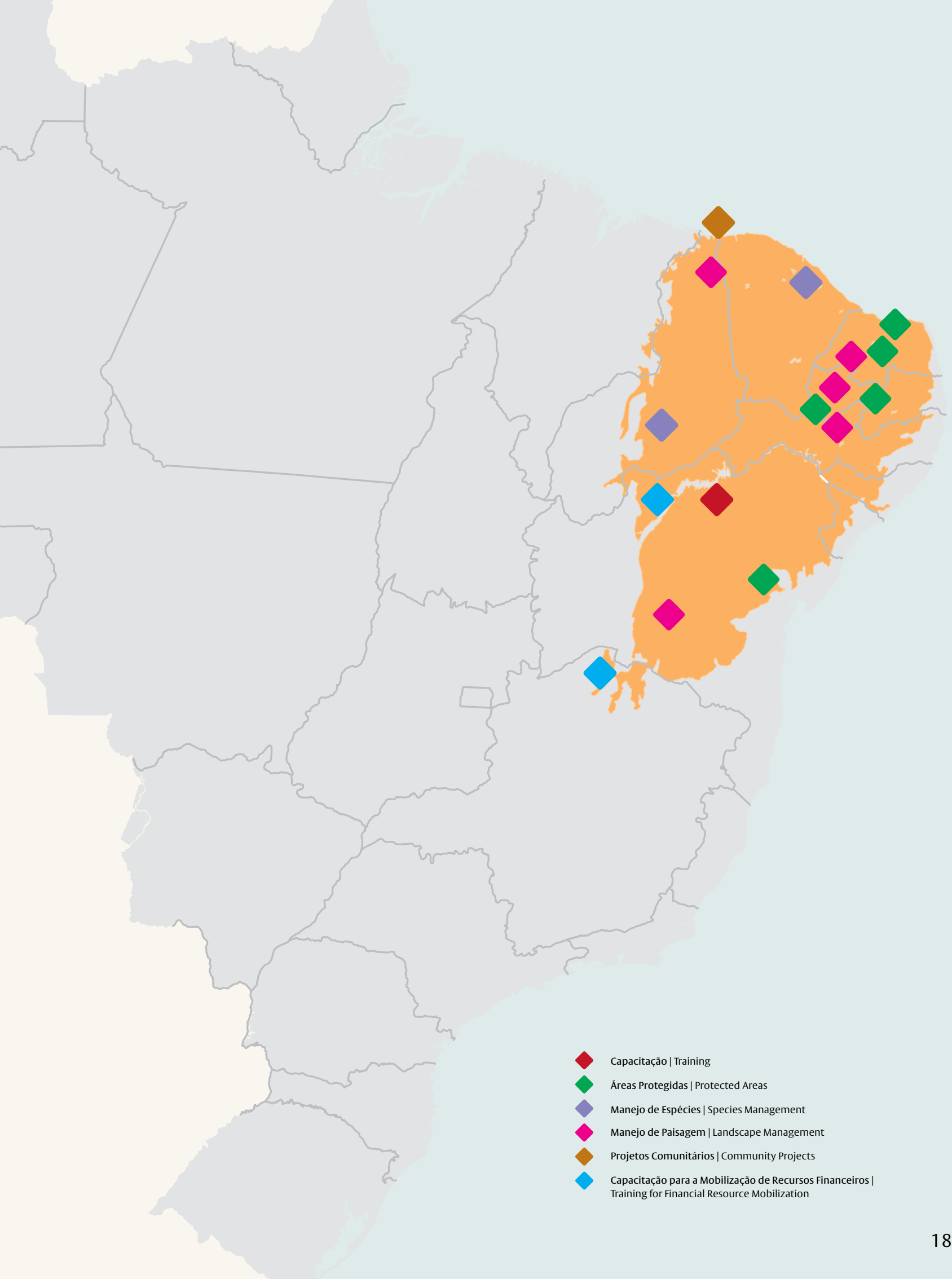












- ◆ Capacitação | Training
- ◆ Áreas Protegidas | Protected Areas
- ◆ Manejo de Espécies | Species Management
- ◆ Manejo de Paisagem | Landscape Management
- ◆ Projetos Comunitários | Community Projects
- ◆ Capacitação para a Mobilização de Recursos Financeiros | Training for Financial Resource Mobilization

CAATINGA

A Caatinga* ocupa 844 mil km² no semiárido brasileiro, área que corresponde a 11% do território nacional. Estende-se por dez estados e, atualmente, restam 54% da cobertura original. A população é de 27 milhões, a maioria pobre e dependente dos recursos do bioma. Nele, é registrado um alto grau de biodiversidade: já foram identificadas 591 espécies de aves, 241 de peixes, 178 de mamíferos, 177 de répteis e 79 de anfíbios. O consumo de lenha extraída de modo ilegal e insustentável tem acelerado o desmatamento. O solo seco e a vegetação se transformam na época das chuvas, quando a Caatinga se torna verde e ganha flores. Da Caatinga 7,5% correspondem a áreas protegidas, das quais pouco mais de 1% corresponde à categoria de proteção integral.

CAATINGA

The *Caatinga** covers 844,000 km² of the Brazilian semi-arid region, an area equivalent to 11% of the country's landmass. It spans ten states and currently only 54% of the original coverage remains. The population is 27 million, mostly poor people who are dependent on the biome's resources. A wide range of biodiversity has been recorded within the biome: 591 species of bird, 241 species of fish, 178 species of mammal, 177 species of reptile and 79 species of amphibian have all been identified. The extraction and consumption of illegal and unsustainable timber has accelerated deforestation. The dry soil and vegetation are transformed during the rainy season, when the *Caatinga* turns green and comes into bloom. 7.5% of the *Caatinga* is protected, just over 1% of which is categorized as strictly protected.

ENGLISH TEXT CONTINUED ON PAGE 203.

* Devido à área de atuação, alguns projetos são apontados em mais de um bioma.
* Due to the areas covered, some projects are shown in more than one biome.

Eles tentaram uma. Duas. Três. Perderam todas. Antes mesmo de fitarem os olhos dos inimigos, a derrota já se anunciava: no labirinto áspero que levava a Canudos, os espinhos pontudos do sertão baiano dilaceravam as fardas dos militares. O sol sugava dos corpos e dos cantis até a última gota d'água. E o solo escaldante arrancava solas dos calçados. Quando, enfim, alcançavam a vila onde viviam os seguidores de Antônio Conselheiro, as tropas do Exército já estavam imprestáveis.

A quarta e última investida contra os supostos inimigos do Estado era uma questão de honra. A pé e a cavalo, uma horda de cinco mil homens rasgou a vegetação seca da Caatinga com metralhadoras nos ombros. Num período de 24 horas, mais de um milhão de balas caiu sobre Canudos, como uma chuva farta que o sertão não estava acostumado a ver. Durante os três meses que a batalha durou, bombas de canhão e dinamites iluminavam o céu como tristes balões em noite de São João.

O arraial de Canudos foi arrasado. E o Exército definhou: quatro mil combatentes nunca mais voltaram para casa. Aquele ano de 1897 ficou marcado por uma das campanhas mais sangrentas que o Brasil já presenciou em seu território, contra brasileiros. Empunhando facões, lanças e armas velhas, os seguidores de Antônio Conselheiro guerrearam em franca desvantagem. Mesmo assim, fincaram pé. Estavam em casa. Do seu lado, tinham o maior dos aliados: a Caatinga, um ambiente que não é para novatos.

O escritor Euclides da Cunha, que acompanhou parte da guerra, ficou pasmo com a resiliência daqueles homens. No calhamaço que virou sua grande obra, *Os sertões*, dedicou um capítulo inteiro a eles. E concluiu: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Embora seja “permanentemente fatigado”.

Igualzinho à Caatinga. Terra de vivos contrastes, o bioma é uma metáfora do povo resistente que nele vive. E vice-versa: ali, homem e ambiente estão entranhados um no outro. Num semiárido em que a seca nem sempre é previsível, mas é sempre provável, fauna e flora – e gente – aprenderam a lidar com um clima em que a chuva é visita rara: em tempos de secura, as folhas das árvores caem e os troncos ficam nus. Têm aspecto de morte. Mas enganam. Estão cheias de vida, seiva e nutrientes, esperando a próxima trovoadas para explodirem novamente em cores.

Igualzinho ao sertanejo: “Toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. A cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte”, descreveu Euclides da Cunha.

Mas não é de um dia para o outro que se aprende a ser forte – e a ser forte na Caatinga. É coisa de séculos: faz mais de 300 anos que o homem sertanejo começou a costurar laços de intimidade com o semiárido nordestino.¹

Naquela época, os portugueses estavam animadíssimos com as cifras que o açúcar brasileiro alcançava. Os canaviais espalhavam-se por terras que um dia foram florestas. E a boiada ia atrás: tão fundamental como os escravos, o gado tinha carne para servir de alimento, força para moer a cana e disposição para transportar lenha e açúcar em seu lombo.

O rebanho só aumentava e começou a incomodar: os animais estavam devorando e pisoteando as plantações. Em 1701, a Coroa portuguesa proibiu a criação de gado numa

¹ PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordestino do Brasil. 1650-1720.* São Paulo: USP, 1998.

faixa de dez léguas da costa.² Foi a deixa para que a pata do boi avançasse oficialmente para o interior nordestino.

A manada começou ocupando espaço ao longo do Rio São Francisco e foi subindo sertão adentro. Para os aventureiros e pequenos empreendedores que chegavam para tentar a vida, só havia lugar como vaqueiro. As zonas de abastecimento de alimentos continuaram longe, no litoral, então era preciso desafiar a seca, os solos rasos e pouco férteis com roçados que botavam comida na mesa.

Aquele pedaço de Brasil nunca rendeu grandes fortunas para os centros de poder. Acabou esquecido: o litoral seguiu, por séculos, de costas para o sertão. Enquanto isso, gado, agricultura de subsistência e lenha formavam a tríade que sustentou o homem sertanejo naquele chão. Ele sempre se virou como pôde. Sem apoio nem assistência, se tornou vítima e causa da degradação do bioma, que já teve quase metade de sua vegetação destruída.

Apesar de séculos de ocupação, a região só teve um retrato oficial de seu desmatamento há cinco anos.³ E a demora é sintomática: o bioma é um dos mais desconhecidos do país. Não é à toa que o sertanejo adentrou o século XX com uma vida errante, em ciclos migratórios infinitos ditados pela quantidade de água que o céu oferecia: quando a seca castigava, famílias inteiras iam atrás de novas paragens. Mas sempre voltavam. Recomeçavam: a Caatinga é feita de recomeços.

Um deles diz respeito à sua própria imagem diante da ciência, que no passado se acostumou a classificar o bioma como pobre. Hoje, já é considerada a região semiárida mais biodiversa do mundo. E é para essa pobre menina rica que foi destinada uma parte dos recursos do Tropical Forest Conservation Act (TFCA): para alimentar novos recomeços.

Como o de Edvaldo Andrade da Silva e de José Carlos da Silva. O primeiro nasceu na Paraíba. O segundo, em Pernambuco. Em comum, além do Silva, do sertão e de mãos enormes que parecem saídas de um quadro de Tarsila do Amaral, eles têm um passado de desassossego: sempre viveram de favor na fazenda dos outros, trocando cama e comida pelo suor que

2 MEDEIROS NETO, José Bernardo de. *Desafio à pecuária brasileira*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1970.

3 Ministério do Meio Ambiente – Monitoramento por satélite do desmatamento no bioma Caatinga: <bit.ly/1lobDEB>.

Inicialmente, não tínhamos a pretensão de criar uma unidade de conservação, até porque não é da nossa competência criar uma UC. Mas agora no final, com a coleta de dados, as informações e todo o material levantado, o estudo das potencialidades de criação da unidade fez que o interesse de órgãos do governo federal e do estadual aumentasse. O próprio secretário estadual do Meio Ambiente (da Paraíba) quis ir a campo conhecer nossa proposta.

No início, o projeto envolvia cinco municípios. Mas, com todo o material levantado e o interesse do estado, foi pedido que incluíssemos áreas adjacentes às analisadas. A própria área vinculada ao projeto dobrou, e isso do ponto de vista da conservação é muito bom.

Além de tudo, a gestão dos recursos pelo Funbio diminuiu muito a burocracia. Conseguimos correr atrás dos objetivos do projeto de forma muito direta, direcionada, sem ter dependência de partes burocráticas. Foi uma gestão muito eficiente.

HELDER ARAÚJO (ASSOCIAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA
ERNESTO LUIZ OLIVEIRA JÚNIOR – ATECEL)
Potencialidades para Criação de Unidade de Conservação
de Proteção Integral na Serra de Santa Catarina – Paraíba

derramavam no roçado. “Toda vida meus pais trabalharam na roça. Eu mesmo comecei com sete anos. A gente comia o que tinha”, conta Edvaldo, sem saudades. “A coisa pior no mundo é você viver de favor. Quem trabalha para os outros só leva desacerto”, Zé Carlos garante.

Mas, se a história dos dois se cruza num passado do qual não eram donos, eles fazem questão de dar nome a um presente que é só deles: Nova Esperança. É assim que batizaram a Associação dos Agricultores do Município de Ingazeira, em Pernambuco. Foi ali que se conheceram e, com outras 15 famílias, entraram no Programa Nacional do Crédito Fundiário. Conseguiram financiamento e arremataram 328 hectares de terra pagos coletivamente em parcelas anuais.

“Aqui, tudo o que a gente faz é para a gente mesmo. Ninguém chega para dizer que está querendo a casa”, sorri Zé Carlos. O assentamento Sítio do Meio – ou Unidade Produtiva, como preferem chamar – foi criado em 2005. No início, os braços só queriam fazer o que aprenderam a vida toda: derrubar a vegetação, plantar um roçado e espalhar a boiada pela terra.

Mas o pessoal da Associação Plantas do Nordeste (APNE) chegou propondo outros caminhos, com o projeto Avaliação e Implementação Comunitária de Manejo Florestal Sustentável da Caatinga. Perguntaram se interessava começar ali um plano de manejo florestal. “A ideia não era concorrer com as outras atividades que eles já faziam, mas somar”, explica Danilo Soares, da APNE. “No período da seca, às vezes eles não têm como produzir, porque não têm água para a agricultura nem comida para alimentar os bichos. Mas têm a lenha ali. E só precisa saber usar para não acabar”.

Quando a APNE chegou com a proposta, todo mundo virou as costas. “Desse plano de manejo aí a gente não entendia é nada”, confessa Zé Carlos. “O Danilo teve que dar muita viagem aqui no início. Quando ele saía, o couro comia. Todo mundo achava que era conversa, que aquilo não funcionava”, lembra Edvaldo. “Mas quando a gente veio perceber que era a solução, pronto: todo mundo sossegou e agora o plano de manejo é a felicidade da gente. Já pensou se não tivesse?”, pergunta Zé Carlos.

Edvaldo nem precisou pensar. Nos últimos cinco anos, a seca veio com força na região e, mais uma vez, deixou sua marca. “Foi braba. Eu criava uns animaizinhos, tinha minha plantação. Mas morreu meio mundo aqui”, ele recorda. A renda que veio da extração sustentável de madeira, porém, “segurou as pontas”. “Com ela a gente já consegue pagar as parcelas do assentamento, comprar uma alimentação. E tem vezes que até sobra”.

Com recursos do TFCA, a APNE faz o acompanhamento técnico de oito planos de manejo no sertão pernambucano. Mas numa região onde o uso de lenha e carvão é assustadoramente alto,⁴ eles resolveram olhar mais longe: estão vasculhando os bancos de dados de todos os estados nordestinos para ter um retrato do mercado de madeira. Querem entender se a demanda que vem das indústrias bate com o número de planos aprovados e em operação.

Nem acabaram o levantamento e já viram que os dados não casam: as áreas de manejo florestal autorizadas são incomparavelmente menores que as pilhas de lenha, madeira e carvão vegetal que têm chegado para as indústrias alimentícias, de cerâmica, gesso, olaria etc. “A conta não fecha”, diz Danilo. “Nunca esses planos conseguiriam suprir a demanda dos estados. De onde está vindo essa madeira, então? Da ilegalidade”, ele aponta, e lembra que a situação só desestimula aqueles que têm seguido a lei e garantido a conservação da Caatinga: “É uma concorrência desleal”.

Mesmo assim, eles continuam remando contra a maré. E não estão sozinhos. Na Paraíba, a ONG SOS Sertão também desafia burocracia e ilegalidade para provar a centenas de famílias que o manejo florestal faz bem para a Caatinga e para o bolso. Com o tempo, elas acabam aprendendo na prática. Mas a missão não é moleza. Como quase tudo no sertão. “É um trabalho muito grande de conscientização. Você lida com um agricultor que estava acostumado a pegar a enxada e acabar com tudo. Nós o confrontamos: ‘Depois que você destruir tudo, vai fazer o quê?’”, conta Joaquim de Melo Neto, que toca o projeto Consolidação do Manejo Florestal Comunitário em Projetos de Assentamentos Rurais Localizados na Caatinga do Estado da Paraíba.

4 GARIGLIO, Maria Auxiliadora (Org.). *Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da Caatinga*. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. Disponível em <bit.ly/1DoqDWp>.

Com a pesquisa, identificamos na área (no Rio Grande do Norte) a ocorrência de espécies ameaçadas de extinção, como o pica-pau-anão-da-caatinga (*Picumnus limae*), que já consta na lista de animais ameaçados do Ministério do Meio Ambiente.

Para a comunidade, o projeto trouxe um grande potencial para o turismo ecológico. Com a criação da UC, poderão ser feitas trilhas ecológicas, rapel, escalada, tirolesa e também atividades de espeleologia. Com isso, esperamos uma grande inserção da comunidade local, resultando em geração de renda. Dentro dessa área, existem mais de 40 propriedades. Todas são a favor da criação da unidade, porque entendem que esse é um patrimônio de que não podemos prescindir.

Antes do início do projeto, havia 25 cavernas catalogadas. Com o projeto, esse número se elevou para 92 cavidades naturais, sendo 78 cavernas e 14 abrigos. Não pudemos dar sequência à prospecção, mas estima-se que haja nessa região pelo menos 250 cavernas e abrigos.

VILMA MACIEL (FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DA TERRA POTIGUAR – FUNDEP)
Monumento Natural Cavernas de Martins

Joaquim mistura a dose certa de simplicidade e dureza para ganhar a confiança do sertanejo. É cria do semiárido. “Sou caatingueiro e filho de agricultor”, diz, orgulhoso. Sabe bem, portanto, a dor e a delícia que é ser do sertão. Viu um tanto de famílias arrumando as coisas e “se mandando” em busca de um futuro menos árido. Mas ele ficou. E usa o conhecimento que tem para evitar que mais gente passe pelo doloroso processo de arrancar suas próprias raízes daquele solo.

“Com o manejo florestal, várias pessoas começaram a pensar a Caatinga como uma possibilidade de geração de renda e de ocupação das comunidades de uma forma mais duradoura”, diz. “Essa questão imediatista de desmatar e plantar o pasto para o gado também está se esvaindo. Vários agricultores já mudaram seus pensamentos. Se de dez pessoas conseguirmos transformar a mentalidade de uma, já é muita coisa”.

O SOS Sertão já mexeu com a cabeça de muito mais gente. Só com o apoio do TFCA, a organização promoveu o intercâmbio e assessorou dezenas de assentados, capacitou mais de 200 técnicos em manejo florestal comunitário e levou educação ambiental para mais de 250 alunos de escolas públicas da região. “Nosso grande desejo é que as informações que a gente sabe possam ser replicadas”, diz. “Queremos fazer com que o manejo florestal seja uma prática comum”.

Tem que ter perseverança. E isso é coisa que não falta a quem nasce no sertão. Eunice Braz, uma moça de posses, mostrou a sua com a vida. Quando tinha 20 anos, recém-formada em artes plásticas no Recife, voltou ao Cariri paraibano para informar à família que tinha ganhado uma bolsa para estudar na Europa. O pai não gostou nada da história. Obrigou a menina a ficar, casar com o tio de 60 anos e ir morar nos confins da Paraíba, numa fazenda chamada Almas.

Ela não teve escolha, aquilo era década de 1960: foi. Tinha tudo para ser infeliz. Mas como a flora da região, que sabe se reinventar a cada gota de sereno, Eunice reelaborou sua história. Ainda em 1969, ficou viúva e se viu dona de um imenso pedaço de terra. Resolveu preservar tudo. Em 1990, quando seca e retirantes ainda eram os sinônimos que andavam

colados à Caatinga, ela transformou 3.500 hectares na primeira Reserva Particular do Patrimônio Natural da Paraíba.

Coisa de visionária. “Dona Eunice tinha uma personalidade forte, era muito à frente de seu tempo”, diz Roberto Lima, da Associação Plantas do Nordeste (APNE) e um dos coordenadores do projeto Consolidação e Conservação da RPPN Fazenda Almas – Paraíba. “Ela me disse que foi muito feliz aqui”.

Ainda levou uma década para que a ciência batesse os olhos naquele tesouro escondido a 300 km de João Pessoa, no município São José dos Cordeiros. “Meu primeiro contato com a dona Eunice foi em meados de 2000. A gente tinha, na universidade, um mapa de vegetação da Paraíba com as áreas de conservação protegidas por lei. Fizemos uma filtragem e chegamos até Almas. Resolvemos ir lá”, conta Lima, um dos primeiros pesquisadores a topar com a maior área contígua preservada da Caatinga no estado.

Eles se perderam algumas vezes pelo caminho. Mas chegaram. E nunca mais saíram. “Eu faço parte do grupo de pesquisa Flora Paraibana, dentro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A gente fazia um levantamento das espécies de árvores e de plantas que existem no estado, e fomos lá com o desejo de desenvolver um projeto de pesquisa”, explica Lima. Dona Eunice topou na hora.

Desde que pisaram na área, o trabalho do Flora Paraibana deslançou. E o burburinho sobre aquele oásis preservado logo se espalhou pela universidade. De uma hora para outra, começou a aparecer gente querendo estudar de um tudo no local. Pesquisadores de todo o Nordeste e até do Sul do país botaram o carro na estrada para conhecer Almas. “Descobriram espécies novas de besouro, de morcego, plantas que são difíceis de encontrar, aves em processo de extinção com uma população estável ali”, lista Lima.

Com tantos olhos voltados para ela, a APNE propôs um projeto ao TFCA e conseguiu recursos para consolidar de vez aquela área como uma unidade de conservação. Em poucos anos, a RPPN ganhou um conselho consultivo, um plano de manejo e

Chegamos à fase que eu chamo de “desmame da comunidade”. Ou seja, eles estão iniciando, por conta própria, a produção dos extratos, sabonetes e polpas de fruta com os produtos da mata nativa. Estão fazendo sozinhos o replantio e a multiplicação do nosso viveiro.

Existem caravanas que a própria comunidade tem feito para ida a campo, fazer a coleta.

Isso é muito bom de ver.

Uma das consequências do projeto foi a geração de microempreendimentos sociais, como por exemplo casas de mel e de polpa de frutas, que agora têm parceria com empresas de São Paulo para o envio de produtos. Isso significa que o projeto conseguiu implementar a cadeia produtiva e colocá-la funcionando como um todo, gerando renda na ponta da cadeia. O projeto apoiado pelo TFCA vai tomando vida própria e as ações vão continuar, mesmo depois do financiamento.

Isso é maravilhoso.

Trabalho com isso há muitos anos. Para mim, foi uma mudança de paradigma de vida. Passamos a enxergar as necessidades, a mata e seus recursos através dos olhos da comunidade. Nunca estive tão inserida num projeto.

ZELITA ROCHA (ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE – FITOVIDA)
Conservação, Recuperação e Uso Econômico Sustentável da Biodiversidade para Produção de Matéria-Prima e Bioprodutos em Municípios da Caatinga Potiguar, com a Valorização de Produtos Florestais não Madeireiros

O ambiente caverna é bastante particular e a parte turística ainda é muito desordenada. O financiamento foi imprescindível. Nós fazemos parte do grupo assessor do Plano de Ação Nacional para a conservação das cavernas do São Francisco. Na construção desse plano, foi identificado que a experiência turística nas cavernas da região deixava muito a desejar. Com o projeto, capacitamos condutores nas três regiões: o Alto, Médio e Baixo São Francisco. Foram 18 meses de projeto, formamos quase 90 condutores em 120 horas de aula.

Sensibilizar as pessoas que trabalham com grupos de turistas é muito importante, pois, tendo a consciência da boa condução turística e do manejo dentro da caverna, elas vão contribuir para a conservação. Os condutores são um elo muito importante. Se eles forem conscientizados, estaremos contribuindo para a conservação. Não adianta trabalharmos com os operadores de turismo, se lá na ponta o guia não se importar com o patrimônio.

MARCELA PIMENTA (INSTITUTO AMBIENTAL BRASIL SUSTENTÁVEL – IABS)
Curso de Capacitação em Espeleoturismo para
Guias/Condutores de Espeleoturismo

um guarda-parque. O diálogo com as comunidades vizinhas cresceu, as escolas e universidades da região passaram a visitar a área com frequência, a polícia ambiental reforçou a fiscalização e a prefeitura melhorou o acesso. A Fazenda Almas finalmente entrou no mapa.

“Criou-se uma estrutura que possibilitou que as pessoas continuassem indo lá, tanto para fazer pesquisa como para um trabalho de educação ambiental. A área já serviu para a formação de vários professores universitários e continua formando alunos de mestrado, doutorado e pós-doc”, comemora Lima.

A estrutura de fiscalização também fez despencar em 70% a caça que era praticada ilegalmente na RPPN. Com tudo isso, veio o reconhecimento: a Fazenda Almas recebeu da Unesco o título de Reserva da Biosfera da Caatinga, coisa rara naquelas paragens. “São conquistas muito grandes para uma área que até então era isolada e sem apoio”.

É motivo de sobra para comemorar. Afinal, a RPPN Fazenda Almas conseguiu se guardar como um diamante bruto numa imensidão de Caatinga que continua desamparada: o bioma é o menos resguardado do país, com apenas 7,5% de áreas protegidas.

Mas o que não falta é gente pisando no acelerador para alavancar este número. Como um pequeno grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que está à frente do projeto Oportunidades de Criação de Unidades de Conservação na Caatinga, com ênfase no Rio Grande do Norte. Eles se uniram à Wildlife Conservation Society (WCS Brasil) e resolveram botar de pé um banco de dados apontando as áreas do estado mais aptas a serem transformadas em unidades de conservação. O levantamento pretendia cruzar informações sobre a biodiversidade da região com uma estimativa dos custos socioeconômicos para a criação dessas UCs.

O caminho foi cheio de espinhos. Mas também de surpresas. Andar na Caatinga é isso. “Quando olhamos os trabalhos que relatam coletas, nós vimos que o Rio Grande do Norte realmente era um buraco de informação”, diz Eduardo Venticinque,

da UFRN. Partiram no escuro. Mas encontraram um monte de focos de luz pelo percurso. “Quando conseguimos o edital do TFCA, éramos apenas três encabeçando o projeto. Saímos conversando com as pessoas e foi incrível como rapidamente conseguimos formar um grupo e fazer os trabalhos de campo”.

A equipe de Venticinque descobriu que, por trás daquele vazio de dados, havia um batalhão de pesquisadores debruçados por conta própria sobre a biodiversidade da região, “se virando” com suas bolsas magras de mestrado e doutorado. Como um ímã, o projeto reuniu toda essa gente numa mesma roda. “Com o TFCA a gente conseguiu que as dissertações e teses pudessem fazer parte desse projeto, porque tinha recurso para custear viagem, comprar armadilhas fotográficas, fazer o transporte... Sem o apoio não conseguiríamos avançar”, diz.

Com o time formado, uma série de oficinas foi feita para que cada especialista colocasse seus dados na mesa. O objetivo era identificar as áreas que as pesquisas apontavam como relevantes. O grupo também abriu o mapa de áreas prioritárias de conservação que o Ministério do Meio Ambiente produz periodicamente. Informações cruzadas, saíram com uma lista de 29 zonas que mereciam mais atenção no estado. Decidiram concentrar-se em 20. Visitaram todas e voltaram com um panorama geral de cada uma, principalmente em relação ao estado da vegetação e do desmatamento.

Para fazer amostragens biológicas mais detalhadas, porém, tropeçaram na seca: precisavam esperar a estação chuvosa, que é quando a fauna está mais ativa. “Isso acabou estrangulando a gente, e só conseguimos amostrar dez áreas”, diz o pesquisador. Ainda assim, um passo de gigante para a região. “Mesmo com esse obstáculo, temos uma boa amostragem para representar a Caatinga do Rio Grande do Norte”, garante.

Eles mergulharam fundo em cada um desses territórios. Lançaram mão de armadilhas fotográficas para registrar mamíferos, fizeram censos de aves e levantamento de répteis. “A gente não sabia em absoluto o que ia encontrar. Eu mesmo nunca tinha colocado armadilhas fotográficas na Caatinga”, lembra Venticinque.

Tivemos a possibilidade de revitalizar a cultura do babaçu em nosso território (no Ceará). Conseguimos dar um viés econômico e ambiental a essa cultura, que é nativa da região e estava esquecida. Realizamos muitos dias de campo e trabalhamos a troca de conhecimentos, de saberes e também de sabores. Fizemos seminários para fortalecer a organização social das comunidades. Com o fim do projeto, elas já são autossuficientes para se apropriar dos conhecimentos e dar continuidade à cadeia produtiva do babaçu.

FRANCISCO OSVALDO AGUIAR (INSTITUTO DE ECOLOGIA SOCIAL CARNAÚBA)
Conservação, Recuperação e Uso Econômico Sustentável do Babaçu
(*Orbignya phalerata*) nas Serras da Meruoca e da Ibiapaba

Mas funcionou: o trabalho já está dando uma cara para o que antes não passava de folhas em branco. “Quando eu amostró 200 pontos com armadilhas fotográficas, posso gerar um mapa com todos eles para falar sobre a ocupação de determinada espécie. Se você me perguntar ‘em quais lugares vocês viram um gambá?’, por exemplo, eu vou abrir o Sistema de Informação Geográfica (SIG), acionar a camada de distribuição de espécie e falar: ‘achei neste e naquele município, ou em tantas bacias hidrográficas’”, explica.

O exemplo não é meramente ilustrativo: cada informação coletada está sendo georreferenciada. No fim das contas, tudo será entregue aos tomadores de decisão. Afinal, o objetivo é justamente que os dados sirvam como uma bússola para que as esferas de poder possam dar os tiros certos quando as próximas unidades de conservação saírem do papel. “Uma vez que tenho capital para aplicar em conservação, em quais lugares está valendo a pena fazer esse investimento? É isso que o nosso trabalho vem buscando fomentar: alimentar essas decisões do governo, apontando onde seriam as áreas mais apropriadas, onde podemos ser mais eficientes e ter um gasto menor”.

Em um cantinho especial do Piauí, a ONG Comissão Ilha Ativa (CIA) já tem essa resposta, que veio com o projeto Fortalecimento das Comunidades Tradicionais da Ilha Grande de Santa Isabel (PI) para Conservação e Manejo Sustentável dos Recursos Naturais. Há alguns anos, eles estão reunindo uma infinidade de dados e argumentos para que uma reserva extrativista seja criada na região do Delta do Parnaíba, na chamada Ilha Grande de Santa Isabel. O lugar é único no Brasil. Uma mistura inebriante de Caatinga, Cerrado, rios e sistemas marinhos:⁵ é ali que o sertão vira mar.

Com tanta riqueza, não ia demorar para que olhos comessem a crescer para aqueles lados: na última década, disparou o número de grandes empreendimentos pedindo licença para se instalar por ali. *Resorts*, condomínios de luxo e imensas torres de energia eólica começaram a brotar no mesmo solo que sempre deu caranguejo, marisco e carnaúba. Os ares mudaram para as comunidades tradicionais de pescadores e extrativistas que viviam há gerações num paraíso.

⁵ GUZZI, Anderson. *Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense*. Parnaíba: EDUFPI, 2012.

“Acabou a tranquilidade”, resume Francinalda Rocha, da CIA. “Os empreendimentos chegam, aterram lagoas, tomam a terra e não deixam mais as populações entrarem nas áreas onde faziam o extrativismo e a pesca. Aos poucos, essas pessoas vão sendo expulsas dos seus próprios territórios”.

O baque é grande: muitas famílias ali são centenárias. Mas num desses descaminhos históricos a que o Brasil se acostumou, a esmagadora maioria não tem documentação da propriedade. Para ser exato, 98%. “Apesar de viverem há gerações ali, eles têm medo de perder a terra”, diz Kesley Paiva da Silva, da Comissão Ilha Ativa. “A reserva extrativista (Resex) garantiria o modo de vida deles”.

Kesley coordenou uma pesquisa da CIA para traçar o perfil socioambiental da região em que está sendo proposta a reserva extrativista. Além da aberração fundiária que encontraram, confirmaram um dado de que qualquer pessoa desconfia ao pisar na região: a pesca e o extrativismo são as principais fontes de renda e subsistência da população local. “Os grandes falam que não existem estudos comprovando essa caracterização socioambiental. Com o projeto do TFCA, a gente conseguiu reforçar e ampliar esses dados”.

E foram além. Em outro levantamento, Liliana Oliveira Souza mergulhou no dia a dia de pescadores para saber quais as espécies mais capturadas e consumidas, qual seu valor comercial e que quantidade costuma ser apanhada. Reuniu um time de voluntários e, por um ano, levantou da cama para ir trabalhar no ritmo da maré: às vezes era às 4h da manhã, alguns dias às 5h, outros às 7h. Não desgrudou dos portos onde saíam e chegavam as embarcações. Virou a “princesinha dos pescadores”.

“A gente queria ver o que tinha de recursos pesqueiros na Ilha Grande e como eles estão sendo usados. Enquanto a outra pesquisa confirmou que a pesca é importante para a população, futuramente este levantamento pode ajudar na gestão da atividade”, explica Liliana. E já está ajudando: “Repassamos os dados para o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que agora já sabe os ciclos de determinadas espécies, em que áreas elas ocorrem... Essas informações podem contribuir inclusive para o plano de manejo da APA

A intenção sempre foi apoiar pequenas organizações de agricultores, quilombolas, indígenas... Uma dificuldade que elas tinham era conseguir participar de editais, elaborar projetos. Não conseguiam acessar recursos por desconhecimento. Trabalhamos de forma horizontal, com todo mundo participando (em AL, BA, CE, GO, MA, MT, MS, MG, PB, PE, PI, RN, SE, TO e DF). Todos saíram do curso com um projeto pronto ou rascunhado, e a qualidade veio muito boa. Logo na sequência, algumas organizações que participaram foram aprovadas em edital. Elas estavam mesmo sedentas desse conhecimento.

ELISA SETTE (INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA – ISPN)
Capacitação de Projetos de Temática Ambiental

Delta do Parnaíba”, diz, referindo-se à unidade de conservação que já abrange 240 km² da região.

Mas nem só de peixe vive o local. Numa ruazinha miúda de Ilha Grande, todas as casas têm as portas abertas. E cada uma delas ostenta sacos transbordando de mariscos. Enquanto os maridos saem para a pesca, a mulherada se reúne, sobe nos barcos e se lança no leito do Rio Parnaíba para mariscar. “Lá do iníciozinho da rua, subindo até aqui, é tudo família. E o que não é fica, né, de tanto conviver”, Luiza de Sousa Santos dá o tom.

Ela é uma das mais antigas marisqueiras dali. E, como todas, começou ainda menina. “Eu não gosto de pegar qualquer um, não. Gosto dos grandes e bonitos”, diz agachada no meio das águas do Parnaíba, enquanto faz sua curadoria de mariscos. Luiza e as companheiras eram o que Francinalda, da CIA, chama de “mãos invisíveis”: “Elas não eram valorizadas pelo trabalho que fazem. Antes, pegavam só para comer. Agora já estão tirando uma renda disso”, diz.

Com o tempo, as marisqueiras fortaleceram sua identidade e criaram uma associação. Em 2014, resolveram fazer o primeiro Festival de Mariscos do município. Foi um sucesso. “A CIA ajudou a mostrar a gente para o mundo. Antes a gente não tinha reconhecimento nenhum. Agora, sim”, sorri Luzânia de Sousa Santos, filha da pioneira Luiza. Se ela acha que dá para melhorar de vida? “Só se for com o marisco”, responde sem hesitar. “Eu estou feliz”.

E não é a única. “Eu já tenho 71 anos e não estou esmorecida, não. Estou é animada para trabalhar”, avisa Maria do Socorro Lima. Com vinte e poucos anos, ela deixou o Nordeste e se mudou para Brasília, porque os tempos estavam difíceis. Como cozinheira, criou os seis filhos na capital e diz que chegou a botar comida na mesa de vários presidentes da República. Faz cinco anos que resolveu voltar para o município de Ilha Grande, sua terra natal. A aposentadoria não estava dando conta. Mas “os meninos” bateram à sua porta e lhe ensinaram as manhas da roça. “Hoje eu produzo mamão, tomate, maracujá, banana, pimenta...”, lista ela, feliz da vida. Os “meninos” eram o pessoal da CIA. Eles também ajudaram a botar de pé, semanalmente, a Feira de Artesanato e Produtos da Agricultura Familiar (FAPAF),

onde a produção é vendida. “Por enquanto a gente faz a feira um dia na semana. Daqui a pouco vai ser dois, três. Quem sabe a semana toda”, diz ela, sem tempo para tempo ruim.

Quem chega à FAPAF também dá de cara com o sorriso imenso de Helena de Brito Sousa. O rosto rechonchudo de felicidade quase rouba a cena dos produtos fresquinhos que ela traz de seu roçado: macaxeira, pimentão, tomate, cenoura, maxixe, cebolinha e muito mais. Se fosse seis anos atrás, porém, Helena não teria nada disso para oferecer: em 2009, ela perdeu casa e roça numa enchente que tomou a região. Só não perdeu o humor. “Foi ótima essa época”, faz piada com o passado trágico.

Flávio Crespo, da CIA, surgiu providencialmente, oferecendo assessoria técnica para retomar a plantação e participar da feira. “Da produção à comercialização, nosso apoio às vezes também passa por psicólogo, pai, assistente social”, brinca Crespo. A receita tem dado certo. “Eu posso estar numa tristeza só, com o problema que for, mas a gente leva adiante”, garante Helena, entregando mais um sorriso aos fregueses.

Também foi Flávio quem ajudou a devolver o brilho aos olhos de Maria da Paz dos Santos. Artesã de mão cheia, ela havia reunido filhas e netas para criar o grupo Quatro Marias. Em seus trançados caprichados, a palha da carnaúba virava cestas, bolsas, tapetes que logo ganharam fama no Parnaíba. Mas uma tragédia lhes atravessou o destino: um carro desgovernado atropelou uma das filhas Maria.

A paz de Maria se foi. Ficou amuada, sem querer continuar. Mas, com a força dos vizinhos e da CIA, ela foi retomando o vigor. Entre abraços, se juntou a amigas. E onde eram quatro, hoje são sete Marias. “Tem Maria do bordado, do crochê, de tudo”, diz ela, que está prestes a abrir uma lojinha com o novo grupo. “Eu estou animada”, sorri uma serena Maria que voltou à paz.

Para quem é forte, sempre é tempo de recomeço.

They tried once. Twice. Three times. They lost everything. Even before catching the enemies' eyes, their defeat had already been foretold: In the rough maze leading to Canudos, the sharp thorns of the Bahian *sertão*¹ tore the uniforms of the military. The sun drained their bodies and their water cans of the last drop of water. And the scorching soil ripped the soles of their shoes. When they finally reached the village where the followers of Antonio Conselheiro lived, the army troops were already good for nothing.

The fourth and final assault against the alleged enemies of the state was a matter of honor. On foot and on horseback, a horde of five thousand men tore the dry vegetation of the *Caatinga* with machine guns on their backs. Within 24 hours, more than a million bullets rained down on Canudos, like a deluge the interior had never before seen. During the three months for which the battle raged, cannon bombs and dynamite lit up the sky like sad balloons on St. John's Night.²

The camp of Canudos was razed to the ground. And the army languished: Four thousand men never returned home. The year of 1897 was marked by one of the bloodiest campaigns that Brazil has ever witnessed on its own territory against fellow Brazilians. Wielding machetes, spears and old weapons, Antonio Conselheiro's followers fought at a complete disadvantage. Still, they remained standing. They were at home. On their side, they had the greatest of allies: The *Caatinga*, an environment that is not for beginners.

1 (Translator's note). The *sertão* are the sparsely populated semi-arid backlands in Northeastern Brazil. The terrain is covered by distinctive scrubby vegetation.

2 (Translator's note). 24th June, the date on which the birth of St John is celebrated in Brazil with bonfires, traditional dances, food and balloons.

The writer Euclides da Cunha, who accompanied part of the war, was stunned by the resilience of those men. In the volumes that became his great work, *Os sertões*, [written in 1902 and translated into English as *Rebellion in the Backlands*], he devoted an entire chapter to the battle of Canudos and the *sertanejos*, under their fervent leader Antonio Conselheiro, against the Republican army. He concluded: “The *sertão* is, above all, a fortress.” Albeit “permanently fatigued.”

Just like the *Caatinga*. Land of striking contrasts, the biome is a metaphor for the tough people who live in it. And vice versa: There, man and environment are intertwined with each other. In a semiarid region where drought is not always predictable, but it is always a probability, fauna and flora – and people – have learned to deal with a climate in which rain rarely visits: In the drought, the leaves fall and the trunks become bare. They look as though they are dead. But they are deceiving. They are full of life, sap and nutrients, waiting for the next storm to explode, once again into color.

Just like the *sertanejo*: “This tired appearance is deceiving. Nothing is more surprising than to see it disappear so suddenly. From within that battered organization, complete transformations occur in a matter of seconds. It only takes the smallest of events, requiring it to unleash its dormant energies. Man transforms himself. His head held firm and high on his powerful shoulders, cleared by his strong, fearless look,” described Euclides da Cunha.

But it is not overnight that one learns to be strong – strong in the *Caatinga*. It is something one learns over centuries: It has been more than 300 years that the *sertanejo* began to bond intimately with the semi-arid Northeast.³

At that time, the Portuguese were very excited about the amount Brazilian sugar earned. The cane fields spread over lands that were once forests. And the cattle followed: As important as slaves, cattle provided meat as food, strength to grind the cane and willingness to carry firewood and sugar on its back.

3 PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordestino do Brasil. 1650-1720.* São Paulo: USP, 1998.

The herds increased and became a burden: The animals were devouring and trampling crops. In 1701, the Portuguese crown banned livestock within ten leagues of the coast.⁴ It was the official word for the oxen to move forward into the interior of the Northeast.

The cattle began by occupying the space along the São Francisco River and moved up into the *sertão*. The adventurers and the small businessmen who came to try to make a living soon discovered there was only room for cowboys. The food supply centers were a long way off, on the coast, so they had to challenge drought, poor soil and low fertility to deliver food to the table.

This piece of Brazil never earned great fortunes for the power centers. It ended up being forgotten about: The coast spent centuries with its back to the *sertão*. Meanwhile, cattle, subsistence agriculture and logging formed the triad that kept the *sertanejo* on that land. He always got by as best he could. Without support or assistance, the *Caatinga* has become the victim and cause of the biome's degradation, which has had nearly half its vegetation torn up.

Despite centuries of being inhabited, the region only had its deforestation officially mapped five years ago.⁵ And the delay is symptomatic: The biome is one of the least known in the country. No wonder the *sertanejo* entered the twentieth century with a nomadic life of infinite migratory cycles dictated by the amount of water offered by the sky. When drought castigated everything, entire families went in search of somewhere new. But they always returned. Started over: The *Caatinga* is made of new beginnings.

One of these new beginnings concerns its own image within the scientific world, which in the past became used to classifying the biome as a poor one. Today, it is considered the most biologically diverse semi-arid region in the world. And it is to that 'poor little rich girl' that part of the resources of the Tropical Forest Conservation Act (TFCA) was destined: To bolster new beginnings.

4 MEDEIROS NETO, José Bernardo de. *Desafio à pecuária brasileira*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1970.

5 Ministry of the Environment – Satellite Monitoring of the deforestation in the *Caatinga* Biome: <bit.ly/1lobDEB>.

Like that of Edvaldo Andrade da Silva and José Carlos da Silva – the former being born in Paraíba, the latter, in Pernambuco. In addition to the name Silva, the *sertão* and their huge hands that seem to have come straight out of a [Brazilian modernist artist] Tarsila do Amaral painting, they have a history of unrest in common: Always having lived on the farms of others, exchanging board and lodgings for their sweat and toil of the land. “For their whole lives, my parents worked in the fields. Even I started when I was seven. We ate what there was,” says Edvaldo with regret. “The worst thing in the world is living off others. Those who work for others get nowhere.” Zé Carlos says.

But if the paths of these two cross in a past where they owned nothing, they make a point of naming a gift that is theirs alone: Nova Esperança [New Hope]. This is what they call the Associação dos Agricultores do Município de Ingazeira, (the Association of Farmers of the Ingazeira Municipality) in the state of Pernambuco. It was there that they met and, with another 15 families they entered the Programa Nacional do Crédito Fundiário, (the National Land Credit Program). They managed to obtain financing and fenced off 328 hectares of land collectively paid for in annual instalments.

“Here, everything we do is for ourselves. No one arrives to say that they want the house back.” Zé Carlos says with a smile. The settlement called Sitio do Meio – or as they prefer to call it, the ‘Production Unit’ – was created in 2005. At first, Zé Carlos’s arms just wanted to do what they had learned throughout his lifetime, cut down the vegetation, plant the fields and raise cattle on the land.

But the people at the Associação Plantas do Nordeste – APNE, (the Northeastern Plants Association) arrived with a different proposal; the project called Evaluation and Community Implementation of Sustainable Forest Management of the *Caatinga*. They asked if anyone there was interested in starting a Forest Management Plan. “The idea was not to compete with the other activities they were already doing, but to add to them,” explains Danilo Soares, from the APNE. “During the dry season, sometimes there is no way you can produce anything, because there’s no water for agriculture

Initially, it wasn’t our intention to create a protected area, simply because that does not fall within our responsibilities. But now toward the end, with the collection of data, information and all the other material gathered, the study of the potential for creating a unit has roused the interest of both federal and state agencies. Even the Paraíba State Secretary for the Environment wants to find out more about our proposal.

At first, the project involved five municipalities. But with all the material collected and the state’s interest, we were asked to include areas adjacent to those analyzed. The area itself linked to the project has doubled, from the point of view of conservation that is very good.

Furthermore, the management of resources by Funbio has greatly reduced bureaucracy. We reached the project’s objectives in a very direct way, guided, without depending on bureaucrats.

It was very efficient management.

HELDER ARAÚJO (ASSOCIAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA
ERNESTO LUIZ OLIVEIRA JÚNIOR – ATECEL)
Potential for the Creation of a Protected Area with
Strict Protection in the Serra de Santa Catarina –
Paraíba State

or food to feed the animals. But they have wood there, and just need to know how to use it without it running out.”

When APNE arrived with the proposal, everyone turned their backs. “We did not understand anything in this management plan,” confesses Zé Carlos. “Danilo had to bend over backwards here in the beginning. When he left, things really got out of hand. Everyone thought it was just talk, that it really wouldn’t work,” recalls Edvaldo. “But when we came to realize that it was the solution, that was it! Everyone settled down and now the Management Plan is the people’s pride and joy. Can you imagine if we didn’t have it?” Asks Zé Carlos.

Edvaldo did not have to think twice. Over the past five years, the drought has arrived in full force in the region and, once again, has left its mark. “It was crazy. I bred some animals, tended my crops. But half the world died here,” he recalls. The income that came from sustainable timber extraction, however, “kept the wolves at bay. With that income we manage to pay the installments of the settlement and buy food. And sometimes there’s a bit to spare.”

With the TFCA resources, APNE is able to monitor eight management plans in the Pernambuco *sertão*. But in a region where the use of firewood and charcoal is alarmingly high,⁶ they decided to look further afield. They are scouring the databases of all the northeastern states to get an image of the timber market. They want to understand if the demand coming from the factories matches the number of plans that have been approved and are operational.

They haven’t yet finished gathering all the data, but have already discovered that it does not add up: The authorized forest management areas are incomparably smaller than the piles of timber, wood and charcoal that have arrived for the food, ceramic, plaster and pottery factories etc. “It just doesn’t add up” says Danilo. “There’s no way these plans would be able to meet the demand of the states. Where is this wood coming from, then? From contraband,” he points out, and reminds us that the situation only serves to discourage those who follow the law and guarantee the conservation of the *Caatinga*: “It is unfair competition.”

⁶ GARIGLIO, Maria Auxiliadora (Org.). *Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da Caatinga*. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. Available at <bit.ly/1DoqDWp>.

Even so, they continue swimming against the tide. And they are not alone. In Paraíba, the NGO SOS Sertão also challenges bureaucracy and lawlessness to prove to hundreds of families that forest management is good for the *Caatinga* and the pocket. Over time, they end up learning through practice. But, like most things in the *sertão*, this is no easy task. “It’s a huge job of making people aware. You’re dealing with farmers who used to grab the hoe and destroy everything. We confronted them: Once you’ve destroyed everything, what are you going to do?,” says Joaquim de Melo Neto, who is in charge of the project entitled Consolidation of Community Forest Management in Rural Settlements Projects in the *Caatinga* of the state of Paraíba.

Joaquim combines the right amount of simplicity and firmness to earn the trust of the locals. He was brought up in the semiarid region. “I am from the *Caatinga*, I was born and bred here; a farmer’s son,” he says proudly. However, he knows only too well, the bitter sweetness it is to be from the *sertão*. He’s seen loads of families pack up and leave in search of a less arid future. But he’s stayed. He uses the knowledge he has to prevent more people from going through the painful process of ripping out their own roots from that soil.

“With forest management, several people have begun to think of the *Caatinga* as an opportunity of generating income and of housing communities on a more long term basis,” he says. “The immediacy in clearing the land and planting pasture for cattle is also fading. Several farmers have changed the way they think. If ten people are able to change the mentality of one, we’ll have already achieved a lot.”

SOS Sertão has already got a lot more people thinking. Only with the support of the TFCA, has the organization promoted the exchange of ideas and advised dozens of settlers, trained more than 200 technicians in community forest management and taken environmental education to more than 250 public school students in the region. “Our great desire is for the information that we have to be replicated,” he says. “We want to make forest management a common practice.”

Through research, we have identified in the northeastern state of Rio Grande do Norte, the habitat of endangered species such as the Dwarf *Caatinga* Ochraceous Piculet (*Picumnus limae*), which is already on the Ministry of the Environment's endangered animals list. For the community, the project has brought great potential for eco-tourism. With the creation of the protected area, nature trails can be made, abseiling, climbing, zip-lining and caving activities can also be introduced. As a result of this, we expect the local community to be included, resulting in income generation. Inside this area, there are over 40 properties. All in favor of creating the unit, because they understand that this is an asset we can not do without.

Before the project began, there were 25 cataloged caves. With the project, this number rose to 92 natural caves; 78 caves and 14 shelters. We are not able confirm it, but there are estimated to be at least 250 caves and shelters in this region.

VILMA MACIEL (FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DA TERRA POTIGUAR – FUNDEP)
Cavernas de Martins Natural Monument
(The Martins Caves)

You have to persevere. And perseverance is something not lacking in those who were born in the *sertão*. Eunice Braz, a wealthy young lady, proved she had it. When she was 20 and having recently graduated in fine arts in the city of Recife, she returned to the town of Cariri to inform her family that she had won a scholarship to study in Europe. Her father did not like the story one little bit and forced her to stay, marry her 60-year-old uncle and go and live in the furthest flung corner of the state of Paraíba, on a farm called Almas.

She had no choice, it was the 1960s: It just was. It was a recipe for unhappiness. But just like the region's flora that knows how to reinvent itself with every dewdrop, Eunice revamped her story. In 1969, she was widowed and became the owner of a huge piece of land. She decided to preserve everything. In 1990, when drought and migration were still synonymous with the *Caatinga*, she transformed 3,500 hectares into the first Reserva Particular do Patrimônio Natural da Paraíba – RPPN, (Private Natural Heritage Reserve in the state of Paraíba).

Something only a visionary would do. "Dona Eunice had a strong personality and was way ahead of her time," said Roberto Lima from the Associação Plantas do Nordeste, APNE, (the Association of Northeast Plants) and one of the co-ordinators of the project, Consolidation and Conservation of the RPPN Fazenda Almas, Paraíba State. "She told me that she was very happy here."

It still took a decade for Science to discover that hidden treasure in the municipality of São José dos Carneiros, 300 km from the city of João Pessoa, capital of the state of Paraíba. "My first contact with Eunice was in the middle of the year 2000. At the university we had a map of the vegetation within the state of Paraíba showing the conservation areas that were protected by law. We did a survey and we discovered Almas. We decided to go there," says Lima, one of the first researchers to come across the largest contiguous area of preserved *Caatinga* in the state.

They got lost a few times along the way. But eventually they arrived. And they never left. "I am part of the research group Flora Paraibana within the Federal University of Paraíba (UFPB).

We did a survey on the species of trees and plants that exist in the state, and went there with the desire to develop a research project,” explains Lima. Eunice immediately agreed.

Since setting foot in the area, the work of Flora Paraibana has taken off. And the buzz about the preserved oasis soon spread throughout the university. From one minute to the next, people wanting to study the place began to appear. Researchers from all over the Northeast and even from the South hit the road to get to know Almas. “There they found new species of beetle and bat, plants that are difficult to find, and endangered birds which here, have a stable population,” Lima lists.

With so many eyes on the place, APNE proposed a project to the TFCA and managed to obtain resources to consolidate that area, once and for all, as a conservation area. Within a few years, the RPPN got its own advisory board, a management plan and a park ranger. Dialogue with neighboring communities increased, schools and universities in the region started to come to visit the area, the environmental police reinforced the supervision and the city hall improved access. The Almas Farm finally found itself on the map.

“A structure had been created, that made it possible for people to continue going there as much to do research as to work on environmental education. The area was already being used for the qualification of several university professors and continues in the masters’, doctorate and post-doc courses,” says Lima.

The supervisory structure has also reduced poaching within the RPPN, by a massive 70%. With all this, came recognition: Almas farm received the UNESCO title Reserva da Biosfera da Caatinga (The *Caatinga* Biosphere Reserve), a rare thing in these parts. “These are enormous achievements for an area that until now has been isolated and without any support.”

There’s plenty of reason to celebrate. After all, the RPPN Almas Farm has managed to be saved like a rough diamond within the immense region of the *Caatinga* which continues to be neglected: The biome is the least preserved in the country, with only 7.5% of areas protected.

We have reached the stage that I call “weaning the community.” That is, they are starting out on their own; the production of extracts, soaps and fruit pulps with products from the native forest. They are replanting and multiplying our nursery on their own. There are work groups that the community itself has organized to go out to the field to collect the ‘crops’.

It is very satisfying.

One of the consequences of the project was the generation of social microenterprises, such as honey and fruit pulp businesses, which now have partnerships with companies in São Paulo to ship products. This means that the project managed to implement a production chain and to make it work as a single unit, generating income at the end of the chain. The project supported by the TFCA is taking on a life of its own and the work will continue, even after the financing has finished. It’s wonderful.

I’ve worked with this for many years. For me, it was a life-changing experience. We’ve begun to see necessities, the forest and its resources through the community’s eyes. I have never been so dedicated to a project.

ZELITA ROCHA (ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE – FITOVIDA)
Conservation, Recovery and Sustainable Economic Use of Biodiversity for the Production of Raw Materials and Bioproducts in Municipalities of the *Caatinga* in Rio Grande do Norte State, with the Valorization of Products from Non-timber Forests

However, there is no shortage of people stepping on the gas to boost this number, such as a small group of researchers from the Federal University of Rio Grande do Norte, (UFRN) which is at the forefront of the project Opportunities for the Creation of protected areas in the *Caatinga*, with Emphasis on the State of Rio Grande do Norte. They have joined together with the Wildlife Conservation Society (WCS Brazil) and decided to create a database indicating the best areas in the state of Rio Grande do Norte to be turned into conservation areas. The idea of the survey is to cross reference information on the region’s biodiversity with the estimated socio-economic costs for the creation of these protected areas (PAs).

It was a bumpy road – but also a surprising one. Traveling around the *Caatinga* is exactly that. “When we looked at the reports on examples which have been collected, we saw that in Rio Grande do Norte, there was actually a black hole of information,” says Eduardo Venticinque from UFRN. They left in the dark. But they found many rays of light on the journey. “When we received the news that we were among those chosen by the TFCA, there were only three of us heading the project. We went around talking to people and it was amazing how quickly we were able to form a group and get the fieldwork done.”

Venticinque’s team discovered that behind the emptiness of that data, there was an army of researchers with their meager master’s and doctorate bags, bending over backwards for the region’s biodiversity. Just like a magnet, the project got all these people into the same circle. “With the TFCA we managed to secure that dissertations and theses be part of this project because they had resources to cover travel, the purchase of camera traps, transport... Without their support we wouldn’t have been able to move forward,” he says.

Having formed the team, a series of workshops was created so that each specialist could show their data. The aim was to identify the areas that the research indicated was relevant. The group also opened up the map of priority conservation areas that the Ministry of the Environment produces periodically. Once they’d cross-checked the data, they came up with a list of 29 areas in the state that deserved more attention. They decided to concentrate on 20. They visited all of them and

came back with an overview of each one, especially regarding the state of the vegetation and deforestation.

When it came to taking more detailed biological sampling, however, the dry season caused them problems: They needed to wait for the rainy season, which is when wildlife is most active. “It ended up strangling us, and we only sampled ten areas,” he says, still, a giant step for the region. “Even with this obstacle, we have a good sample to represent the *Caatinga* of Rio Grande do Norte State,” he said.

They threw themselves deep into each of the territories. Made use of camera traps to record mammals, carried out censuses of birds and reptiles. “We had no idea what we would find. I myself had never placed a camera trap in the *Caatinga*,” recalls Venticinque.

But it worked: The results are already bearing fruit. “When I sample 200 points with camera traps, I’m able to use them all to create a map and then to talk about the habitat of a particular species. If you were to ask me ‘in which places have you seen a skunk?’ for example, I’d open the Geographic Information System (GIS), search the distribution data and say: ‘I found it in this or that town or city, or in the many drainage basins,’” he explains.

It’s not a merely illustrative example: All the collected information is being ‘geo-referenced’. In the end, everything will be delivered to the decision makers. After all, the goal is precisely that the data serves as an indicator so that the powers-that-be can shoot in the right direction when the next conservation units get off to a start. “Once I have the capital to invest in conservation, which are the areas that are worth making this investment in? That’s what our work has sought to foster: To feed these government decisions, pointing out where the most appropriate areas would be and where we can be more efficient and spend less.”

In a special corner of the state of Piauí, the NGO, Comissão Ilha Ativa – CIA, (the Active Island Committee) has already found the answer in the project called Strengthening of Traditional Communities on the Ilha Grande de Isabel, Piauí State for

The cave environment is a very particular one and the tourist part is still somewhat unorganized. Funding was essential. We are part of the advisory group of the National Action Plan for the conservation of the São Francisco Caves. In building this plan, we discovered that the tourist experience in the region’s caves left much to be desired. With the project, we were able to train leaders in three regions: The Upper, Middle and Lower São Francisco region. The project lasted 18 months. We trained almost 90 leaders in 120 hours of instruction.

Sensitizing people who work with groups of tourists is very important because, by knowing how to guide tourists well and managing groups inside the cave, they will contribute to the Caves’ conservation. Leaders are a very important link. If they are conscientious, we will be contributing to conservation. There’s no use working with tour operators, if at the site itself the guide does not care about it.

MARCELA PIMENTA (INSTITUTO AMBIENTAL
BRASIL SUSTENTÁVEL – IABS)
Training Course on Speleotourism for
Guides/Speleotourism Group Leaders

the Conservation and Sustainable Management of Natural Resources. For a few years now, they have also been gathering a multitude of data and arguments for an extractive reserve to be created in the Parnaíba Delta region, called Ilha Grande de Santa Isabel. The place is unique in Brazil. A heady mixture of the *Caatinga*, the *Cerrado*, rivers and the marine systems:⁷ That's where the *sertão* becomes the sea.

With so much wealth, it wasn't going to be long before others turned their attention to these parts: Over the last decade, the number of large contractors requesting permission to move in has rocketed. Resorts, luxury condominiums and huge wind towers have begun to sprout up on the same land that has always given us crab, shellfish and the carnaúba palm. Things have changed in the traditional communities of fishermen and for others who earn a living from the region and who have lived for generations in paradise.

"The peacefulness is over," says Francinalda Rocha of the CIA. "The businesses have arrived, filled in the lakes, taken the land and they do not let the people into areas where they have fished and extracted a living. Gradually, these people are being expelled from their own land."

The impact is huge: Many families have been there for centuries. But in one of these historical 'sidetracks' to which Brazil has become accustomed, the overwhelming majority have no property documentation – 98% to be exact. "Despite living there for generations, they are afraid of losing their land," says Kesley Paiva da Silva, of CIA. "The extractive reserve (Resex) would guarantee their way of life."

Kesley coordinated a CIA survey in order to map the environmental profile of the region in which the extractive reserve is being proposed. Besides the anomalies in the land distribution they found, on entering the region, they were able to confirm a fact that was plain for all to see: Fishing and extractive activities are the main sources of income and livelihoods of the local people. "The big-wigs say that there are no studies proving this socio-environmental fact. With the TFCA project, we've managed to strengthen and expand the proof."

⁷ GUZZI, Anderson. *Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense*. Parnaíba: EDUFPI, 2012.

And they went one step further. In another survey, Liliana Oliveira Souza accompanied the fishermen on their daily routine to find out which species are most often caught and consumed, its commercial value and the amount that is caught. She got a team of volunteers together and, for one year, her wake up call was dictated by the tide: Sometimes she'd get up at 4 am, sometimes at 5 am, and on other days at 7am. She became glued to the ports from where the boats left and arrived. She became the "The fishermen's little princess."

"We wanted to see what fish stocks there are on the island [Ilha Grande] and how they are being used. While the other survey has confirmed that fishing is important to the population, in the future this research can help in the management of the fishing activities," says Liliana. And it already is helping: "We pass the data to the Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio – Chico Mendes Institute for Conservation of Biodiversity, linked to the Ministry of the Environment), who now know the cycles of certain species and which areas they are found in... This information can also help the management plan for the APA Delta." she says, referring to the conservation area which already covers 240 km² of the region.

But the area does not live on fish alone. In a little street of Ilha Grande, all the houses leave their doors open. And each one boasts bags overflowing with shellfish. While their husbands go out fishing, the women get together, get up onto the boats and go out onto the Parnaíba River to collect shellfish. "There from the beginning of the street, up to this part, we're all family. And if they're not, they soon will be. It's what happens after living together for so long." Luiza de Sousa Santos says.

She is one of the oldest shellfish collectors from the neighborhood. And, like all of the women, started as a girl. "I don't like to pick up any old shellfish. I like the big, beautiful ones," she says squatting in the waters of the Parnaíba, as she sieves through her shellfish. Luiza and her colleagues were what Francinalda of the CIA calls "invisible hands". "They were not appreciated for the work they do. In the past, they only ate what they gathered. They are now earning an income from it," she says.

The intention has always been to support organizations of small farmers, *quilombolas*, indigenous peoples... One difficulty they had was being able to participate in government tenders, to prepare projects. They could not access resources because they didn't have the knowledge. We work with a horizontal structure, everyone participating in the states of Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Tocantins and the Federal District. Everyone left the course with a project either completed or in draft and the quality was very good. Soon afterwards, some organizations that participated were approved for the tenders. They really needed this knowledge.

ELISA SETTE (INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA – ISPN)
Environmental Thematic Project Training

Over time, the shellfish gatherers have strengthened their identity and created an association. In 2014, they decided to create the first municipal Shellfish Festival. It was a success. “The CIA helped show us to the world. Nobody knew who we were before, now they do!” Smiles Luzânia de Sousa Santos, daughter of the pioneer Luiza. Does she think their lives will improve? “Only if it is with shellfish,” she replies without hesitation. “I’m happy.”

And she’s not the only one. “I am already 71 years old and I’m not slowing down. I am excited about working,” says Maria do Socorro Lima. When she was just twenty something years old, times were hard and she left the Northeast bound for [the capital] Brasília. As a cook, she raised her six children in the nation’s capital and says she even put food on the table for several presidents of the Republic.

Five years ago she decided to return to the municipality of Ilha Grande, the land of her birth. Her pension was not making ends meet. But “the boys” knocked on her door and taught her the tricks of the farming trade. “Today I produce papaya, tomato, passion fruit, banana, pepper...” she lists, happily. The “boys” were the CIA staff. They also helped set up the weekly Feira de Artesanato e Produtos da Agricultura Familiar, FAPAF, (Craft and Products of Family Agriculture Fair), where produce is sold. “For the time being, we hold the fair once a week. In a little while it will be two, then three. Who knows, throughout the week?” She says.

Whoever comes to FAPAF also comes face to face with Helena Brito Sousa’s huge smile. Her happy, pudgy face almost steals the show from the fresh products she brings from her plot of land: Cassava, pepper, tomato, carrot, maxixe, (*Cucumis anguria*), green onions and more. If it were six years ago, however, Helena would not have any of this to offer: In 2009, she lost her house and plot in a flood that hit the region. The only thing she didn’t lose was her sense of humor. “Those times were great,” she jokes about the tragic past.

Flávio Crespo from the CIA came at an opportune moment, offering technical advice to start replanting and to participate in the fair. “From production to selling, our support sometimes

involves being psychologist, father, social worker,” jokes Crespo. The recipe has worked. “I could be in the throes of sadness, no matter what the problem may be, but we go forward,” states Helena, offering yet another smile to her customers.

It was also Flávio who helped return the sparkle to the eyes of Maria da Paz dos Santos. An excellent craftswoman, she got her daughters and granddaughters together to create a group called the Four Marias. Her hands neatly plaited the carnaúba palm fronds and turned them into baskets, bags and mats that soon became famous throughout Parnaíba. But a tragedy crossed their path: A car went out of control and ran over one of Maria’s daughters.

After this tragic event, the peace that reigned, not only in her name [Maria da Paz/Peace dos Santos] but also within her, disappeared. She became gloomy, not wanting to go on. But with the support of her neighbors and the CIA, she got her strength back. Among all the hugs, she reunited with her friends. And whereas there were four, now there are seven Marias. “There’s a Maria for embroidery, a Maria for crochet, a Maria for everything,” she says, and is about to open a shop with the new group. “I’m really excited,” smiles a serene Maria who has found her peace once again.

For the strong, it is never too late to start.

We were able to revitalize the cultivation of babassu in our region of Ceará State. We managed to give an economic and environmental boost to this cultivation, which is native to the region, but had been forgotten. We spent many days carrying out fieldwork and exchanged not only knowledge and wisdom, but also tastes. We carried out workshops to strengthen the social organization of communities. Having come to the end of the project, we are now self-sufficient enough to take ownership of the knowledge and continue the productive chain of the babassu palm.

FRANCISCO OSVALDO AGUIAR (INSTITUTO DE
ECOLOGIA SOCIAL CARNAÚBA)
Conservation, Restoration and Sustainable Economic
Use of the Babassu Palm (*Orbignya phalerata*) in
Serra Meruoca and Serra Ibiapaba











































































Feira de Artesanato e
produtos da Agricultura Familiar











CRÉDITOS & AGRADECIMENTO

CREDITS & ACKNOWLEDGMENTS

Edição | Editor
HELIO HARA | FUNBIO

Coordenação editorial | Editorial Coordinator
FLÁVIO RODRIGUES | FUNBIO

Fotos | Photos
MARIZILDA CRUPPE
E | AND
FUNBIO (páginas pages 222-223 / 236-237)

Textos | Texts
BERNARDO CAMARA

Revisão técnica | Technical Review Team – Funbio
DANIELA LEITE, FILIPE MOSQUEIRA, MARIA RITA OLYNTHO E | AND NATALIA PAZ

Entrevistas | Interviews
MMA, USAID, Funbio
HELIO HARA | FUNBIO

Direção de arte & diagramação | Design & Layout
GISELLE MACEDO | LUXDEV

Revisão | Proofreader
NO REINO DAS PALAVRAS

Tradução | Translation
RAYMOND SHOULDER

Mapas & infográfico | Maps & Infographic
FERNANDO ALVARUS

Tratamento de imagens | Color Management
PROPIXEL

Agradecimentos | Acknowledgments
FUNDAÇÃO FLORESTAL DE SÃO PAULO
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Agradecemos também o envolvimento dos projetos apoiados pelo TFCA, da USAID, do Ministério do Meio Ambiente e da equipe do Funbio.

We would also like to thank the involvement of the projects supported by the TFCA, USAID, the Ministry of the Environment and the team at Funbio.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

PHOTO CAPTIONS

CERRADO

PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS*, MG/BA (ICMBIO)
GRANDE SERTÃO VEREDAS NATIONAL PARK*, STATES OF MINAS GERAIS AND BAHIA

Páginas Pages 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Páginas Pages 76–77
Pedro Barbosa das Neves (à direita/right) e Odilon Pereira, guarda-parques park guards

Páginas Pages 86–87
Vitória Aparecida, aluna da Escola Estadual Moacir Cândido (Chapada Gaúcha, MG) student at the Moacir Cândido State school (Chapada Gaúcha, State of Minas Gerais)

Página Page 88
Heric Pereira, aluno da Escola Estadual Moacir Cândido (Chapada Gaúcha, MG) student at the Moacir Cândido State school (Chapada Gaúcha, State of Minas Gerais)

Página Page 89
Emilson Marques, aluno da Escola Estadual Moacir Cândido (Chapada Gaúcha, MG) student at the Moacir Cândido State school (Chapada Gaúcha, State of Minas Gerais)

Páginas Pages 90–91
Visita de alunos da Escola Estadual Moacir Cândido (Chapada Gaúcha, MG) ao Parque Visit by the students of the Moacir Cândido State school (Chapada Gaúcha, State of Minas Gerais) to the park

*Projeto Grande Sertão Veredas Grande Sertão Veredas Project – Fundação Pró-Natureza (Funatura)

MATA ATLÂNTICA ATLANTIC FOREST

PARQUE ESTADUAL CARLOS BOTELHO*, SP (FUNDAÇÃO FLORESTAL DE SÃO PAULO)
CARLOS BOTELHO STATE PARK*, SÃO PAULO (FORESTRY FOUNDATION, SÃO PAULO)

Páginas Pages 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Página Pages 154–155
Pedro Soares, monitor de campo/assistente de pesquisa da Associação Pró-Muriqui field monitor/research assistant at Pro-Muriqui Association

Páginas Pages 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169
Muriquis-do-sul Southern muriquis

*Parâmetros Demográficos, Distribuição Geográfica e Conservação de Muriqui-do-Sul (*Brachyteles arachnoides*, PRIMATES, É. Geoffroy 1806) nos estados de São Paulo e Paraná Demographic Parameters, Geographical Distribution and Conservation of the Southern Muriqui (*Brachyteles arachnoides*, PRIMATES, E. Geoffroy 1806) in the States of São Paulo and Paraná – Associação Pró-Muriqui

CAATINGA

**FAZENDA SÍTIO DO MEIO*, INGAZEIRA, PE
SÍTIO DO MEIO FARM*, INGAZEIRA,
PERNAMBUCO STATE**

Páginas Pages 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225,
226, 227

Páginas Pages 230–231

Edivaldo Andrade da Silva, agricultor farmer

* Avaliação e Implementação Comunitária de Manejo Florestal Sustentável da Caatinga *Evaluation and Community Implementation of Sustainable Forest Management of the Caatinga* – Associação Plantas do Nordeste (APNE)

–

**RPPN FAZENDA ALMAS*, SUMÉ, PARAÍBA
FAZENDA ALMAS PRIVATE NATURAL
HERITAGE RESERVE *, SUMÉ, PARAÍBA STATE**

Páginas Pages 222–223

* Consolidação e Conservação da RPPN Fazenda Almas, PB *Consolidation and Conservation of the Private Natural Heritage Reserve (RPPN) Fazenda Almas, in the State of Paraíba* – Associação Plantas do Nordeste (APNE)

**UNIDADE PRODUTIVA BREJINHO*, BETÂNIA, PE
BREJINHO PRODUCTIVE UNIT*, BETÂNIA,
PERNAMBUCO STATE**

Páginas Pages 228–229

Página Page 233

Anizio Antonio da Silva, agricultor farmer

Páginas Pages 234–235

Sergio Leite da Silva, agricultor farmer

* Avaliação e Implementação Comunitária de Manejo Florestal Sustentável da Caatinga *Evaluation and Community Implementation of Sustainable Forest Management of the Caatinga* – Associação Plantas do Nordeste (APNE)

–

**UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR MALHADA*,
POCINHOS, PB
MALHADA FAMILY PRODUCTIVE UNIT*,
POCINHOS, PARAÍBA STATE**

Páginas Pages 236–237

* Consolidação do Manejo Florestal Comunitário em Projetos de Assentamentos Rurais Localizados na Caatinga do Estado da Paraíba *Consolidation of Community Forest Management in Rural Settlement Projects in the Caatinga of the State of Paraíba* – Organização Sertaneja dos Amigos da Natureza (SOS Sertão)

PARNAÍBA*, PIAUÍ

Páginas Pages 238, 239, 240, 241, 258, 259, 260

Páginas Pages 242–243

Roseane de Sousa Santos, marisqueira *shellfish gatherer*, Ilha Grande, Parnaíba, PI

Páginas Pages 244–245

Ilha Grande, Parnaíba, PI

Páginas Pages 246–247

Pedra do Sal, Parnaíba, PI

Páginas Pages 248–249

Rogério Cunha de Oliveira, pescador *fisherman*, Pedra do Sal, Parnaíba, PI

Páginas Pages 250–251

José Maria dos Santos, pescador *fisherman*, Pedra do Sal, Parnaíba, PI

Página Page 253

Raimundo Nonato Gonçalves dos Santos, pescador *fisherman*, Pedra do Sal, Parnaíba, PI

Páginas Pages 254–255

Maria do Socorro Nogueira Lima, agricultora *farmer*, Ilha Grande, Parnaíba, PI

Páginas Pages 256–257

Maria da Paz dos Santos Costa, artesã *artisan*, Pedra do Sal, Parnaíba, PI

* Fortalecimento das Comunidades Tradicionais da Ilha Grande de Santa Isabel (PI) para Conservação e Manejo Sustentável dos Recursos Naturais *Strengthening of Traditional Communities on the Ilha Grande de Santa Isabel, Piauí State for the Conservation and Sustainable Management of Natural Resources* – Comissão Ilha Ativa (CIA)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE – FUNBIO

F978 Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
 TFCA: a experiência brasileira = the Brazilian experience / Marizilda
 Cruppe (fotografia), Bernardo Camara (texto), Helio Hara (texto) – Rio de
 Janeiro: Funbio, 2015.

264 p.: il. color. ; 24 x 30 cm
ISBN 978-85-89368-20-9

1. Biodiversidade brasileira – conservação ambiental. 2. Projetos socioambientais. 3. Mata Atlântica. 4. Cerrado. 5. Caatinga. 6. Jornalismo – entrevistas. 7. Imagens e fotografias. I. Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – Funbio. II. Marizilda Cruppe. III. Bernardo Camara. IV. Helio Hara. V. Título.

CDD 070

©2015 Todos os direitos reservados All rights reserved

FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE

BRAZILIAN BIODIVERSITY FUND – FUNBIO

Rua Voluntários da Pátria, 286, 5º andar – Botafogo

CEP 22270-014 Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel: (21) 2123 5300 Fax: (21) 2123 5354

funbio@funbio.org.br

www.funbio.org.br



Este livro reúne histórias de transformações que contribuem para a conservação do Cerrado, da Mata Atlântica e da Caatinga, biomas de vital importância para a biodiversidade brasileira. De 2010 a 2015, o TFCA apoiou mais de 80 projetos em 20 estados e mobilizou e impactou, direta e indiretamente, o trabalho e a vida de milhares de pessoas. O acordo entre os governos dos Estados Unidos e do Brasil permitiu destinar US\$ 20,8 milhões da dívida do país a iniciativas que tornaram real o que eram antes ideias e sonhos. Histórias e personagens do TFCA no Brasil estão reunidos neste livro, que atesta o poder de mobilização da iniciativa. Aqui se encontram imagens e depoimentos das 68 instituições que constituem parte desse grande todo.

This book is a collection of stories of transformations that have contributed to the conservation of the Cerrado, the Atlantic Forest and the Caatinga; biomes of vital importance to Brazilian biodiversity. From 2010 to 2015, the TFCA supported more than 80 projects in 20 states, mobilizing and impacting directly and indirectly on the work and lives of thousands of people. The agreement between the governments of the United States of America and Brazil allowed the allocation of US\$ 20.8 million of the country's debt to initiatives that have turned what were once ideas and dreams into reality. Stories and characters of the TFCA in Brazil are brought together in this book, which demonstrates the power of mobilization of this initiative. Here you will find pictures and testimonials of the 68 institutions that make up part of that greater whole.



Ministério do
Meio Ambiente

